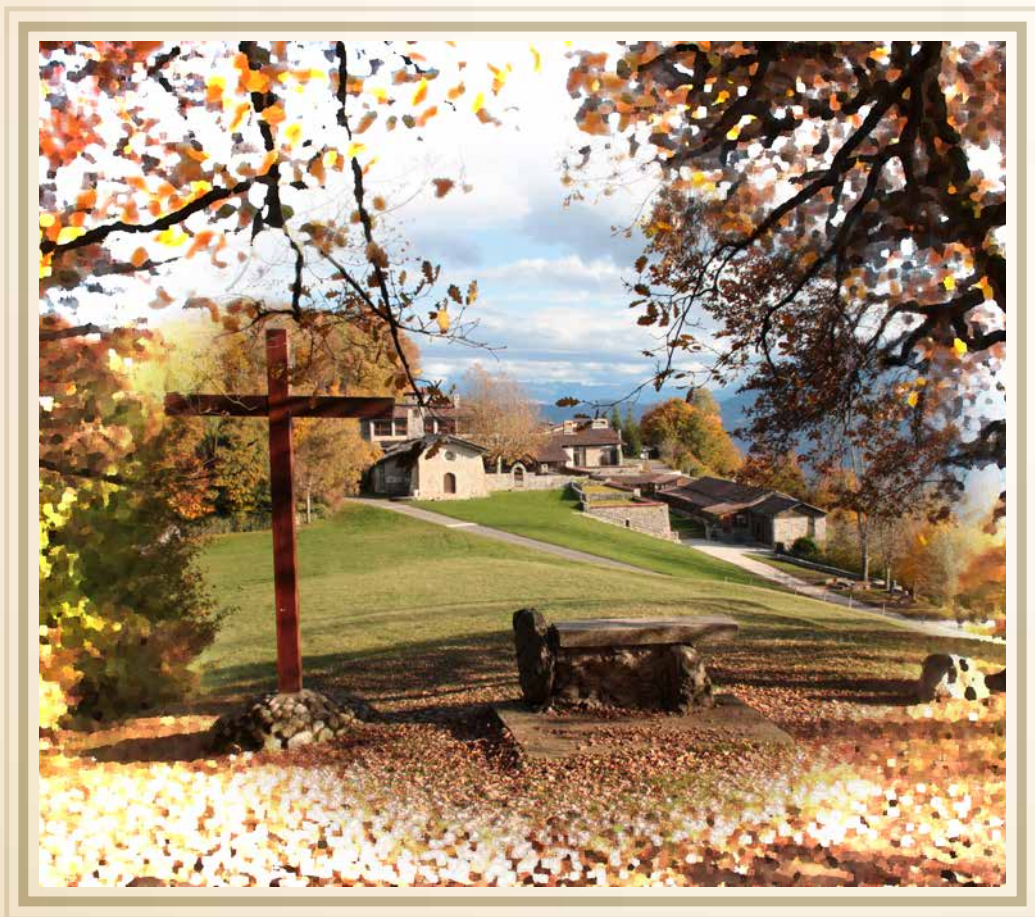


UM CAMINHO DE ORAÇÃO

GUIADOS POR JOÃO BATISTA DE LA SALLE



António Botana, fsc

António Botana, fsc

Um caminho de oração
guiados
por João Batista
de La Salle

Edições La Salle
2017

- 1ª Edição em espanhol – 2016

- 1ª Edição em português – 2017

(Versão portuguesa: Irmão Luis Lopez, **fsc**)

- Segundo o último Acordo Ortográfico luso-brasileiro -

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B748c Botana, António.

Um caminho de oração [recurso eletrônico] : guiados por João Batista de La Salle / António Botana ; [versão portuguesa: Luis Lopez]. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Província La Salle Brasil-Chile, 2017.

ISBN: 978-85-89177-70-2

Livro eletrônico.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: < <http://www.irmaosdelasalle.org>>.

Tradução de: Un camino de oración : guiados por Juan Bautista de La Salle.

1. Religião. 2. Teologia. 3. Oração. 4. La Salle, João Batista de, Santo, 1651-1719. I. Título.

CDU: 243

Como utilizar este livro?

Como um guia de viagem.

O guia oferece-te, em primeiro lugar, uma perspetiva global da região que vais percorrer. Certamente motiva-te para que te lances a percorrê-la, e avisa-te de algumas condições que deverás ter em conta (vestimenta, atenção ao clima...) bem como da assistência que podes vir a precisar. E, desde logo, um mapa. Num mapa podes ver de imediato onde está o norte e o sul, e quais os lugares mais significativos, e os acidentes mais importantes no relevo geográfico...

Logo, o normal não é que te ponhas a ler o guia de modo seguido, mas acudindo a ele para preparar a próxima etapa, para escolher o caminho mais apropriado, talvez para conhecer melhor essa parte do terreno em que te encontras, ou o lugar que estás visitando. E é muito possível que, de vez em quando, tornes a ler esta ou aquela seção, porque te ajuda a lembrar e valorizar melhor os *lugares* pelos que estás a passar.

É mais ou menos isso. Aqui encontrarás, nos dois primeiros capítulos (sem numeração), uma breve descrição do terreno que começa a trilhar e algumas motivações para que te decidas a internares-te – porque vale a pena! – e também te advertirá de certas condições que haverás de ter em atenção se quiseres empreender a aventura com êxito.

Para esta apresentação inicial, toma-se como referência ao Bartimeu, o cego do Evangelho de Marcos (10, 47-52): o relato descreve-o **sentado** à beira do caminho. Quando ouve que Jesus está a passar, põe-se a gritar, a pedir ajuda, e, ao ser convidado para se levantar e se aproximar de Jesus, toma então a decisão fundamental da sua vida: **dá um salto**, e aí é que começa a sua aventura. No final do relato, Bartimeu aparece já a **caminho**, unido aos que seguiam Jesus.

Se quiseres saborear esta aventura da oração, tens a ajuda dos capítulos que se seguem, **“Ponhamo-nos a caminho”**. Contas, então, em primeiro lugar, com um “mapa” (cap. 1) que te oferece uma panorâmica global. Quanto aos outros capítulos... há de te movimentar entre eles com liberdade e, sobretudo, sem pressas.

A quem é que vai dirigido?

Este guia de viagem para a aventura da oração nasce da experiência de um homem com carisma: *João Batista de La Salle*. E vai dirigido especialmente a quantos se sentem em sintonia com esse carisma, ligado a um ministério eclesial que é o da educação cristã de crianças e jovens, especialmente dos menos afortunados.

Pela mesma razão, o guia pode ser útil para quantos gastam a sua vida na educação, ainda que o façam desde outros carismas eclesiais. A uns e a outros, as referências que frequentemente encontrarão ao trabalho com seus discípulos, ajudá-los-ão a unir a vida de oração com o seu modo particular de construir o Reino, que é a educação.

Uma vez advertidos destas referências explícitas ao itinerário lassalista e ao ministério educativo, que são facilmente extrapoláveis a outras tarefas do Reino, outros cristãos, homens e mulheres, não educadores, que desejem orar, podem se aproveitar bem do conjunto do guia para orientar a sua procura e aprendizagem da oração. Em definitivo, é um terreno comum ainda que com muitas formas de o percorrer.

Pistas para o Caminho

À beira do caminho

Está na hora de dar um salto

Ponhamo-nos a caminho:

1. Começa a aventura: uma olhada ao mapa
2. Orar é... um tempo de retiro
3. Orar é... uma relação de amor
4. Orar é... esperar que Ele passe, ainda que se demore
5. Orar é... se abrir à presença de Deus, e “celebrá-la”!
6. Orar é... entrar no mistério de Cristo e se deixar evangelizar por Ele
7. Orar é... deixar ao Espírito que ore no meu interior
8. Orar é... agradecer e oferecer, como instrumento que se é da obra de Deus

À BEIRA DO CAMINHO

À beira do caminho... **sentado**, pedindo esmola aos que por lá passavam, estava um cego chamado Bartimeu. Um dia, ao ouvir que passava Jesus de Nazaré, Bartimeu pensou assim:

“Este é um profeta poderoso. Ele pode devolver-me a visão. Esta é a ocasião!”.

“E começou a gritar:

Jesus, filho de David, tem compaixão de mim!

Muitos repreendiam-no para o fazer calar, mas ele gritava cada vez mais:

Filho de David, tem misericórdia de mim!”

Isto já é oração

Todo o homem crente, por pouco que o seja, desenvolve alguma forma de oração, ainda que não seja mais do que a de “se lembrar de Santa Bárbara quando tropeja”...

Um nível muito elementar de oração é este: nas minhas necessidades e problemas (doença, perigo, fracasso, solidão, desconcerto...) quando parece que me está a falhar todo o auxílio humano, então volto o olhar para esse Ser que tudo pode, e *lhe peço* que me ajude, que me conceda o que eu não posso obter pelos meios naturais.

É uma oração “forçada pelas circunstâncias”...

Talvez seja uma forma muito “interesseira” de recorrer a Deus, mas é preciso dizer que isso já é *uma forma válida de orar*. Deus “deixa-se” pôr a nosso serviço, porque, em definitivo, Ele é Pai.

No mínimo, por trás desta forma de oração há uma atitude religiosa de *dependência* de Deus. Isso já é positivo.

Além disso – e já seria um nível mais profundo – essa oração de petição pode ir fundamentada numa atitude de confiança na bondade de Deus, pois Ele só quer o nosso bem... Isso é mais positivo.

Mas, ainda podemos acrescentar que é o mesmo Jesus quem avaliza este tipo de oração, quando nos diz:

“Pedi, e dar-vos-ão,... Pois todo o que pede recebe, e o que procura encontra, e ao que chama, Deus lhe abrirá a porta.

... Pois se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará coisas boas àqueles que Lhas pedirem!” (Mt 7,7-11).

Para muitas pessoas, estes momentos de “oração de petição” acabam por ser, na sua vida, como que *uma tomada de consciência*, ainda que muito elementar, de que têm um Pai, que eles são filhos, e que, portanto, podem usar o seu direito de filhos, que é o de acudir ao pai na sua necessidade.

Não apenas pedir. Mas também comunicar-me

A oração enriquece-se quando não me limito a pedir, mas que me dirijo a Deus como Aquele que me escuta, porque *está interessado em mim*: conto-Lhe o que me acontece, os meus projetos...; dou-Lhe graças por tudo o que recebo d’Ele...

Esta consciência filial que aparecia já na oração de petição, agora desenvolve-se um pouco mais.

Qual é a imagem de Deus que está aqui como pano de fundo? Não será como que um “marco do correio” silencioso, que recebe em silêncio o que eu “deito nele”? É verdade que isto permite-me exprimir-me, cair na conta do que eu sou e do que tenho recebido, e, a partir daí, posso continuar a crescer na fé...

Mas essa imagem do *marco do correio* alerta-nos contra certas deformações em que podemos cair, nestes primeiros passos do nosso caminho de oração:

- Talvez me “esqueça” de que Deus não está apenas para escutar e atender o que eu lhe diga ou lhe peça. Ele tem também alguma coisa para me dizer e pedir.
- Neste “esquecimento”, a oração resulta ser uma comunicação num só sentido: eu falo a Deus, mas não Lhe escuto.
- Consequência: a oração converte-se num meio “espiritual” de satisfazer os meus desejos, mas *não me converte* para Deus... Nesse caso, a minha oração terá de ser sempre igual: não há processo – caminho – de oração.

A interrogação: um estímulo para iniciar o caminho

Há um outro tipo de oração que parece também “forçada pelas circunstâncias” e que surge na pessoa espiritualmente sensível, embora não seja muito “praticante”: Poderíamos chamá-la *oração de interpelação*, e expressa-se frequentemente nos salmos. É o homem que se encontra diante da injustiça, a opressão do débil, o sofrimento do inocente, a desgraça inesperada... tem tendência a se rebelar por dentro e acusa a Deus: *Porque é que permites esta situação?*

Pode ficar num simples desabafo, mas pode ser também o início de um diálogo aliciante com Deus – é o caso de Jó –, ou até de uma procura de sentido através da Bíblia...

A interrogação repetida, quando não se fica simplesmente pela expressão de uma frustração, está a espera de uma resposta.

Assim vou chegando a uma nova opção: a de admitir que Deus me pode querer dizer alguma coisa; pode dar resposta às minhas interrogações. Deus começa então a aparecer como *interlocutor*, e não como um simples *marco do correio*.

Quase ao mesmo tempo, descubro uma outra realidade: que Deus, em vez de responder, talvez prefira calar. Desde esta tomada de consciência, começo a observar o grande *limiar* da oração cristã: o reconhecimento da *alteridade* de Deus. Quer dizer, Deus é “Outro”, é diferente de mim; por vezes – ou com frequência – não O entendo; não posso controlá-l’O a meu gosto; não posso obrigá-l’O a *entrar no meu jogo*; sou eu que devo entrar no jogo d’Ele...

As interpelações são abundantes nos Salmos, e Jesus também as utiliza:

- *Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?* (Salmo 21,2).
- *Porque é que ficas longe, Senhor,
e Te escondes no momento da dificuldade?* (Salmo 9,22).
- *Até quando, Senhor, continuarás a esquecer-me?
Até quando me esconderás teu rosto?
Até quando hei de estar preocupado,
com o coração triste todo o dia?* (Salmo 12,2-3).
- *A ti, Senhor, chamei, supliquei ao meu Deus:
O que é que Tu lucras com a minha morte, o que é que
ganhas com o facto de eu descer à cova?* (Salmo 29,9-10).
- *Porque é que escondes o Teu rosto e esqueces a nossa
desgraça e opressão?* (Salmo 43,25).
- *Estou rouco de tanto gritar, dói-me a garganta;
cansam-se os meus olhos à espera do meu Deus.* (Salmo 68,4).
- *Passo a noite a refletir em meu coração,
e o meu espírito medita e procura: “Porventura, irá o Senhor
abandonar-nos para sempre?
Não voltará mais a ser-nos favorável?”* (Salmo 76,7-8)

Ai, a minha vertigem!

Chegados a este ponto, como que começam a sentir, muitos crentes, uma sensação de vertigem; e a reação imediata é deitar-se para trás, ou ficar por aí.

Em definitivo – pensam eles –, será realmente necessário ir mais além na nossa vida de crentes? Não basta com essa oração “espontânea” ou essa outra provocada pelas diversas circunstâncias da vida...?

Entre os que formulam esta questão, há muitos que já têm a sua resposta assumida no sentido negativo:

- Uns dizem que isso está bem para padres, frades e freiras... pois entra na sua opção de vida, mas o “cristão comum” tem outras coisas a fazer...
- Outros dizem que os “tempos fortes” de oração, diariamente, são coisa de contemplativos. Para a maioria, a gente “ativa”, é suficiente que façam o trabalho diário com boa consciência, pois esse trabalho “é já oração”...

Além de outras muitas motivações, deveríamos fazer, como cristãos, esta simples reflexão:

Jesus orava muito e orava frequentemente. Quer em grupo quer na sinagoga, mas sobretudo *orava a sós*. Nesta oração, em diálogo com o Pai, vai descobrindo a sua missão e como realizá-la. E sempre que há de tomar uma decisão importante, dedica um tempo extra à oração (ver, no Evangelho de Lucas, especialmente). E, no entanto, ninguém como Ele vivia, continuamente, “na presença de Deus”, e ninguém como Ele podia dizer que “o seu trabalho era oração”...

Se Jesus orava, nós, os seus seguidores e discípulos, não vamos orar também?

Se alguém me abrir...

Observemos desde esta outra perspectiva: a oração é a porta ou limiar pelo qual Deus entra na minha vida. Ele necessita que eu Lhe abra, para que Ele possa transformar-me por dentro. Mas esse limiar não pode ser transposto enquanto a minha oração seja apenas ao “Deus-marco”.

“Para que orar? Oro para poder abrir-me a Deus. Deus não é um pai

possessivo que está sempre interferindo, sem me deixar ser eu mesmo nem tomar as minhas próprias decisões, mas deixa-me livre e espera que eu fale. Tenho que abrir a porta e convidá-l’O a entrar. *“Olha que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, Eu entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo” (Ap 3,20).*

Quando rezo, abro as portas da minha vida a Deus e deixo-Lhe entrar. E Ele entra. Introduz-Se para purificar e transformar a minha vida. Limpa tudo, muda de sítio alguma mobília e deita fora algumas coisas. Limpa as janelas para que eu possa ver os outros e o mundo exterior com maior claridade; enche o frigorífico e o congelador com alimentos para me sustentar; mede a minha temperatura, mete-me na cama e prescreve-me algum medicamento para que melhore. Repreende-me ou elogia-me, conforme o caso.

Desde logo, estou a falar em linguagem figurada, mas espero que se compreenda o que pretendo dizer. A presença de Deus julga-me, purifica-me, alimenta-me, sara-me e fortalece-me.

Quando oro, exponho-me a Deus, como na praia ao sol; abro-me à sua graça, à sua influência misericordiosa, ao fluxo da sua luz e da sua vida, do seu poder e do seu amor”.¹

Uma história interminável

Quando decido entrar no caminho de oração, começa para mim uma história interminável:

História, porque a oração será a história da minha vida, que vou contemplando desde a fé, *narrando-a* a Deus e escutando a *Sua narração*.

História, porque será algo de vital, mutável, segundo mudem as circunstâncias da minha vida. Não poderá ser uma repetição de esquemas ou de fórmulas, nem a sujeição escrava a um método.

Interminável, porque será uma relação interpessoal com Deus, que irá conduzindo-me por caminhos imprevisíveis, descobrindo-me o sentido, sempre novo, da minha vida de cada dia...

No livro da oração, há sempre “uma página a seguir”. E o mais estimulante desta aventura começa quando eu mesmo entro na história e esqueço-me do *livro material*.

1 E. Pilkington, *Aprender a orar*. Sal Terrae, Santander 1995, 15-16.

ESTÁ NA HORA DE *DAR UM SALTO*

...Então Jesus parou e disse:

- “Chamai-o”.

Chamaram o cego, dizendo-lhe:

- “Coragem, levanta-te que Ele chama-te”.

E o cego, atirando fora a capa,

deu um salto

e veio ter com Jesus.

Quando começa a aventura?

A oração como aventura – não já como repetição do que é sabido – começa quando decido sair ao encontro de Deus para O descobrir como *pessoa*. Digo-me a mim próprio: *Vou encontrar-me com Ele, quero conhecer o seu rosto; quero senti-l’O dentro de mim...*

E é isto mesmo que vou dizendo-Lhe a Deus, repetidamente, maçadoramente, como faz o *Salmista* (tantos “salmistas” que já houve no mundo!):

- *Oiço em meu coração: “buscai meu rosto”.
-Teu rosto buscarei, Senhor, não me escondas teu rosto. (26,8)*
- *Como suspira o veado pelas águas correntes, assim a minha alma suspira por Ti, ó Deus; minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo! Quando poderei contemplar a face de Deus? (41,2)*
- *Ó Deus, Tu és o meu Deus! Anseio por Ti!
A minha alma tem sede de Ti; todo o meu ser anela por Ti, como terra árida, exausta e sem água. (62,2)*
- *Caminharei na presença do Senhor, no país da vida.(114,9)*
- *Levanto os meus olhos para Ti, Senhor, para Ti que habitas nos céus. (122,1)*

E o que está no princípio da oração é, na realidade, o objetivo ou finalidade da oração: *encontrar-me com Deus*, face a face.

E Deus começa a atravessar esse limiar do meu interior: por meio da oração, dou-Lhe cada vez mais cabida nos meus desejos, nas minhas preocupações, nas minhas intenções... Desde a oração sintonizo a minha vontade com a Sua, cada dia um pouco mais...

Notemos a mudança que acontece a respeito daqueles primeiros níveis do início: agora, Deus já não é apenas o meu confidente ou o meu auxílio na necessidade (que também o é), mas O que me atrai para Si, que quer tornar-me à Sua imagem, Aquele que me ama e deseja ser correspondido.

Antes que tudo, uma maneira de viver

Quando uma pessoa “entra” nesta aventura da oração, adquire, antes de mais, uma maneira de viver, feita de *presença* e de *relação*: a vida *acontece* na presença de Deus e é tecida numa relação pessoal com Ele.

É aquele estilo que Abraão, *o pai dos crentes*, tinha feito seu, segundo o que Deus lhe tinha proposto: “Caminha na minha presença com lealdade” (Gn 17,1).

No nosso interior, senti-lo-emos como uma energia que nos impele a *prestar atenção* a Deus, a *descobri-l’O* no mundo, nas pessoas, nas coisas e na nossa própria vida; e a *tentar descobrir a Sua vontade, e agir em consequência e em consonância com ela*.

A presença de Deus dá unidade à nossa vida, pois toda ela situa-se em ambiente sagrado. O ambiente não se faz sagrado porque se vá semeando de gestos como *benzer-se*, usar *santinhos* ou *cruzes*... mas pela sua *dependência* do **querer** de Deus.

Mas, logo a seguir, os *tempos fortes*

Este modo de viver *em relação* com Deus precisa de “tempos fortes”, como os necessitam o marido e a esposa para alimentar o seu carinho mútuo, tempos para estar *um* com o *outro*, sem mais nada para fazer. São tempos nos quais o amor se retroalimenta e deita novas raízes. Desde esses *tempos* dá-se luz e color ao dia e à vida inteira.

A diferença está agora em que “o Outro” deste encontro não é tangível, não se deixa sentir facilmente; inclusive, por vezes, parece que está ausente. E é cá que vem o difícil da oração: Aborrece-me; não sei o que dizer; não Lhe oiço; distraio-me continuamente; dá-me a impressão de que não estou a fazer nada... É a experiência pela que todos passamos, de uma forma ou de outra, em situações mas ou menos breves, ou prolongadas indefinidamente.

Nesses tempos fortes de oração, quase tudo dependerá de Deus, pois a oração é, na realidade, *um dom de Deus*. Ele é quem nos atrai para Si, *nos mostra o Seu rosto*, ou no-lo oculta, às vezes, para que nos esforcemos em procurá-l’O... Mas é a mim que corresponderá continuar a pôr os meios para *me encher d’Ele*.

Santa Teresa oferece-nos uma imagem muito sugestiva para compreendermos esta relação entre o *esforço* do homem e o *presente* de Deus, na oração: Para uns, os que estão a iniciar a prática da oração, o se encher de Deus assemelha-se a tirar

água de um poço muito fundo, *com um balde puxado por uma corda*. Para outros, é como tirar água do mesmo poço, mas *com a ajuda de uma ‘nora’* movida por um animal. Outros levam água do rio *através de acéquias*, com mais abundância e facilidade. Finalmente, há aqueles cujo horto rega-se *pela água da chuva*, sem nenhum esforço da sua parte, mas só o de ter bem disposto o terreno.

A uns, Deus dá-lhes água de chuva quando apenas acabam de iniciar o seu processo de oração. Outros, porém, estão toda a vida tirando água a contagotas... Mas eis o texto de *Teresa de Jesus*:

“Quem começa a fazer oração há de pensar que prepara um horto para deleite do Senhor, em terra inicialmente muito infrutuosa, que tem muitas ervas daninhas. Sua Majestade vai arrancar estas ‘más ervas’ e há de plantar as boas. Façamos de conta que o horto já está feito quando uma alma se determina a fazer oração. [...]”

Pois vejamos agora de que maneiras se pode regar, para que saibamos o que temos de fazer e o trabalho que nos há de custar, se é maior que a ganância e quanto tempo o havemos de regar.

Acho que pode ser regado de quatro maneiras:

- *Ou tirando a água de um poço, que supõe um grande trabalho da nossa parte;*
- *Ou com ‘nora’ e arcaduces, que se tira com um torno (ou com ajuda de uma animal); eu já tirei água assim algumas vezes: é menor trabalho que o anterior e tira-se mais água;*
- *Ou de um rio ou riacho; assim rega-se melhor, pois fica mais farta a terra de água e não é preciso regar tão amiúde, e exige esforço menor ao hortelão;*
- *Ou chovendo muito, que o rega o Senhor sem nenhum trabalho nosso; este modo é melhor que todos os anteriores.*

Podemos dizer que os que começam a fazer oração são aqueles que tiram água do poço, que o fazem com muito trabalho da sua parte, pois hão de se cansar em “recolher os sentidos”, e como estão habituados a ir dispersos, custa-lhe muito o “recolhimento”².

2 Sta. Teresa de Jesus. *Vida*, 11,6-9.

Comecemos pegando no balde para tirar água do poço

a) Tempo: O tempo é o primeiro que é preciso determinar para a oração; o que mais nos custa decidir, e o primeiro que se retira quando não nos satisfaz ou quando pensamos que temos coisas mais importantes ou urgentes que fazer...

Quanto tempo há que dedicar à oração? Essa é uma pergunta mal formulada. Melhor seria dizer a mim mesmo: *Quanto tempo quero eu dedicar à oração?* A resposta dependerá do caminho que já tiver percorrido nesta aventura, de como sinto dentro o desejo de me encontrar com Deus, das minhas circunstâncias concretas (familiares, de trabalho, de saúde...).

Posso assinalar um tempo semanal, mas o ideal é ser diário e, preferentemente, sempre à mesma hora: facilita a fidelidade...

b) Lugar: Dado que vivemos num estado de dispersão, custar-nos-á muito, sobretudo ao princípio, aplicar-nos à oração. Convém, pois, encontrar um lugar adequado. Mas se espero até encontrar o lugar ideal para começar a fazer oração, então nunca vou começar. Hei de ser realista e procurar, dentro das minhas possibilidades, acomodar o que tenho à mão...

E mais do que o lugar exterior, o que devo preparar é *o lugar do meu interior*; e servir-me dos elementos materiais que possam facilitar a minha atenção: silêncio/música, símbolos ou sinais...

c) Recolhimento: Ao exercício consistente em *procurar o lugar interior da minha pessoa para fazer a oração*, La Salle chama-o “recolhimento”. Deixo-me arrastar pela força do Espírito, que me conduz *até ao centro do meu ser*.

A experiência de Santo Agostinho salienta a necessidade de chegar a esse “lugar sagrado” que é a raiz do nosso ser:

Tu estavas dentro de mim; eu, fora. Por fora eu procurava-Te e me lançava sobre o bem e a beleza criados por Ti.

Tu estavas comigo e eu não estava contigo, nem comigo.

As coisas retinham-me longe.

Não Te via nem Te sentia, nem sentia a Tua falta...

E uma vez começado, sempre há uma página a seguir...

A oração, vista desde dentro, é uma história interminável, e nunca sei para onde vai levar-me. Porque descobrir Deus é coisa de toda a vida – de toda a eternidade, para sermos exatos – e cada dia tenho de me perguntar e perguntar-Lhe qual é a Sua vontade sobre mim, e tenho de Lhe pedir forças para a cumprir.

Os métodos de oração são métodos para aprender a ler a história, mas nunca revelam o conteúdo dessa história – já que, então, matá-la-iam –.

O método lassalista, por exemplo, ensina-nos a ler a *presença* de Deus na nossa vida, e a ler o *mistério* de Cristo que se está revelando no mundo, nos nossos discípulos, em nós mesmos.

Mas essa leitura só ganha vida e se faz história graças ao *sentimento de fé apoiado na Palavra de Deus*, que vai surgindo do fundo do nosso coração nesse tempo forte da oração.

PONHAMO-NOS A CAMINHO

... Jesus perguntou-lhe:

- Que queres que Eu te faça?

Respondeu o cego:

- Mestre, que eu veja.

Jesus disse-lhe:

- Podes ir embora. Pela tua fé ficas curado.

E, nesse instante, Bartimeu recuperou a vista,

e se juntou aos que seguiam Jesus

no Seu caminho.

(Mc 10,46-52)

Um guia com experiência: João Batista de La Salle

Será que estou decidido a iniciar o caminho da oração, ou a fazê-lo com maior seriedade porque talvez já estou nele desde faz muito tempo e não consigo avançar? Aqui e agora, oferecem-me um bom guia: *João Batista de La Salle*.

João Batista pode ser guia, primeiramente, pelo seu próprio itinerário, pela sua experiência pessoal de oração, de buscador de Deus, de profeta atento aos sinais que Lhe anunciam a chegada ou o querer de Deus; pelas dificuldades que teve de experimentar nela, pois, em não poucas ocasiões, Deus deixou-o em silêncio, não Lhe facilitou as coisas. João Batista conhece o caminho, é um bom experto.

Ele é, ainda, um mestre de oração: pelo ensino que nos oferece acerca dela ao longo de toda a sua obra, especialmente em muitas das suas Meditações, suas Cartas e a sua *Explicação do Método de Oração*; esta última obra, escrita já no fim da sua vida. Sobretudo, é o mestre porque teve de acompanhar muitas pessoas no caminho da oração, e sabe quais são os obstáculos mais frequentes; atrai a atenção sobre aquilo que é essencial e relativiza o que é acessório ou instrumental.

João Batista propõe-me um *método*, que, atendendo à etimologia da palavra, é “caminho”. Temos de o entender em sentido amplo: é o método de um caminho múltiplo e com muitas rotas possíveis...Há muitos caminhos concretos para avançar na oração: mais curtos ou mais longos, mais imaginativos ou mais racionais, mais discursivos ou mais contemplativos, etc. Mudam de acordo com as pessoas e o seu temperamento, e, numa mesma pessoa, consoante o seu nível de maturidade e as suas experiências vitais.

O guia de oração acompanha o aprendiz e trata de o ajudar a encontrar o caminho que melhor Lhe convenha. Sobretudo, a preocupação do guia é ajudar o aprendiz a que reconheça o verdadeiro Mestre de oração, o Espírito Santo, e se ponha sob a Sua direção. Por isso, o nosso guia, João Batista de La Salle, insiste tantas vezes, através de todo o seu ensino, sobre a necessidade de *estar atentos às inspirações do Espírito Santo* e de se deixar conduzir por Ele, e oferece critérios para poder distinguir entre as próprias “ilusões” e as inspirações do Espírito.

As propostas do nosso guia se orientam a nos descentrar de nós mesmos para nos situar diante de Deus, para nos centrarmos em Cristo, deixando o Espírito Santo que ore em nosso interior. E a motivação não será “a vontade de orar”, mas a fé apoiada na Palavra mesma de Deus. É uma oração comprometida. João Batista de La Salle leva-nos a compreender a oração como uma celebração, um encontro gozoso com Deus Pai que atua na história, que nos salva em seu Filho Jesus e nos envia a colaborar na sua Obra.

O caminho da oração é um caminho existencial, uma relação interpessoal única, feita desde a vida, que não admite estereótipos. Mas este caminho pessoal está sempre ameaçado pelo subjetivismo, a desorientação, o cansaço... Por isso é bom ter sempre à vista esse caminho referencial, traçado por alguém cuja experiência de fé é próxima à nossa por muitos motivos. Os que recebemos o dom de partilhar o carisma fundacional de João Batista de La Salle participamos também na sua espiritualidade e nas mediações fundamentais que o levaram ao encontro com Deus.

A proposta do nosso guia

Desejas que te acompanhe neste caminho de oração que decidiste iniciar, ou no que já estás desde faz algum tempo mas que queres melhorar? Conta comigo, mas confesso-te que não me vai ser fácil. É que a minha experiência como guia ou acompanhante de oração está redigida em palavras e imagens que são de faz três séculos. A teologia que eu estudei, e a antropologia que naquela altura vivíamos não te vão resultar precisamente familiares.

Apesar deste inconveniente inicial, acho que nós poderemos entender, com duas condições: pela minha parte, hei de selecionar aquilo que pode resultar útil para ti, e deixar de lado o que, provavelmente, corresponde a outras situações humanas e outras formas de viver a espiritualidade que já estão ultrapassadas. E pela tua parte, terás de te esforçares para descobrir a vida que está mais ou menos oculta por trás da velha roupagem dos textos originais que te apresentarei.

Além de te falar com textos que deixei escritos³ e podem continuar a ser inteligíveis, servir-me-ei também de termos e expressões desta época da Igreja, que hoje estás a viver, embora não se encontrem nos meus escritos originais. Assim, ser-te-á mais fácil captar o espírito que pretendo transmitir-te.

Começarei por te mostrar o mapa dos lugares por onde iremos movimentar-nos, para que tenhas uma visão do conjunto da aventura que te espera. Não o confundas com uma viagem programada: é uma aventura e, como tal, cada etapa é imprevisível. A panorâmica deste mapa ajudar-te-á a situar e relativizar as diferentes situações em que possas vir encontrar-te, e a pô-las em relação com o que é o núcleo desta aventura: a presença e o mistério de Deus em Jesus Cristo.

Embora estejamos utilizando a imagem do “caminho”, também ela não é exata, já que pode-te levar a pensar que o objeto da nossa procura está no fim, o que não está certo: em cada passo do caminho, Aquele que procuras está à tua beira; mas o caminho ajudar-te-á a fazer a relação mais intensa, o diálogo mais fluido, o sentimento da Sua presença mais entranhável.

³ As citações textuais que procedam dos escritos originais de João Batista de La Salle irão sempre entre aspas e em *“Itálico”*.

Uma outra imagem pode aproximar-te da essência desta aventura: a oração é como sair cada dia ao encontro do amigo que espera por ti. Mas não sabes exatamente onde, e o terreno é muito diverso: pode estar à tua espera junto de uma fonte, ou no alto dum monte, ou em terra desértica; pode estar oculto no nevoeiro ou resplandecente no pleno dia; na solidão ou no meio da multidão... Terás que aprender a reconhecer os sinais da Sua presença, nem sempre evidentes. Como os Magos⁴, terás de escutar os céus para descobrires a estrela que te conduz até Ele; mas, sobretudo, terás que descobrir no teu coração a luz da fé que te atrai para onde Ele espera por ti, ainda que não O vejas.

Por tudo isso, as pistas que se seguem não são para ler de modo seguido(!).

- Em primeiro lugar, são “pistas” e não normas nem fórmulas que seja preciso seguir literalmente para garantir o resultado, como numa reação química. Porque nos referimos ao encontro com uma Pessoa, não com um objeto.
- Em segundo lugar, não são “para as ler”, mas para as introduzir na oração e deixar que te evoquem ou sugiram o que tens no interior.
- E, finalmente e por consequência, não são para as apreender todas de uma vez (de modo seguido): fica com uma parte e medita-a ou deixa que oriente a tua oração; e noutra ocasião pode ser a seguinte parte, ou outra de um capítulo diferente, porque pode estar mais em relação com o que estás a sentir na situação atual.

⁴ Ver a Meditação 96, para a festa da Epifania, que nos descreve o caminho dos Magos para encontrar Jesus no presépio de Belém.

1.

Inicia-se a aventura: olhamos para o mapa

1. A TAREFA: UMA LONGA VIAGEM

Neste primeiro capítulo, vamos dar uma olhada global ao mapa, que te proponho percorrer. Logo iremos fazer os diversos trechos do caminho, com calma, e dedicaremos especial atenção a algumas paisagens pelas que, numa oportunidade ou noutra, hás de passar.

Mas, antes de começar, convém que sejas consciente de alguma coisa que eu te vou mostrar, e que talvez precisas para o caminho. Vejamos: como é que se poderia iniciar um método moderno de oração, de acordo com a sensibilidade atual? Seria qualquer coisa como:

Se quiseres aprender a fazer oração, começa por procurar um lugar tranquilo, silencioso. Talvez te possa ajudar uma música de fundo, suave e relaxante. Põe à tua frente alguns símbolos que captem a tua atenção: um ícone, um círio aceso, algumas velinhas... Senta-te cómodo, fecha os olhos, dedica uns minutos a distender os músculos do teu corpo. Depois, concentra-te em alguns dos símbolos que tens diante e pensa que Deus está aqui contigo...

Parece inegável a sua lógica. Tudo bem. Mas isso seria apenas o “antes” da oração, aquilo que precede a cada exercício de oração. Se vives num ambiente de agitação, de dispersão, de ruído... coisa bastante frequente hoje, necessitarás procurar ou criar um ambiente propício para o encontro, para “te fazeres presente” tu mesmo e te encontrares com o “Tu” de Deus. Se te sentires tenso ou nervoso, necessitarás acalmar-te. Se estiveres preocupado ou distraído, precisarás alguma coisa que te ajude a te concentrares...

De tudo isso, eu não te vou falar aqui. Mas é importante que te interrogues acerca disso, por aquilo que necessitas e te convém, segundo a tua forma de ser ou o ambiente em que vives habitualmente, e ponhas os meios para que a oração resulte possível.

Agora sim, abramos os olhos sobre o mapa. Não me perguntes ainda “como fazer?”, ou “como posso ocupar bem meia hora ou uma hora de oração?”. Isso virá depois. O primeiro é situar-se no caminho e orientar-se em direção ao horizonte que queremos alcançar. O caminho é feito de “passos” ou atos concretos, certo; mas há de saber relativizar cada passo em função do caminho.

Um ato, um exercício ou um tempo de oração pode resultar, para ti, muitíssimo aborrecido; podes ficar, no fim, com a sensação de teres perdido o tempo... Não importa! Se, pelo menos, te serviu para te manter no caminho, na fidelidade à oração, no empenho de abrir a tua vida à presença e ação de Deus... terá sido suficiente, terá valido a pena. Graças a esse ato “aborrecido” de oração “falhada”, o horizonte continua a estar na tua linha da visão, puxando por ti em direção a Ele.

2. UMA “OCUPAÇÃO INTERIOR”

A verdadeira tarefa, à partida, vou descrevê-la assim:

“A oração mental é uma ocupação interior, isto é, uma aplicação da alma a Deus” (EMO 1)⁵.

Oração mental ou oração pessoal, oração do coração ou oração interior... são diversas formas de nos referirmos à mesma coisa, à oração que se faz no interior da pessoa. O importante agora é distingui-la da oração vocal, aquela que costumamos utilizar para rezar comunitariamente, ou também a que realiza a pessoa individualmente quando “recita” preces mais ou menos prefabricadas...

A oração que será o objeto da nossa aventura é a que se apresenta como uma “ocupação interior”:

“Chama-se interior porque não é só uma ocupação da mente, mas o é de todas as potências da alma; e porque, para ser completamente pura e sólida, há de ser praticada no fundo da alma...” (EMO 3).

⁵ EMO é a abreviatura correspondente à *Explicação do Método de Oração*, escrita por João Batista de La Salle.

Talvez a linguagem não seja muito atraente para um leitor do século XXI. Tem paciência! Não te precipites em “*deitar fora a água suja de lavar o bebê, antes de ter retirado a criança da bacia*” (!?). Salvemos a vida que há dentro dessa roupagem!

- **Em primeiro lugar**, vamos reparar na globalidade da *vida de oração*, antes de nos fixar no ato ou na circunstância concreta da oração. Mais exatamente, entendemos a oração como um caminho que dura toda a vida, um caminho de procura e encontro, de purificação interior e de abertura a Deus.

O desafio que se nos apresenta não é um momento ou muitos momentos isolados de oração, mas *um caminho de oração* que nos aproxima da união com Deus. E sem esquecer nunca que esta união não será o fruto do nosso esforço mas um dom do Espírito. O que já depende do nosso esforço é a nossa disponibilidade para o receber.

- **Em segundo lugar**, este caminho é um desafio que se dirige ao interior da pessoa. Esta procura de Deus, este esforço para nos unirmos a Ele, há de ser feito entrando em nós próprios, no *fundo da alma* ou *do coração* (são imagens de significado similar).

A “*tarefa*” que leva consigo o esforço por se desprender das máscaras e fingimentos, para recuperar o mais autêntico de nós mesmos, a raiz da nossa pessoa. E é neste lugar recôndito do nosso ser onde se produz o encontro com Deus; é aí onde Deus *nos espera* a cada um.

Mais à frente vou falar-te de diversos “*limiares*” por onde *entrar na presença de Deus*. Mas todos esses limiares acabam remetendo-nos a esse lugar de encontro e diálogo que é o *coração* da pessoa, o mais *fundo* de nós, porque só aí é possível contemplar Deus e escutar a sua voz. E somente desde esse lugar é possível abrir-se à presença de Deus, reconhecê-l’O e celebrá-l’O fora de nós.

E voltando para o mapa, o primeiro que descobrimos, nesta olhada inicial, é que o exercício da oração não é simplesmente uma tarefa externa, mas uma viagem para a interioridade da própria pessoa. *Interioridade* não é equivalente a “*encontro narcisista consigo mesmo*”, mas, em última análise, equivale à *união com Deus*, o Deus trinitário que, segundo a promessa de Jesus, vem habitar naquele que O ama (Jo 14,23), no centro mesmo do seu ser.

Por isso mesmo, ainda que pareça um tanto paradoxal, será também uma viagem que nos “descentra” e nos converte a Deus, a Cristo, que *está no centro da nossa vida. É Ele o alicerce e a raiz do nosso ser*” (Ef 3,17).

3. O HORIZONTE QUE NOS ORIENTA

Reparemos no que poderíamos chamar o *horizonte* do nosso caminho, a direção e sentido que nos orienta: tem uma particularidade, e é que não está apenas no fim do caminho, mas forma parte dele, e, no entanto, fica sempre mais além das nossas forças.

O horizonte desta viagem *até ao interior* está já contido no significado que dávamos anteriormente a este termo: o interior da pessoa (*o fundo do coração*) é o lugar de encontro com Deus. E se a oração mental é *uma ocupação interior* é porque, realmente, o que estamos a fazer nela é *conhecer Deus e amá-l’O* (EMO 5).

O de *conhecer* não se refere a “saber algo de Deus”, não é uma atividade intelectual, mas *relacional*, no sentido bíblico. *Conhecer Deus é entrar numa relação viva com Ele* (Jo 17,3), e complementa-se naturalmente com a segunda parte: *amá-l’O*, que não se reduz a um sentimento piedoso mas refere-se a *orientar a vida para Deus* (é uma opção de vida) e a procurar a Sua vontade e se pôr ao seu serviço⁶.

“Penso na oração como a exploração da nossa ‘orientação para Deus’ [Godwardness]. Com esta expressão refiro-me à forma em que nos vemos a nós próprios vivendo desde e para Ele, procurando-O, mas também sendo conscientes de que estamos continuamente na Sua presença”.⁷

Na realidade, *conhecer Deus e amá-l’O* não se refere apenas à oração, mas é o horizonte que há de orientar toda a nossa vida presente. A oração mental, enquanto atividade específica da vida, tem também um horizonte mais específico. A oração é como que uma fenda aberta no muro que separa nossa vida presente da vida eterna, de tal modo que nos permite gostar antecipadamente, *por meio da fé viva*, o que poderemos fazer logo em plenitude: *encher-se de Deus e unir-se interiormente a Ele*.

⁶ Cf. Campos y Sauvage, CL 50 (esp.), pp. 12-14.

⁷ D. Foster, *La llamada de lo profundo. Ahondar en la oración*, Sal Terrae, Santander 2009, p.10.

Essa é “a principal ocupação da alma na oração verdadeiramente interior” (EMO 6).

E é o fruto, não de um exercício afortunado, mas de cada passo dado ao fazeres caminho, ao procurares, ao abrires-te e ao deixares-te encher.

4. EM QUE CONSISTE O “AQUI E AGORA” DA ORAÇÃO?

Já tens uma visão panorâmica, à vista de pássaro, do processo que estás convidado a realizar. Viste o horizonte que nos vai orientar.

Aproximemo-nos mais do mapa para observarmos o caminho. Vejamos em que consiste e como se anda, como nos aproximamos do horizonte apresentado, quais os passos a dar... Este é o *método* propriamente dito, que nos dará a resposta a esta pergunta: *Em que consiste a oração?*

A resposta terá de se concretizar no “aqui e agora”, o que antes vimos como o horizonte do caminho, o *encher-se de Deus e unir-se interiormente a Ele*.

Antes de tudo, não percamos de vista que se trata do Deus-de-Jesus:

- O Deus, do qual queremos encher-nos e ao que fomos convidados a unir-nos, é o que se manifestou em Jesus. Não é uma divindade impessoal ou abstracta.
- É o Deus Trindade, o que fez Aliança com a humanidade; o que converteu a nossa história em história de salvação; o que conta connosco como instrumentos de salvação para que esta chegue a todos, e especialmente aos pequenos e pobres.
- É o Deus que se nos revela na sua Palavra escrita, mas também nos sinais de cada dia, lidos à luz daquela.

A nossa oração refere-se a este Deus, que **está presente** e **atua** entre nós:

- Se podemos encontrar-nos com Ele, se há alguma forma de O escutar e de O falar, é porque Ele se faz presente, vem ao nosso encontro.
- Mas Ele não só “está”, mas *atua* na nossa história, na história do mundo e da Igreja, na história pessoal de cada um de nós. A sua

atuação forma parte de um *plano de aliança* que S. Paulo chama *mistério* (cf. Ef 3, 1-12), porque Deus o tinha escondido, pois está mais além da nossa compreensão... mas *no-lo revelou Jesus*.

5. A PRESENÇA E O MISTÉRIO

Presença e mistério são, portanto, duas perspectivas da mesma realidade. A ação de orar (o *exercício da oração*) consiste no encontro com Deus seguindo essas duas perspectivas. Podem ser dois momentos, complementares entre si, desenvolvidos de modo consecutivo, um a seguir ao outro. E podem também sobrepor-se ou fundir-se, porque na realidade, cada um está implícito ou integrado no outro.

Vamos vê-lo a seguir, como dois atos diferentes (já terá ocasião de “os fundir”). Assim poderemos valorizar melhor os seus efeitos:

- Primeiro é a presença de Deus que nos “surpreende”, faz-nos sair de nós mesmos, abre-nos a Deus e à sua Palavra, põe-nos em alerta para O descobrir nas suas criaturas, e especialmente nos seus preferidos, os pequenos e pobres.
- Logo, será o seu *mistério* que nos “prende”, nos maravilha enquanto nos revela a obra do seu amor em nós, no mundo e nas criaturas. E nos envolve nesse mesmo plano de aliança que se faz carne em Jesus.

a) **A PRESENÇA:**

“O primeiro que deverá ser feito na oração, é penetrar-se interiormente da presença de Deus” (EMO 14).

O primeiro, para orar, é isto: *pôr-se na presença de Deus*. O objetivo não é “esvaziar-nos de nós mesmos” mas *encher-nos de Deus*; e essa presença amorosa e salvadora, que tudo renova com a sua graça, é a que se encarrega de nos descentrar do nosso egoísmo para nos centrar no Seu projeto salvador.

Não vimos adorar uma presença passiva, como se adora um ídolo. Mas também não se trata de “produzir” imaginariamente essa presença com o nosso esforço. O único que fazemos é *reconhecer* a presença – que sempre nos precede – do Deus Trindade, Pai, Filho e Espírito, e tomarmos o tempo necessário para nos deixarmos invadir, para *nos penetrarmos interiormente* dela.

Quando estamos retirados para orar, em solidão ou em comunidade, poderemos considerar ou reconhecer a presença de Deus: no mundo e na história dos que formamos parte, na comunidade orante, em nós mesmos, na casa de oração, na Eucaristia...

E noutras ocasiões do dia, o nosso olhar de fé vai fazer-nos sensíveis para descobrir a presença de Deus em qualquer lugar onde nos achemos, nos acontecimentos, nas pessoas com as que nos encontrarmos, particularmente naqueles que Deus nos encomenda, crianças e jovens, e outros adultos.

E o resultado deste encher-se de Deus há de ir notando-se pelo caminho. Porque à medida que se aprofunda em nós a consciência da presença salvadora que nos envolve e nos impregna, em simultâneo, descobrimo-nos a nós mesmos como presença de Deus salvador entre aqueles aos que somos enviados.

A presença de Deus introduz-nos na Sua ação salvadora, no Seu mistério.

b) **O MISTÉRIO:**

O que vem a seguir, enraíza-se no anterior: é a celebração do mistério. Contemplamos a obra de Deus entre nós, no modo como se revela nas ações, sinais e palavras de Jesus, e desborda, partindo da sua pessoa histórica, para se manifestar também em Maria, nos santos, nos ministros do Evangelho, na Igreja, em nós mesmos, na tua própria pessoa.

Não se trata de “lembrar” esses acontecimentos como quem está a lembrar anedotas do passado. Mas, trata-se de *nos situarmos dentro deles*, sentindo-nos destinatários do plano de salvação de Deus que se reflete em Jesus, na sua vida, morte e ressurreição, mas também no Seu Corpo místico, do qual formamos parte. Entramos *no espírito do mistério* e deixamo-nos impregnar por ele para nos convertermos em seus anunciadores, em mediadores ou *ministros* da salvação.⁸

8 “O paralelismo é sugestivo: Assim como a presença de Deus não é uma ideia mas uma pessoa “em cuja presença” eu me encontro em relação, assim também o Mistério não é uma verdade abstrata ou um acontecimento passado, mas uma presença real, aqui e agora, de Cristo Salvador que vive em seus membros e faz crescer, neles e por eles, o Reino que instaurou, por sua Encarnação, sua Morte e sua Ressurreição”. (Cam-pos y Sauvage, Explicación del Método de Oración de S. Juan Bta. de La Salle. Ed. SPX, Madrid 1993, p. 217).

6. TENHO DE ESFORÇAR-ME? OU DEIXO-ME LEVAR?

Parece que o caminho que o mapa nos vai mostrando e que nos conduz a esse horizonte de *encher-se de Deus e unir-se interiormente a Ele, consiste numa relação interpessoal do orante com a presença e o mistério (o plano salvador) de Deus*. Ao desenvolver esta relação, o orante introduz-se na presença amorosa de Deus, mas também *no plano* da aliança elaborado no seio da Trindade, e não apenas para ser *objeto* desse plano, mas também *instrumento* do mesmo em colaboração com Jesus Cristo.

Posso conseguir isso com o meu esforço? Não será um *dom* de Deus?

Há uma resposta fácil a estas duas perguntas: um “não” à primeira, e um “sim” à segunda. Mas não vale. Porque o certo é que o esforço pessoal é necessário, e o dom (o presente) de Deus será imprescindível para andar o caminho e alcançar esse horizonte ao que nos referimos. Estas duas forças, que parecem opostas, hão de se encontrar, como condição para que possa haver caminho:

- Desde um extremo afirmamos: *A oração é um exercício que é preciso fazer com ordem e esforço pessoal*. E neste exercício haverá que fazer opções, acerca de como se colocar na presença de Deus, como se relacionar com Ele, como orar sobre um tema, como projetar a oração sobre a vida, e como concluir a oração...
- Desde o outro extremo, havemos de reconhecer que *não há mais oração que aquela que suscita e sustém o Espírito de Jesus*. Em consequência, *deixemos que seja o Espírito quem ore em nós*.

Uma vez encontradas as duas forças, agora sim, a primeira tem de ceder espaço à segunda, na medida em que esta o requeira. E aí é que começa o *processo de maturação*, que é diferente em cada pessoa.

O que descrevíamos como primeira força é o que chamamos “método”. O método requer *ordem*. Mas não uma ordem que suprima a necessidade de pensar porque o faz automaticamente, que elimine a criatividade, que se oponha à intuição... Aliás, é a ordem que ajuda a aproveitar os recursos, quem tem em conta as condições e as circunstâncias mais favoráveis e favorece o avanço na vida espiritual.

Esta “ordem” não produz os seus frutos automaticamente. Há de dar cabimento à outra força quando esta se apresentar. Precisa do *alento interno que lhe dá vida*. O método perde todo o sentido se não estiver vivificado por uma presença, uma relação interpessoal que, em última análise, identifica-se com *o próprio Espírito de Jesus Cristo*, pois é Ele quem faz possível essa relação. O Espírito Santo tem a palavra em cada passo, e há que estar atento aos *seus impulsos, suas inspirações*. O Espírito é quem ora em nós e quem nos introduz no *espírito do mistério*, isto é, quem nos converte em protagonistas da Obra de Deus, Seu plano de Salvação.

Desde essa coexistência de forças, ser-nos-á mais fácil completar a visão do mapa com dois novos dados.

7. O PASSO A PASSO DO CAMINHO

Como se anda o caminho? Como é o “passo a passo”? Como se exprime essa relação entre o orante e Deus (na sua *presença*, no seu *mistério*)?

A resposta é também bastante simples:

“por um sentimento de fé, baseado nalguma passagem da Sagrada Escritura” (EMO 14).

Lembra-o como um *refrão*, porque iremos repetindo-o ao longo de todo o caminho. Toma-o como o “cajado” para caminhar na oração: *o sentimento de fé, fundamentado na Palavra de Deus*. Na realidade referimo-nos a *sentimentos* muito variados, mas todos eles são *variações do sentimento primordial* na relação do orante com Deus, que é a *fé*.

O *sentimento de fé* é um impulso interior no qual se unem a vontade e o amor (o “querer” no seu duplo sentimento). Algo como isto: **“Quero fazer a Tua vontade. Quero-Te a Ti”**. É uma tendência de todo o meu ser para Deus.

Poderíamos compará-lo com o raio de luz branca que se decompõe em várias cores ao passar através de um *prisma*, e todas essas cores integram-se de novo para originar ao raio de luz branca. Assim é o *sentimento de fé*, que se exprime de tantas formas, segundo a disposição do orante e as reações que suscita, nele ou nela, a *presença* e o *mistério*

de Deus; mas afinal, todos esses sentimentos tendem a simplificarem-se para voltar ao simples *ato de fé*.

E porque é que o sustentamos na Sagrada Escritura? - Porque a fé de que aqui se trata não é um simples assentimento racional. É como que o eco que suscita em nós a Palavra de Deus. Oro a Deus com as suas próprias palavras e com o eco que elas suscitam em mim. Quer dizer, situa-se na sintonia da relação interpessoal, da adesão pessoal, da aliança, da abertura a Deus, da conversão, do compromisso... e tantas outras expressões em que se traduz a relação do homem com Deus, da maneira como as encontramos nos salmos, nos textos proféticos e no Novo Testamento. Ao se combinarem os dois elementos, multiplicam-se as possibilidades da minha oração. Posso orar com o sentimento de fé de Pedro, que diz a Jesus: “*Senhor, Tu sabes tudo; Tu sabes que Te amo*” (Jo 21,17), e a partir dele, desenvolver – como um leque – diversos sentimentos de fé, adoração, agradecimento, confiança, disponibilidade; ou de dor pelas próprias falhas, de petição de perdão pela minha debilidade e pouca constância; ou de união com Cristo, de me sentir fortalecido pela sua presença na minha vida; de me sentir filho de Deus em Jesus... e me oferecer com todo o que sou e tenho...

Uma consequência imediata desta forma de orar é a *familiaridade com a Sagrada Escritura*, e de maneira especial com o *Novo Testamento*: que seja o ponto de referência chave para rever a minha vida, para a iluminar, para encontrar o que Deus quer de mim, para orar...

Em qualquer caso, o sentimento de fé está *essencialmente* voltado para Deus, não para a própria pessoa. O nosso “bordão de caminhante” orienta-nos para a procura de Deus, abre-nos ao amor de Deus e ao Seu plano sobre nós, e nos alicerça na Palavra de Deus: ela, qual *espada de dois gumes* (Hb 4,12), discerne a verdade da nossa procura e a coerência da nossa vida. Evitamos assim que a nossa oração se converta numa introspeção ou num solilóquio ou monólogo em que a pessoa se contempla a si mesma e se afoga na sua própria imagem.

8. UM RITMO PARA CAMINHAR

Já tens nas tuas mãos o mapa com os dados essenciais para ires fazendo caminho. Agora irei sugerir-te um ritmo para poderes caminhar no “exercício da oração” sem te cansares antes de tempo.

Quando te dispões a começar a oração hás de aplicar todo o teu ser ao que vais fazer. Mas não o faças “em abstrato”, senão desde o que nesta circunstância experimentas no teu interior. Abre o teu ser a Deus e deixa que o Seu Espírito seja o primeiro a fazer brotar em ti a oração:

- Haverá vezes em que necessites, simplesmente, sentir a brisa que te acaricia o rosto, a presença carinhosa de Deus;
- Outras vezes, que te sintas impulsionado a abrir os olhos e contemplar com assombro a ação de Deus, e repetir: *Como és grande, Senhor!*;
- Outras, em que o sono, o cansaço ou o fastio não te permitam dizer mais do que – de vez em quando –: *Sinto o Teu olhar sobre o meu coração... e isto basta-me*; ou também: *Nem Te vejo nem Te sinto, mas acredito em Ti*;
- E, ainda outras, em que a tua situação vital te faça insistir: *Não sei o que fazer, Senhor... Ilumina-me!*

São diversas etapas do mesmo caminho.

Logo, no desenrolar da oração, sugiro-te adoptar um *ritmo ternário*, não para te sujeitares a ele, mas para dele te servires enquanto caminhas, e abandoná-lo quando te estorvar. Poderíamos chamá-lo ritmo dos *três olhares*:

1º. Começa dirigindo o olhar a Deus.

A Sua presença, o Seu plano salvador; este é sempre o ponto de partida na oração: não a tua própria bondade ou miséria, mas Deus mesmo atuando pelo Seu amor e misericórdia, pelo Seu poder salvador, ou pelos *mistérios* (vida, ações, palavras) *do Seu Filho*, ou pelas maravilhas que fez em Maria, e as que continua a fazer na Igreja ou na tua própria vida.

Deixa então que o sentimento de fé se abra em adoração e ação de graças, louvor e bênção, amor e confiança...

2º. Depois, olha para ti mesmo, mas sempre em relação a Deus.

É a tua situação de pecado, de miséria, de vício, de pobreza, de debilidade... a que aparece diante dos teus olhos, mas não para ficares preso a ela.

O sentimento de fé transforma-se agora em petição e súplica, invocação à misericórdia de Deus, arrependimento e desejo de conversão, promessa de mudança e compromisso com o Evangelho...

3º. E volta de novo o olhar para Deus, mas unido a Jesus, que é *Caminho, Verdade e Vida*, em quem o Pai nos revelou o seu amor, e pel’O qual caminhamos para o Pai.

Procura também o apoio do Espírito Santo e deixa-te impulsionar por Ele.

A fé exprime-se agora em sentimentos de união com Jesus, invocação ao Espírito, disposição a ser mediador de Jesus e do seu Evangelho, gozo por te sentires instrumento com o que Deus quer contar para a Sua obra.

Este ritmo ternário marca o desenvolvimento de um “tempo” concreto de oração (pelo menos um quarto de hora, e algo mais quando possível...) mas sobretudo, ajudar-te-á a adquirir o reflexo característico da oração cristã:

A nossa relação com Deus nasce n’Ele,
não na nossa vontade de O procurar;
e leva-nos a Ele unidos com Jesus
e pela mão do Seu Espírito.

À medida que avances no processo de oração, hás de notar que o ritmo desses três olhares têm tendência a simplificar-se; qualquer coisa como uma melodia que, quando está nos inícios, vai experimentando diversos tons e níveis, podendo até parecer confusa, mas termina fundindo-se num só acorde que contém, num só impulso, diversas notas, sem necessidade de as especificar separadamente.

2. Orar é... um tempo de retiro

UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA

1. Um ecossistema chamado “interioridade”

São muitos os que começam com muito bons desejos o caminho da oração... e o abandonam logo a seguir. Porquê? Não se preocuparam em se preparar para o caminho, não levam “calçado” adequado (seguindo com a mesma analogia do “caminho”).

Mas vamos servir-nos agora de uma outra analogia, mais “vital”. Uma vez que já temos falado da oração como uma relação interpessoal, não será forçado referirmo-nos à necessidade de um *ecossistema* apropriado, que favoreça o desenvolvimento dessas relações. A este ecossistema, que faz possível a oração como relação entre Deus e a pessoa humana, chamamo-lo *interioridade* ou *vida interior*.

A interioridade da pessoa é “o lugar” para fazer a oração. Não se trata de uma sala ou um espaço geográfico, mas de um micro-ecossistema que necessita de ser preparado, acondicionado, alimentado.

Neste ecossistema, a pessoa cresce e se expande, desenvolve raízes que lhe fornecem vida, e adquire uma perspetiva da vida “em profundidade”.

A preparação deste ecossistema é o que se conhece como *cultivar a vida interior*.

Quando João Batista de La Salle começa a desenvolver o que haveria de ser o *Projeto da Comunidade das Escolas Cristãs*, as decepções que sofre, da parte dos primeiros membros do grupo, levam-no logo à convicção de que é necessário fazer, daqueles “mestres”, homens interiores, *homens de Espírito*. É toda uma construção interna, e, para a realizar, propõe-lhes os “quatro suportes ou pilares” do homem interior:

Junto com *a oração, a presença de Deus e o espírito de fé*, La Salle situa a interioridade ou *recolhimento interior* (como ele a chama) entendido como um dinamismo que é preciso trabalhar e desenvolver, nunca como uma situação passiva.

Para La Salle, *a vida interior* é, em simultâneo, *consequência e condição*; *consequência* daqueles três (oração, presença de Deus e espírito de fé) e *condição* para que se possam realizar na pessoa. *Interioridade* é, ao mesmo tempo, *o âmbito* em que vive e desde o que vive uma pessoa que encontrou *as raízes* da sua existência, e *a atitude* com a que vive no mundo, tentando unificar a sua pessoa perante as tensões do exterior.

Com esta atitude e neste âmbito, é possível
alimentar a oração,
viver na presença de Deus,
guiar-se pelo espírito de fé.

2. Um meio para cultivar a interioridade: o retiro

a) Um parque na cidade

Existe uma cidade em cujo centro situa-se um parque com um nome interessante “Parque do Retiro” (cada um poderá pensar no parque de uma cidade conhecida, embora neste caso até o nome que tem vem a calhar). “O Retiro” forma parte da paisagem urbana, mas ao mesmo tempo está “separado” dela; permite **criar distância** de tudo o que representa a cidade: a aceleração, o ruído, a pressa, a produção, os negócios, a diversão, o *stress*...

À medida que uma pessoa se interna em *O Retiro*, sente que o ruído do tráfego se afasta e diminui, a atmosfera se purifica, a luz se faz mais intensa, as cores cobram vida, e a mesma vida da natureza multiplica-se na sua riqueza e na sua complexidade... E, ao compasso de tudo isso, aumenta a paz interior, toma-se consciência dos sentimentos e emoções que fervilham dentro, discernem-se as respostas que precisamos dar...

Em *O Retiro*, é fácil reconhecer as pessoas como tais, não como funcionários ou componentes de um sistema industrial ou mercantil. Aqui, as relações tendem à gratuidade. As formalidades ficam de fora, e nota-se a “personalidade” até na maneira de vestir e nas conversas. O importante aí não é a forma nem a função, mas a pessoa em si mesma.

Não é frequente encontrar ali gente de casaco e gravata mas também não é assim tão raro, pois há quem aproveite os momentos livres “do intervalo” no trabalho para “respirar aí um pouco de sossego e calma”. *O Retiro* está feito para os homens e mulheres da cidade, e são muitos os que lá vão “recuperar-se”, simplesmente para poder voltar às suas ocupações mais donos de si mesmos e com energias renovadas

para continuar *construindo a cidade*. No *bom tempo*, o relvado de *O Retiro* cobre-se de famílias e de grupos de jovens e menos jovens que vão passar o dia, “ser família”, sentirem-se juntos, conversar das suas coisas, contemplar, meditar, ler...

Evidentemente, *O Retiro* e a cidade complementam-se muito bem, não há oposição entre eles.

b) Um “parque” para a minha vida interior

Para La Salle, a vida interior alimenta-se no *retiro*. O ecossistema “interioridade” desenvolve-se, sobretudo, neste parque. O sujeito ativo na missão necessita daquele pulmão para dar qualidade à sua vida apostólica.

La Salle propõe-nos três tipos de visitas ao “parque” (três formas de compreender o *retiro*):

- *Instantes breves mas intensos* (ele chama-os “*recolecção*”) em que a pessoa se concentra em si mesma (volta-se para o seu interior) para tomar consciência, diante de Deus, do que está a fazer, para ter a certeza de que o faz como *Obra de Deus*, da qual é simples instrumento...
- *Tempos mais ou menos amplos*, de um ou vários dias, em que a pessoa expõe todo o seu ser à luz da Palavra de Deus, e discerne, desde ela, a sua fidelidade a Deus. Este é o sentido do *retiro* anual.
- *Em comunidade*: A vida em comunidade é, para La Salle, o melhor *retiro*. O que é para o Irmão a sua comunidade, com as características de uma comunidade religiosa. Mas o é também uma comunidade leiga ou mista, nas suas múltiplas formas, onde os seus membros praticam a fraternidade, partilham a experiência de Deus, ajudam-se a discernir a vida e sentem-se enviados à missão desde a comunidade.

O *retiro*, enquanto estrutura que delimita um tempo, um âmbito, um espaço, equivale à experiência espiritual “de deserto”. *O deserto* é o lugar bíblico por excelência para o encontro com Deus e a escuta da sua Palavra [*“Levá-lo-ei ao deserto, e falar-lhe-ei ao coração”- (Os 2,16)*]. E é desde esta perspectiva bíblica que é preciso entender a insistência lassalista acerca do “*retiro*”. Não se trata de uma *fugida* mas de uma ambientação, uma preparação para o apostolado e uma condição para experimentar Deus.

Nesse marco, que toma forma especialmente na comunidade, poderei experimentar a oração, ouvir a Palavra e ruminá-la no coração, e deixar que transborde no meu interior para a espalhar logo na missão...

A CAMINHO COM O NOSSO GUIA

1. REUNIFICAR A PESSOA DIANTE DE DEUS

É chegado o momento de orar. O que é que tenho a fazer?, perguntas-me. E isto é o primeiro que te respondo: é necessário *recolheres-te* para orar. Não te estou a falar das condições externas, do ambiente, das circunstâncias que te favoreçam na concentração... Isso dá-se já por suposto. Agora refiro-me à tua pessoa. Olha para dentro de ti:

Procurarei esse lugar interior onde sou mais “eu mesmo”; mais além das funções e das máscaras. Preciso *reunificar a minha pessoa perante Deus*, para estar todo inteiro diante d’Ele e com Ele.

E qual é o processo? Onde tenho que me situar e para onde tenho de me dirigir (o horizonte que quero alcançar)?

Lembra aquela primeira descrição da oração:

*“Uma ocupação interior,
isto é, uma aplicação da alma a Deus”* (EMO 1).

O de “interior” não se refere apenas a *uma ocupação da mente*, mas também ao lugar onde há de ser praticada: *no fundo da alma*,

*“quer dizer, na parte mais íntima da alma,
já que se se realizasse simplesmente
no entendimento ou na superfície do coração,
estaria facilmente exposta
a muitas distrações humanas e sensíveis,
que estorvariam o fruto dela;
e se esta ocupação da mente
não tivesse penetrado na alma,
só seria passageira
e, por conseguinte, deixaria a alma
na secura e no vazio de Deus”* (EMO 3-4).

Assim demarcámos a oração dizendo “onde deveria ser feita”. Também tínhamos assinalado o horizonte que nos orienta; quer dizer, o objetivo e razão de ser da oração:

*“Encher-se de Deus
e unir-se interiormente a Ele”*(EMO 6).

Dito assim, de repente, possivelmente não te pareça fácil a tarefa. Mas lembra que também não parece fácil a subida até ao cume quando contemplamos a montanha desde o sopé, sem termos ideia da senda por onde havemos de ir. Mas se nos sentimos acompanhados por um guia experimentado, tudo se faz possível, ainda que isso não me poupe esforço.

O que agora necessitas é conhecer as chaves que podem fazer-te mais fácil o progresso na boa direção. O mais interessante reside em que Aquele a quem procuramos não está apenas no cimo ou meta, mas também em todo o caminho. Ele vai connosco. Ainda que pareça paradoxal, *o horizonte já forma parte do caminho*.

*“A primeira parte
é a disposição da alma para a oração,
chamada propriamente recolhimento”* (EMO 7).

Recolhimento é o nome desta fase que nos introduz na oração. Iremos ver que é sinónimo de “reunificação” da pessoa.

Mas, porque é que esse *recolhimento* é tão necessário? Que sentido tem relativamente à oração?

A resposta parece bastante evidente se reconhecermos que a nossa mente (a inteligência, o pensamento, a imaginação...) está dispersa durante o dia em muitas ocupações e chamadas do exterior. Para se encontrar com Deus será necessário submeter-se a um processo de *reunificação da pessoa*, que se traduz em sossego, pacificação interna, concentração,...

É um deslocamento que vai desde a extroversão à interioridade; de estar “espalhado” no mundo a alcançar o centro de si mesmo. Como o êxodo de Elias, pelo deserto (1 Re 19), até alcançar a *caverna*, no monte Horeb.

Podemos comparar o que nos diz La Salle com o ensino dos mestres de oração da Igreja Oriental. Eles sublinham que “a consequência essencial do pecado original para o homem é precisamente esta disgregação espiritual na qual a sua personalidade está privada do seu centro, e a sua inteligência dispersa-se no mundo exterior.” E eles explicam-nos os efeitos com estas imagens:

O lugar onde se produz esta dispersão da personalidade, no mundo das coisas, é a cabeça, o cérebro; aí os pensamentos formam remoinhos, como os flocos de neve, como enxames de moscardos no verão. Pelo

*cérebro, o espírito conhece o mundo que lhe é exterior, ao mesmo tempo que perde o contato com os mundos espirituais, e esta realidade estreita o coração obscuramente. Para reconstruir a pessoa na graça, é necessário, então, reencontrar uma relação de harmonia entre a inteligência e o coração”.*⁹

2. O ESPÍRITO CONVOCA-NOS

E este *recolhimento*, será que traz como consequência o chegar, de facto, à presença de Deus?

Parece que esta teria de ser a ordem lógica, mas não é aplicável a esta experiência de encontro com Deus que é a oração. Então, para que falamos de *recolhimento*? - Porque é necessário “se recolher” para ter a experiência de Deus. Mas saibamos, ao mesmo tempo, que é a experiência de Deus o que produz em nós a autêntica interioridade:

*“Ao se encher a alma de Deus,
desprende-se das criaturas,
e chega a ser o que se chama interior”* (EMO 12).

Ao focar assim o *recolhimento* como condição para poder orar, estamos remetendo-nos ao Espírito como único *autor* da nossa oração, como a verdadeira força que *nos convoca* no nosso interior, como a causa certa da nossa pacificação e unificação. Não vamos tirar a importância que tem o esforço que devemos fazer, mas evitaremos o confundir a concentração mental com a oração: entre uma e outra há uma fronteira que só podemos transpor com a ajuda do Espírito.

Podemos traduzir esta proposta “de recolhimento ou reunificação da pessoa” em termos muito simples; qualquer coisa como:

Se quiseres fazer oração, *põe-te diante de Deus e fala com Ele*. Mas fá-lo com toda a tua pessoa, desde o fundo do teu coração.
Enquanto o fazes, verifica o que é que te impede estares plenamente presente perante Ele, escutá-l’O, falar-Lhe...
E luta para te libertares disso.

⁹ E. Behr-Sigel. Citado em *La Filocalía de la oración de Jesus*. Sígueme, Salamanca 1990, 14.

“O vazio que Deus precisa é a renúncia ao próprio egoísmo, não necessariamente a renúncia às coisas criadas que Ele nos deu, e entre as quais Ele nos colocou. Não há dúvida que, durante a oração há que se concentrar inteiramente em Deus e excluir, o mais que for possível, aquelas coisas deste mundo que nos prendem ao nosso egoísmo. Neste ponto, Santo Agostinho é um mestre insigne. “Se queres encontrar Deus – diz – abandona o mundo exterior e entra em ti mesmo. Contudo – prossegue ele – não fiques por aí, mas sobe mais além de ti mesmo, porque tu não és Deus: Ele é mais fundo e maior do que tu””.¹⁰

3. EM HARMONIA COM A CRIAÇÃO

Em definitivo, o recolhimento de que te estou a falar não é para que fiques absorto em ti mesmo mas em Deus: Para que encontres Deus no teu interior e entres em diálogo com Ele. Trata-se, por isso, paradoxalmente, de um “descentramento” de ti mesmo, porque é, na realidade, uma abertura a Deus e à sua presença.

Este exercício corresponde a uma aprendizagem permanente com os mestres de oração:

*Para chegar a orar com os olhos bem abertos há que mantê-los fechados durante muito tempo. Então, da interioridade mesma da nossa oração brota o descobrir Deus em todas as coisas e o poder contemplar as criaturas, seguir os acontecimentos e recuperar todo o que se viveu: em toda a parte, quer nas alegrias quer nas penas, encontrarei Jesus Cristo.*¹¹

Recolher-se é entrar em diálogo com Deus. E esse processo levar-te-á a ver o mundo, não como aparece externamente, mas segundo o plano de Deus, conforme o Reino de Deus, do qual está “grávida” a Criação, diz S. Paulo (Rm 8).

Por isso, não temas que o “recolhimento” da oração te conduza ao afastamento do mundo, mas ao compromisso nesse mundo; no caso do educador, ao compromisso fiel com todo o que é próprio da missão educativa com os jovens; porém, com este novo olhar de fé que nos concede o Espírito:

¹⁰ *La oración cristiana: encuentro de dos libertades*, nº 18-19. Carta da Congregação da Doutrina da Fé. Roma 1989.

¹¹ J. Laplace, *El camino espiritual, a la luz de los Ejercicios Ignacianos*, Sal Terrae, Santander 1988, 62.

*“...Pois dar-lhes-á a conhecer todas as coisas,
mostrando-lhas,
não apenas naquilo que têm de aparência,
mas segundo o que são em si mesmas,
e conforme se conhecem quando se penetra nelas
com os olhos da fé.
Será esta a luz de que vos servis
para discernir todas as coisas visíveis,
e para reconhecer, nelas, o verdadeiro e o falso,
o aparente e o real?” (Meditação 44,1).*

Assim é como se vai fazendo, construindo, a pessoa que vive desde o interior, isto é, o homem/mulher centrado em Deus. É a pessoa que encarna o ideal cristão, o da nossa “saudação comunitária”, que S. Paulo exprime como desejo e oração ao Pai, “*para que vos conceda que sejais vigorosamente fortalecidos no homem interior; que Cristo habite pela fé nos vossos corações...para conseguirdes ficar cheios até a total plenitude de Deus*” (Ef 3,16-19).

Resumindo, o dinamismo do *recolhimento* ajudar-te-á a entrar na oração desde a vida. E ao se fazer mais funda a *interioridade*, poderás incorporar-te à vida com um novo *olhar de fé* que unifica a tua existência em função da Obra de Deus.

“O caminho do recolhimento é a atenção (positiva) a Deus, *que está aí e que chega*, mais bem do que a retirada da atenção (negativa) às criaturas. E o Deus cujo encontro “recolhe” o homem é o Deus comprometido na história para realizar nela o seu desígnio.

O recolhimento *pacífica*, reavivando a confiança nesse Deus que atua, conduz, é fiel. *Unifica*, renovando a consciência de ser colaborador de Deus. *Concentra*, lançando o sentimento da responsabilidade na realização de um “projeto” que é o de Deus. Tal é, na nossa opinião, a substância mesma de toda a doutrina espiritual lassalista”.¹²

12 Campos y Sauvage, *Explicación del Método de Oración, de San Juan Bta. de La Salle*. Ediciones SPX, Madrid 1993, p. 20.

UM EXERCÍCIO DE ORAÇÃO

A parábola do surdo-mudo

Habitua-te a situares-te num ambiente de retiro quando vais orar. O mais fácil é a dimensão exterior. O difícil é a interior, a tua mente, o teu coração, pois é aí onde se localizam os ruídos e as vozes que mais te distraem, e também a surdez que não te deixa escutar a voz de Deus.

Um modo simples de criar uma atmosfera descontaminada e bem oxigenada é dedicar um tempo à leitura tranquila de um texto bíblico que motive a tua oração, e de um comentário ou uma simples exegese que te ajude a captar ou atualizar seu significado.

Para este exercício sugiro-te agora o texto de Mc 7,32-37, que nos relata a cura do surdo-mudo pela intervenção de Jesus. E a seguir servirmos-nos do comentário que nos oferece João Batista de La Salle na sua *Meditação 64*.

Começa com a leitura do texto evangélico. Repara no primeiro que Jesus faz com o surdo-mudo: *levou-o a um sítio afastado e ficou com ele a sós*.

A meditação lassalista acerca deste relato convida-te a introduzir-te “dentro” e a lê-lo desde a missão que recebeste: tens de transmitir a outros o sentido da vida; ou melhor, tens de o descobrir. Se és surdo, incapaz de escutar a Deus interiormente, não serás capaz de falares d’Ele, por mais que tentes gaguejar com sons que tentam referir-se a Deus.

No seu comentário, La Salle refere-se a *três tipos de mudos*:

“Os primeiros, são os que não sabem **falar a Deus**, e a razão disso é a falta de correspondência entre Deus e eles.

Só se aprende a falar a Deus escutando-O;
pois saber falar a Deus e conversar com Ele,
só pode vir de Deus,
que tem a sua própria linguagem,
e que só o comunica aos seus amigos e confidentes,
a quem concede a dita
de conversar amiúde com Ele.

O segundo tipo de mudos
é o daqueles que não podem **falar de Deus**.
São muitos os mudos deste tipo,
os quais, por pensar raras vezes em Deus,
apenas O conhecem;
pois como estão cheios das ideias do mundo
e dos entretenimentos mundanos,
não podem, diz S. Paulo, *penetrar nas coisas de Deus*;
e são tão pouco capazes de falar d’Ele
e do que a Ele diz respeito como o seria um bebé.

O terceiro tipo de mudos
são aqueles a quem Deus
não deu *o dom de línguas*,
e não podem **falar por Deus**.
Ter o dom de línguas significa saber falar para
atrair as almas a Deus e procurar sua conversão,
e poder dizer a cada qual o que lhe convém;
pois não é pelos mesmos meios
que Deus atrai todas as almas para si,
*e é preciso saber falar oportunamente
a cada uma delas*
para induzi-las a se devotarem inteiramente a Deus.

Vosso ministério vos obriga a instruir as crianças...
Deveis tornar-vos hábeis na arte de falar **a Deus**,
de falar **de Deus** e de falar **por Deus**.

Mas deveis ficar certos
que só falareis bem aos vossos alunos
a fim de conquistá-los para Deus,
na medida em que tiverdes aprendido
a falar a Ele e a falar d’Ele”.

“... Ordinariamente, a causa da mudez é a surdez;
por isso, é mais fácil curar um mudo
do que um surdo,
porque, quando um surdo chega a ouvir,
em breve chegará a falar.

Também por essa razão,

o homem de que fala o Evangelho,
recuperou mais facilmente o uso da língua
do que o do ouvido;
pois, para fazê-lo falar,
bastou que Jesus *lhe colocasse um pouco de saliva
sobre a língua, e esta imediatamente se lhe soltou,
podendo falar distintamente.*

Mas, para curar-lhe a surdez,
Jesus Cristo *põe-lhe os dedos nos ouvidos;*
o que significa que Ele precisa
tocar-lhe interiormente a alma, para fazê-la ouvir,
compreender e apreciar o que lhe diz.

É necessário *levá-lo aparte,*
para que o ruído do mundo não o possa impedir
de escutar e saborear as palavras de Jesus.
Em seguida, Jesus *ergue os olhos ao céu
e solta um grande suspiro,*
para nos dar a entender quanto lamenta, ante Deus,
a cegueira dessa alma,
cegueira provocada nela pela surdez espiritual.

É preciso até, que Jesus faça um grande esforço
e diga com voz forte aos ouvidos do surdo:
abre-te, a fim de que essa alma abra suficientemente
os ouvidos, para ouvir com facilidade
as palavras de Jesus Cristo e tornar-se dócil a elas.

Ele cura o mudo, colocando-lhe saliva na língua,
para significar-lhe que seria de pouca utilidade
poder falar, se não falasse com sabedoria.

Mantende, pois, os ouvidos sempre abertos
e atentos à Palavra de Deus.

Aprendeí a falar pouco,
e a só falar com sensatez” (Md 64,2-3).¹³

13 As Meditações serão citadas, utilizando a abreviatura **Md** seguida do *número* da Meditação e o *ponto* correspondente.

A oração como tal, começa só depois da leitura meditada. Agora já não se trata de “pensar sobre Ele”, mas de “estar com Ele”, de “O escutar e Lhe falar”.

Neste ambiente de retiro, põe o olhar em Jesus. Ele, o Ressuscitado, está contigo. É Ele quem te trouxe aparte para estares com Ele. Crê e agradece. Alegra-te de estar à sua beira.

E olha o que tu és, reconhece-o: *surdo e tartamudo* em tudo o que é o sentido profundo da vida. Vê como te custa escutar Deus, reconhecer a sua voz e os seus sinais! E como és torpe no falar d’Ele, no atrair os outros para Deus, e não saber dizer a palavra oportuna a quem precisa de ti como guia...! Di-lo interiormente a Jesus: *Cura a minha surdez, põe a tua palavra na minha boca, desata a minha língua para que saiba falar-Te e falar de Ti...*

Sente, desde a fé, a ação de Jesus sobre ti através do seu Espírito. Ele abre os teus ouvidos e desata a tua língua. Ele te ajudará a reconhecer a sua Voz nas muitas formas como Ele costuma falar-te. Expressa-Lhe a tua disposição de querer escutá-l’O, e também de querer ser a sua voz para que outros possam escutá-l’O.

E antes de concluir, pensa o que é que podes fazer, da tua parte, para que a Palavra de Deus possa encontrar maior eco em ti, para que a presença de Deus te encontre mais disponível ou para que a referência a Deus e às suas coisas surja em ti com maior naturalidade... Apresenta-o a Jesus e pede-Lhe a força do seu Espírito para pô-lo em prática.

3. Orar é... uma relação de amor

UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA

O dom de “mover os corações”

(João Batista de La Salle apresenta-nos aqui a sua experiência)

Quero fazer-te ver que entre o nosso modo de educar e o nosso modo de orar existe uma profunda concordância.

Quando os meus Irmãos e eu fomos redigindo por escrito o nosso “projeto educativo” original, o *Guia das Escolas Cristãs*, tivemos muito cuidado em ir sublinhando aquilo que, segundo a nossa experiência, lhe dá vida e alento, e é o seu autêntico espírito: *a relação interpessoal educador-discípulo*. Sem ela, o método pedagógico de *o Guia*, a organização e a ordem que introduz na aprendizagem escolar, ficaria reduzido a um esquema mecânico, repetitivo, criador de autómatos, e não educador de pessoas.

Nas *meditações* que eu escrevia para os Irmãos fazia-lhes ver o sentido profundo e o nível atingido dessa relação interpessoal que aúna *“firmeza de pai e ternura da mãe”* (Md 101,3); porque é Deus quem, na sua providência, nos colocou *“no lugar dos pais e das mães [...] para conseguir que as crianças cheguem ao conhecimento de Deus e dos seus mistérios”* (Md 193,2).

E, uma vez que é a *Sua Obra*, temos de a fazer à maneira de Deus, *com amor e zelo*:

*“Procurai, por meio do vosso zelo,
dar sinais sensíveis
de que amais aos que Deus vos confiou
como Jesus Cristo amou a sua Igreja”* (Md 201,2).

*“Tendes que imitar nisto, em certo modo, a Deus,
que tanto amou as almas que criou...
Deus amou tanto o mundo que lhe deu o Seu Filho único”* (Md 201,3).

A nossa experiência está refletida nesta imagem que utiliza S. Paulo (2 Cor 3,3), tão íntima e entranhável, como de uma carta que Jesus Cristo nos ditou,

*“escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo;
e não sobre tábuas de pedra, mas sobre tábuas de carne,
que são os corações das crianças”* (Md 201,2).

Os corações, mais do que as mentes, são o campo preferente de atuação do educador com os seus discípulos. O coração representa a interioridade da pessoa, a fonte dos seus sentimentos, a raiz das atitudes. A conversão da pessoa tem lugar no coração, ou então não há autêntica conversão. E a educação, na minha opinião, vai dirigida sobretudo, não à mente, ainda que seja preciso tê-la em conta, mas ao coração. A iluminação da mente há de servir para despertar e motivar a conversão do coração. Por isso insisto:

*“Pedi amiúde a Deus a graça
de mover os corações...:
Essa é a graça do vosso estado;
pois de nada serviria a instrução que dais aos alunos,
se o seu espírito continuasse cego e endurecido,
depois de tantas instruções,
e se depois de lhes ter anunciado vós tantas vezes
as verdades do Evangelho,
o véu da cegueira estivesse ainda nos seus corações”.* (Md 81,2).

Mover os corações, é o autêntico milagre que se espera de ti como educador cristão, o sinal de que está a acontecer um novo Pentecostes (Md 43,3), no qual deve consistir uma verdadeira educação cristã:

*“Tendes vós tal fé que seja capaz
de mover o coração dos vossos alunos
e de lhes inspirar o espírito cristão?
É o maior milagre que podeis realizar,
e aquele que Deus vos exige,
já que é esse o objetivo do vosso emprego”* (Md 139,3).

Mas, quem é que conhece o coração do homem senão Deus, e quem pode converter os corações de pedra em corações de carne senão só Deus? Por isso, ou seja, porque não podemos atribuir-nos uma obra que só a Deus corresponde (Md 62,1), temos de recorrer a Deus e pedir a sua graça:

*“É o vosso dever subir todos os dias a Deus
pela oração,
para aprender d’Ele tudo quanto deveis ensinar-lhes;
e descer logo até eles,
acomodando-vos à sua capacidade, para lhes instruir acerca
daquilo que Deus vos tiver comunicado para eles”.* (Md 198,1).

E se os corações são os autênticos destinatários, na nossa missão, não há outro caminho para chegar a eles senão a senda do amor.

O amor é a força interna e a motivação última de toda a nossa tarefa ministerial. Com o amor evitaremos que o nosso ministério fique reduzido a um conjunto de funções académicas; e, pelo contrário, ficará inserido numa espessa rede de *relações interpessoais*, cuja raiz são as relações trinitárias (cf. Md 201).

Não fica outra alternativa do que recorrermos à fonte: se o nosso ministério é um exercício de amor, será preciso acudir à fonte do amor. Se o essencial do nosso ministério consiste em *mover os corações* dos nossos alunos (cf. MF 139,3), é preciso acudir, com um coração aberto, ao único que tem poder para comovê-los:

*“A obrigação que tendes de contar com a graça,
não só para vós, mas também para os outros,
e de vos esforçar por mover os corações,
vos deve impulsionar a dedicar-vos
de modo particular à oração,
que é o exercício que Deus vos assinalou para alcançardes as suas
graças”* (Md 129,2).

A CAMINHO COM O NOSSO GUIA

1. A ORAÇÃO DO CORAÇÃO

De igual modo que o nosso ministério, também a nossa oração apresenta-se como uma *relação de amor*, e o lugar que lhe corresponde é o coração.

Neste núcleo central do *ser humano* produz-se a conexão com o mistério de Deus; aí é onde o crente pode adorar a Deus *em espírito e em verdade* (Jo 4,24). Porque, inclusive quando se situa diante dos outros limiares da presença de Deus, só é capaz de os atravessar se encontrar a Deus no fundo do seu ser e aí adorá-l'O. É lá que está o ponto de encontro das duas presenças: Deus e o ser humano. É aí onde reside e ora o Espírito Santo:

*“O Espírito Santo, que reside em vós,
Deve penetrar no fundo das vossas almas.
Nelas é onde este divino Espírito
mais particularmente deve orar”* (Md 62,3).

Nesse lugar de encontro poderás viver a tua oração como uma autêntica *relação de amor*: é isso a *oração do coração*.

O que terás de fazer portanto? - Resume-se assim:

**Uma oração que *seja de todo o meu ser,*
e que, ao mesmo tempo,
*seja toda ela do Espírito, pois Ele ora em mim.***

2. UMA ORAÇÃO QUE SEJA DE TODO O MEU SER

Ponho toda a minha pessoa à disposição da oração, e não só o corpo (que também é preciso dispô-lo). Trata-se de uma oração *interior*: uma *ocupação de todas as potências da alma* (nº 3), que tem de atingir a raiz do ser: *a parte mais secreta da alma*. O que se quer sublinhar com estas expressões é o carácter do *exercício ativo*, que abrange a atenção e as energias de toda a pessoa, e não apenas de uma parte dela.

Ao longo de todo o dia, podes fazer uma oração *extensiva*, em simultâneo com as outras ocupações diárias. Mas a oração *intensiva* não admite simultaneidade, porque tende a envolver toda a pessoa, *mente e coração*.

Não se trata de ideias, reflexões ou raciocínios “acerca de Deus”, ainda que misture um ou outro *afeto*, de vez em quando, dirigido a Deus; a isto chamamo-lo manter-se *simplesmente no entendimento ou na superfície do coração*, o qual *deixaria a alma seca e vazia de Deus* (nº 4). Quer dizer, uma simples atividade reflexiva, ainda que seja “sobre Deus”, não seria a oração do Espírito em mim, e portanto não daria lugar ao encontro, a *encher-me de Deus*.

Também não se trata de falar muito ou de usar muitas palavras, o qual é um perigo frequente, do que já nos tinha advertido Jesus (Mt 6,7), por isso quero deixar este alerta:

“Já que as muitas palavras interiores nas orações servem, antes, para distrair a mente e para embaraçar o fundo da alma, em vez de lhe facilitar a aplicação e atenção a Deus e de fazer com que chegue a ser interior. Pelo contrário, a multiplicação de palavras do espírito e do coração seca a alma e, quando já passou, deixa amiúde nela um vazio de Deus e das coisas espirituais e interiores” (EMO 140).

Teresa de Jesus já o tinha expressado assim:

*“E ainda que lhes aproveite muito a exegese, antes e depois da oração, aqui, nestes momentos de oração, pouca necessidade há dela, a meu ver, a não ser para esfriar a vontade...”*¹⁴

Mas também não se trata de suspender a atividade do “espírito” (a mente), como propugnam algumas técnicas orientais, até deixar a mente “em branco”. De novo, a *Mestra* de oração adverte-nos isto:

“Na mística teologia de que falei (“oração infusa”) deixa de operar o entendimento, porque o suspende Deus, [...]. Presumir se pensamos

14 Santa Teresa, *Vida*, 15,8.

suspendê-lo nós é o que digo que não se faça, nem se deixe de raciocinar, porque, se não, ficaremos bobos e frios, e nem faremos o um nem o outro; que quando o Senhor suspende o entendimento e o para, dá-lhe então matéria para ficar espantado e ocupado, de modo que, sem discurso, entenda mais, num 'credo', do que nós podemos entender com todo o nosso esforço humano em muitos anos. Fazer o vazio nas potências da alma e pensar, por ignorância, que podemos fazê-las estar quietas, é desvario e desatino".¹⁵

Mas é normal, para quem inicia o caminho da oração, que precise de usar mais palavras que aquele que já vai avançado nesse caminho.

“Normalmente, essa classe de pessoas, quando começam a iniciar-se na oração, devem servir-se de raciocínios e de frequentes reflexões, que devem ser, a maioria delas, ternas e afetivas, para conseguir a aplicação da presença de Deus. Porém, uma pessoa que já está nesta oração desde há muito tempo, e tem facilidade para se pôr na presença de Deus de um modo interior, basta-lhe, normalmente, conservar o seu espírito simplesmente 'recolhido', e manter uma 'simples atenção' à presença de Deus, para fixar e reter aí a sua mente, pelo menos enquanto faz oração, sem se distrair durante esse tempo” (EMO 114-115).

Repara bem que, ainda que se fale de *raciocínios e reflexões*, imediatamente acrescentamos que sejam *ternas e afetivas*. O que se quer dizer é que são palavras ditas ao amigo, face a face; não é um discurso sobre um tema teológico. Porque Deus está já presente ao iniciarmos o caminho da oração.

O que deves fazer aqui é dispor esse espaço interior para o encontro, *reter o espírito dentro de ti mesmo, e fazê-lo, portanto, interior* (EMO 10). É, em si mesma, uma tarefa ascética: “retirá-lo de” e “aplicá-lo a”; de início, não resulta cómodo. Mas não te proponho um esvaziamento para logo proceder a encher, senão ao invés: *há que aplicar a mente à*

¹⁵ *Vida*, 12,5.

presença de Deus para que o teu espírito se “descole” ou liberte, pouco a pouco, daquilo que lhe escraviza e distrai.

Os mestres de oração da Igreja Ortodoxa falam de fazer descer o intelecto até ao coração:

*“É preciso fazer descer a inteligência, da cabeça ao coração e estabelecê-la aí... Lembremos, não obstante, que o esforço é a única coisa que é nossa; o objeto, em si mesmo, isto é, a união do intelecto e o coração, é um dom da graça que o Senhor outorga quando e como Ele quer”.*¹⁶

3. UMA ORAÇÃO QUE SEJA DO ESPÍRITO

A oração do Espírito é produzida em ti, não como invasão de alguém estranho, mas através destes dois elementos que hás de conjugar na oração: o *sentimento de fé* e a *Palavra de Deus*.

O *sentimento de fé* é um impulso que surge do fundo da alma, do fundo do coração, do interior da pessoa em direção a Deus. É um anseio que vem suscitado pelo Espírito Santo e que se faz consciente na pessoa pela conjugação da mente e do coração; ou, melhor dizendo, porque a mente põe-se ao serviço do coração, para exprimir o que este sente.

Os *sentimentos de fé* são vivências muito fundas, que, geralmente, não se traduzem em sensações emotivas, mas sim podem se exprimir com *afetos*: de admiração, de felicidade, de amor, de arrependimento, de desejo de união, de confiança...

Têm a sua correlação com o que S. Paulo chama *as aspirações e os gemidos inexplicáveis* do Espírito Santo, que ora no nosso interior (Rm 8,26-27). Não é uma correlação automática, mas tende a se garantir, em certo sentido, quando os sentimentos de fé estiverem apoiados na Palavra de Deus. Com ela evita-se o monólogo racionalista e autossuficiente ou, então, um sentimentalismo superficial e fácil.

Sobretudo, o recurso à Palavra ajudar-te-á a estar pendente da voz do Espírito, a voz objetiva, que provoca logo o eco do sentimento de fé,

¹⁶ *La oración interior*, p. 142.

mais ou menos explicitado em afetos, ou simplesmente reduzido a um olhar interior de fé viva e respeitosa (nº 210).

À medida que avançamos neste caminho, terás de fazer um processo de simplificação no qual o Espírito vai tomando posse da palavra (progressivamente ou de uma vez...) e tu deixar-te-ás inspirar por Ele, sem medo, até na improvisação que isso possa supor.

Eis aqui algumas sugestões:

1. O mais importante já está dito: *apoia-te na Palavra de Deus*, tende a utilizar as palavras da Escritura mais do que as próprias.
2. *Reduz progressivamente as palavras*, e dá mais cabimento ao silêncio interior. Mas que seja um silêncio “cheio” do eco da Palavra. E assim caminha para a *simples atenção*, ainda que seja por espaços curtos.
3. Simplifica a expressão dos teus sentimentos em função do essencial. E o essencial é o *sentimento de fé*, que pode revestir muitas formas segundo as ocasiões. Sobretudo, *fé e adoração*, que é a aceitação do senhorio de Deus e da sua vontade na tua vida.
4. E, por cima de tudo, *hás de estar bem atento ao que o Espírito suscite no teu interior*.

*“... Refere-se a quando alguém se sente atraído,
interior e suavemente,
por algo que não se tinha proposto,
como o amor de Deus
a manifestar-Lhe sua confiança ou sua submissão;
a pedir-Lhe alguma coisa com insistência e confiança,
para si mesmo ou par outrem;
ou a refletir acerca de alguma palavra de Deus.
Há que seguir essa atração ou outra semelhante,
segundo Deus, a fé e a perfeição do próprio estado.
Há que segui-la, digo,
na medida em que Lhe praza a Deus manter-nos nela,
pois é um sinal de que Deus pede então isso.*

*O qual adverte-se quando saímos da oração
com o desejo firme de cumprirmos bem o nosso dever,
por amor a Deus e para O agradar” (EMO 330).*

4. O FRUTO: UMA RELAÇÃO DE AMOR

*Que todo o meu ser se entregue à oração
e que seja o Espírito quem ore em mim.*

A meta que te proponho atingir é fruto dessas duas linhas de força, mas é também o processo que se vai realizando no caminho desde o princípio: *encher-te de Deus e unir-te interiormente a Ele*. Se reparas bem, os termos utilizados para esta definição de oração são os próprios de um namoro, pois a nossa oração não há de ser outra coisa.

O namoro não desenvolve “ideias”, mas a relação interpessoal que se traduz em afetos: são a expressão do impulso para a pessoa amada. Esta vivência afetiva do orante transforma-se, pouco a pouco, numa atmosfera que impregna a sua vida:

*“Se amais a Deus,
a oração será o alimento da vossa alma;
e Ele entrará em vós e vos fará comer à Sua mesa,
como diz São João no Apocalipse,
e a seguir gozareis do privilégio
de O ter presente nas vossas ações,
sem outro ponto de mira que o de O agradar.
Inclusive, tereis sempre fome d’Ele...” (Md 177,3).*

Desde esta chave do “namoro” podes entender e valorizar adequadamente a linguagem extremada que caracteriza, com frequência, as expressões dos místicos: é que, na presença do Amado, todo o resto é pesar, todo o demais é “Nada”, e não porque se deprecie, mas pelo facto de, a diferença, ser tão imensa!... Mas também, tudo adquire uma nova luz quando se observa com o olhar sacramental (o *olhar da fé*): tudo lembra o Amado; esta é a garantia do verdadeiro místico. E esse era o caso de Santa Teresa:

*“Assim como tudo o encontrava em Deus,
tinha a sorte de encontrar Deus em toda a parte:
em qualquer situação ou em qualquer lugar*

*em que se achasse,
Deus lhe servia de guia...
Isso induzia-a a executar todas as suas ações
com o olhar posto em Deus” (M 177,3).*

Com certeza podes pensar que esta meta é demasiado longínqua. Não importa: o avistá-la no horizonte ajudar-te-á a captar a unidade interna do ministério que te foi encomendado, vivificado por esta espiritualidade *de presença e relação pessoal*.

UM EXERCÍCIO DE ORAÇÃO

Betânia: o coração nas mãos

Para este exercício que te proponho, podes ter, à vista, algum dos ícones que representam a cena de Betânia, e que poderás encontrar facilmente na Internet. Por exemplo, pode ser-te útil o ícone de *Ioan Gótia*, pela sua simplicidade e expressividade.¹⁷

Vamos seguir, principalmente, o texto do evangelho de Lucas (10, 38-42): Jesus visita, em Betânia, Marta e Maria, as duas irmãs de Lázaro (segundo o Evangelho de João). Mas lembraremos também outras visitas de Jesus a essa casa.

Marta, a mulher ativa, *“muito atarefada nos afazeres domésticos”*; e Maria, pelo contrário, mulher interior e contemplativa, *“sentada aos pés do Senhor, escutava as suas palavras”*. São duas irmãs que vivem na mesma casa, e as duas servem ao Senhor. Mas, segundo o relato de Lucas, estão em tensão, uma com outra.

Assim, Marta e Maria representam duas dimensões que devem estar presentes na pessoa, precisam-se mutuamente, não pode prescindir *uma da outra*. Mas há sempre *“tanto para fazer”* que Marta requer de Maria *“que lhe venha ajudar”*. E Jesus tem de lhe lembrar que Maria *“escolheu a melhor parte”*; quer dizer, é esta dimensão que sustém e dá sentido à outra.

Em tensão, sim; mas não em oposição. Porque, quer Marta quer Maria, põem o coração no que estão a fazer. Devemos orar, portanto, com o coração de Marta e Maria.

A casa de Betânia é, antes de mais, uma casa aberta e acolhedora: Abre assim o teu coração a Jesus que chega a ti. Acolhe a sua presença em ti. Diz-Lhe, como as duas irmãs: *Esta casa, a minha pessoa, é tua. Obrigado por vir!* E como Marta, quando Jesus chegou para ressuscitar Lázaro, diz-Lhe: *“Eu creio que Tu és o Messias, o Filho de Deus”* (Jo 11,27).

Sem pressas, fica agora como Maria, de olhar fixo em Jesus, que vem dar sentido à tua vida. Relembra alguns acontecimentos ou etapas-chaves da tua vida em que Jesus foi a rocha que te susteve, ou a raiz que

¹⁷ A imagem e a sua explicação encontrá-la-ás na seguinte página: <http://www.dcjim.org/es/dcjim-cultura/ioan-gotia/el-icono-de-betania/>.

te fazia crescer, ou a *água viva* que saciava a tua sede e te livrava de teres que ir saciá-la noutras águas; ou a mão que te guiava no caminho... Ou traz à mente alguma palavra de Jesus, que tenha especial ressonância no teu coração... E dá graças, agradece...

Pensa também quantas vezes chegou Jesus à tua casa e não soubeste reconhecê-l'O, não lhe abriste a porta... Talvez porque chegava num aspeto pouco atraente, ou quiçá antipático; o seu rosto coincidia com o de tantos sofredores ou necessitados, que vinham tirar-te da tua comodidade... Pede então perão, e abre as mãos de Marta: que o Senhor as faça disponíveis e ágeis para servir a quem precisa de ti. Põe o teu coração nessas mãos e oferece-o ao Senhor, que Ele o faça ardente no serviço.

As mãos de Maria pegam agora no frasco de perfume – nardo puro – para o derramar sobre os pés de Jesus (Jo 12,3). O coração está nessas mãos, exprimindo o amor e a união com Jesus. Não é preciso palavras. O que é que ofereces tu nessas mãos, nesse frasco de perfume? A tua vida, os teus desejos de ser melhor discípulo e testemunha de Jesus, a tua pequenez e fragilidade... E especialmente, a *presença do Espírito* no teu interior, o presente do Pai, que vai sempre mais além das tuas possibilidades. Esse é o perfume que levas sempre contigo.

E com a tua casa cheia da presença de Jesus, com o perfume das mãos de Maria, continua agora a tua oração de forma extensiva, nas mãos de Marta, nos afazeres diários, nos múltiplos serviços que tenhas para realizar...

4. Orar é... esperar que Ele passe, ainda que se demore

UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA

Atento a Deus que passa

Esta é a experiência de João Batista de La Salle: ele é o homem *atento a Deus que passa*. Procura a Sua presença e a Sua vontade ao longo de toda a sua vida. E não porque não encontre a Deus, mas porque sabe que Deus está sempre mais além das próprias expectativas e é preciso estar muito atento para não perder o ritmo do Seu *passo*, para reconhecer os Seus *sinais*, para *descobrir a Sua vontade* a respeito de nós.

Especialmente na primeira etapa da sua vida, surpreende-nos, em João de La Salle, o modo tão concreto de procurar a *chamada* de Deus. A sua preocupação é ser-Lhe fiel; uma preocupação vivida sem angústia mas atenta a qualquer sinal pelo que Deus Lhe possa mostrar o seu desejo.

O seu itinerário para o sacerdócio começa muito cedo e marca a sua adolescência sem que existam dúvidas no seu horizonte; até que, entre os 19 e os 21 anos, parece quebrar-se tudo quando, no espaço de poucos meses perde o seu pai e a sua mãe; e, como primogénito da família, há de se converter em tutor dos seus irmãos. Então, aparece a dúvida: será isto um sinal contra a sua pretendida vocação sacerdotal?

Esta pergunta, dirigida a Deus desde o seu coração sincero, purificará o seu desejo vocacional para o ressituar no interior de um diálogo que praticará toda a sua vida com verdadeiro afã: a sua oração vai estar marcada, não pela quietude ou a satisfação do gosto pessoal, mas pela *procura da vontade de Deus*.

A pergunta frequente dirigida a Deus, ficará, desde então, instalada na sua oração; pergunta feita desde a confiança de encontrar resposta

no Senhor; e essa mesma pergunta vai ser repetida nos sucessivos compromissos da sua vida. Iremos vê-lo como *o homem orante que interroga a Deus* e fica à escuta antes de tomar as suas opções. Como naquela ocasião em que, perante a insegurança que manifestam os seus mestres, deve decidir se utiliza a sua fortuna para “fundar” (dar fundamento económico) a obra das Escolas, ou, então, deixa que seja a Providência de Deus quem lhe dê “fundamento”, como lhe recomenda o Pe Barré, seu conselheiro espiritual. O seu biógrafo *Blain* põe nos seus lábios *esta oração*, provavelmente a partir do que o próprio João Batista tinha exprimido na sua “Memória dos Começos”:

“Meu Deus, eu não sei se há que fundar ou se não há que fundar: não me compete a mim estabelecer comunidades nem saber como há que as estabelecer. Isso é a Vós que pertence, assim como fazê-lo na forma que Vos praza. Eu não me atrevo a fundar, pois ainda não sei qual é a Vossa vontade. Portanto, não serei eu a decidir nada quanto à fundação das nossas casas: se sois Vós a fundá-las, estarão bem fundadas; se Vós não as fundais, não serão fundadas. Dai-me a conhecer, Senhor, a vossa santa vontade”

A CAMINHO COM O NOSSO GUIA

1. COMO O RECONHECEREI?

O caminho da oração é também o caminho da procura de Deus, ou, mais exatamente, da vontade de Deus, isto é, do que Deus espera de ti. Mas não é a procura de algo externo, feito e acabado, como quem busca um livro numa biblioteca e, logo que o encontra, põe-se a lê-lo para o aprender e segui-lo ao pé da letra. Não é isso!

A procura e o encontro realiza-se, não “de vez”, mas no decorrer de um diálogo no qual Deus vai dando-te sinais, interpela-te e se deixa interpelar por ti; afina a tua sensibilidade; faz-te descobrir novos recursos da tua capacidade; ou te abre os olhos para reconheceres a tua pobreza e debilidade para que contes com Ele ainda mais; permite-te ver ou intuir um novo horizonte... E, à medida que identificas os sinais e te comprometes, também o diálogo vai-se enriquecendo com novas pistas...

“Teu rosto buscarei, Senhor; não me escondas Teu rosto” (Salmo 26). O rosto que procuramos na oração não é uma imagem pintada, ou com traços que se concretizam em olhos arredondados ou rasgados, com barba e cabelo comprido ou sem um único cabelo, com nariz reto ou aquilino, de cor clara, bronzeada ou preta... E as palavras que Lhe possamos escutar, também não virão expressas em sons identificáveis em português, francês, espanhol, inglês ou latim...

O Deus cujo rosto procuramos e cujas palavras queremos escutar, é *o Deus da história*, o Deus a quem se pode encontrar *agindo, atuando*. Os traços do seu rosto e os sons das suas palavras encontramos-os e identificamo-los nas suas ações através da história, *através da minha história*. Conhecemo-l’O *pelos Seus sinais*. As palavras que lemos na Bíblia são *a expressão* feita pelos crentes, o Povo de Deus, das ações de Deus na história. E a leitura desta Palavra de Deus, expressa em palavras humanas, remete-nos sempre às ações de Deus, à História da Salvação.

A nossa dificuldade na oração, de não poder “ver” ou “escutar” a Deus, não se identifica com a dificuldade de visibilizar um rosto com traços humanos, ou qualquer coisa de simbólico como um raio de luz,

nem tampouco com o não poder ouvir umas palavras ou uma voz, ainda que seja mentalmente. A dificuldade real consiste em *não perceber a ação de Deus*.

Lembra aquela passagem do livro do Êxodo que nos relata a cena do encontro de Moisés com Deus, diante daquela sarça que ardia: Moisés sente-se enviado aos seus irmãos escravos no Egito, mas não sabe o que lhes vai dizer para os convencer de que é Deus quem o envia. Não sabe como lhes há de transmitir esta experiência de ele ter “escutado” a Deus, mas Deus dá-lhe a chave daquilo que ele deve dizer-lhes para que o reconheçam: *“Eu sou aquele que sou”* (Ex 3,14); *aquilo que sou e estou convosco; descobri-Me na vossa história, Eu estive ao lado dos vossos pais...*

A pergunta do crente surge, umas vezes confiante, esperançada, outras com angústia: *Onde é que estás Tu, Senhor?* E a palavra de Deus lhe responde: Vinde ver as obras de Deus (Salmo 45).

2. PROCURA HUMANA OU INICIATIVA DE DEUS?

A oração há de ser encontro desde o início.

“Então, o primeiro que se deve fazer na oração é penetrar-se interiormente da presença de Deus” (EMO 14).

O primeiro é encontrar-se. Este é o resultado da peregrinação para o interior, procurando a Deus, não a si próprio. Neste encontro produz-se, frequentemente, uma certa “tensão” ou confusão que não podes evitar:

- Hás de fazer o esforço de “transpor” o limiar da presença de Deus e interiorizar essa presença, deixando-te impregnar por ela como a esponja: *penetrar-se interiormente*.
- Depois desse primeiro esforço, terás a experiência de que é Deus quem se aproxima de ti e sai ao teu encontro, e brota assim a *celebração da presença de Deus*, no gozo do encontro.
- Mas a oração está situada no contexto da vida e das circunstâncias da pessoa. Se estiveres dedicado todo o dia às atividades próprias da tua missão, reclamado pelas necessidades das

crianças e jovens, é normal que quando quiseres “recolher-te” para orar tenhas normalmente a sensação de que Deus Se oculta, ou até que “foge”. Deus não se deixa dominar. Esta experiência é positiva: há de te impulsionar a renovar a tua atitude de abertura, o esforço da procura, a purificação do coração, o desejo de “entrar na presença de Deus”, a referência explícita a Deus das tuas tarefas diárias, lembrando, mais amiúde, a Sua presença.

O melhor fruto deste encontro é a renovação da procura na existência, o que é traduzido numa maior atenção a Deus e à suas manifestações no mundo, bem como no interior do crente. Santo Agostinho exprime muito bem esta experiência (cf. Md 125,3):

*Fizeste-nos, Senhor, para Ti,
e o nosso coração estará sempre inquieto
até descansar em Ti.*

Esta penumbra ou perplexidade que acompanha, às vezes, o encontro com Deus apresenta diversas variáveis na nossa experiência espiritual. Vamos reparar em duas: a ausência de Deus e a ausência de diálogo.

3. E QUANDO DEUS ESTÁ AUSENTE?

Qualquer “buscador de Deus” experimenta alguma vez na vida, ou muitas, *a ausência ou o silêncio de Deus*. Não encontra esse limiar, atrás do qual era suposto Deus estar à espera. Uma pessoa tenta *pôr-se na presença de Deus*, mas Deus *não aparece*; pelo menos, experimenta-se a sensação de vazio. Rompeu-se o equilíbrio “natural” entre a minha tendência para Deus e a Sua aproximação a mim.

Já passei por esta experiência¹⁸. É uma situação muito real, como o é a dor que causa em quem a padece, sabendo, ainda, que nem sempre se deve às próprias culpas. Podemos vê-lo simbolizado naquele parálítico que foi curado por Jesus, que nos relata Mt 9,1-8. Aqueles que sofrem esta situação de ausência de Deus, experimentam-na como paralisia espiritual (Md 71):

¹⁸ O seu biógrafo, Blain, no-lo recorda ao comentar aquela situação próxima do ano 1714, em que até a oração “se converteu, para ele, em terra seca e árida...; a sua alma já não gozava da doçura divina...; Deus não lhe dizia nada e deixava-o nas trevas”. (Bl 2,96).

*“...Não encontram facilidade para ir a Deus,
ou por falta de luz,
ou por falta de ajuda da parte daqueles que os dirigem...
Deus deixa a alma nessa situação para que sinta
que não pode nada sem Ele,
e que não pode ter o impulso necessário para ir a Ele,
se não contar com a ajuda da Sua graça;
e que, pelo contrário, tudo pode
quando Ele a fortalece”.*

Haverá que aceitar então que a iniciativa é de Deus, e que Ele tem os “seus tempos” para voltar a passar:

*“Deve, pois, esperar com paciência
a que Jesus passe, e ponha o remédio para o seu mal.
Pois assim como Ele nos obteve
a graça da redenção,
assim conhece o modo de fortalecer a nossa alma
e de lhe devolver o movimento que tinha perdido.
O único que se precisa é tentar ser fiel
em se deixar levar até Jesus quando Ele passar,
como fez o paralítico que jazia no seu leito,
aceitando o seu mal até ser curado por Jesus.
Pois para este tipo de doenças,
só Ele, normalmente, tem o remédio;
e tudo o que cada um pode fazer,
é vigiar sobre si mesmo para não fazer o mal.
Então há que orar muito
e se contentar com dizer a Deus, como David:
“Cria em mim, ó Deus, um coração puro
e renova nele o teu espírito firme
para que me conduza diretamente a Ti” (Sl 50,12).*

Nestes casos, quando a proximidade parece difícil pelo lado de Deus, o que pode fazer o crente?

*“Seguremo-nos com a firmeza da nossa fé,
ainda que não tenhamos nenhum sentimento de Deus
e ainda que nos achemos sem movimento para Deus.
Tenhamos a certeza de que este olhar de fé*

*ser-Lhe-á tão agradável
que depois de ter favorecido
e alentado a nossa confiança,
dir-nos-á, como ao paralítico: **Levanta-te!**;
isto é, eleva-te para Deus;
e, recuperadas todas as nossas forças,
fá-lo-emos com facilidade.*

*Já não encontraremos nada que nos detenha,
nada que seja obstáculo,
nos nossos movimentos exteriores,
que nos impeça ir para Deus.
Por isso, Jesus nos dirá de imediato: **Vai!**;
quer dizer que, então, nos acharemos
com uma facilidade tão grande
para ir a Deus e para conversarmos com Ele,
que nada nos causará maior prazer.
Esse será o fruto da nossa paciência,
que Deus se compraz em fazer surgir
nos seus servidores”.*

Mas há de se conjugar a liberdade do homem com a iniciativa de Deus:

*“Para a cura da nossa paralisia espiritual,
não basta que Jesus nos ordene “levantar-nos”.
É preciso, além disso, que nós o queiramos,
a não ser que tal paralisia
seja simplesmente uma prova da parte de Deus,
sem que nós sejamos culpáveis de nada;
pois, nesse caso, Ele só tem de mandar
para ser obedecido.*

*Porém, se aconteceu em nós alguma coisa
que causou tal doença ou que a ela contribuiu,
então é necessário também que,
da nossa parte, nós colaboremos para a cura.
Pois, nas enfermidades espirituais e nas corporais,
não acontece a mesma coisa.
Para curar as corporais, basta que Jesus fale,
ou até, que Ele o deseje;*

*mas nas referentes à alma,
é necessário, da nossa parte,
que nós queiramos ser curados;
pois Deus não força nunca a nossa vontade,
embora a exorte e a inste.
Portanto, para a cura das nossas enfermidades
espirituais, corresponde-nos a nós aceitar a sua graça,
cooperar com ela e apoiar o bom desejo de Deus”.*

Então, como se enfrentar, na oração, a esta situação de ausência ou silêncio de Deus? Toma nota destas duas sugestões:

- A primeira, que a tua maneira de chegar a Deus seja pelo *sentimento de fé*, não pelo reconhecimento de sinais sensíveis da Sua presença.

Dir-te-ei o que em certa ocasião escrevi a uma pessoa religiosa que procurava ansiosamente evidências de que Deus estava ao seu lado e a escutava: *Nunca se detenha nos gostos sensíveis, antes ao contrário, tema-os e desconfie deles.*¹⁹

- A segunda, que o apoio para este sentimento de fé seja algo tão objetivo como a Sagrada Escritura. Ela será o melhor impulso para uma fé vacilante ou angustiada.

Não te habitues comodamente ao silêncio de Deus: procura a sua voz, inclusive a Sua presença, através da Sua Palavra. Graças a ela, nunca chegará a desvanecer-se totalmente o ponto de encontro.

Pode ser apreciada a coincidência desta doutrina lassalista com o seguinte texto do Magistério da Igreja:

“Em todo o caso, para quem se empenha seriamente, virão tempos nos quais lhe parecerá vagar num deserto e, apesar de todos os esforços, não ‘sentir’ nada de Deus. Deve saber que estas provas não são poupadas a ninguém que tome a sério a oração. Mas não deve identificar imediatamente esta experiência – comum a todos os cristãos que rezam – com a ‘noite escura’ dos místicos. De todos modos, naqueles períodos deve se esforçar firmemente por manter a oração que, embora possa dar-lhe a sensação de uma certa ‘artificialidade’, trata-se, na realidade, de algo completamente diferente: é precisamente então quando a oração constitui uma expressão da sua fidelidade a Deus, em presença do qual

¹⁹ Carta 126,7.

quer permanecer, até mesmo a pensar de não ser recompensado com nenhuma consolação subjectiva.

Nesses momentos, aparentemente negativos, é onde se mostra o que é que procura quem faz oração: *se procura a Deus*, que, na sua infinita liberdade, sempre o supera, *ou se busca apenas a si mesmo*, sem conseguir ir mais além das próprias ‘experiências’, quer lhe pareçam positivas -de união com Deus- quer negativas -de ‘vazio’ místico-²⁰.

4. A AUSÊNCIA DO DIÁLOGO

Esta dificuldade para a oração é ainda mais frequente que a anterior, e se dá especialmente naqueles que estão a iniciar-se na oração, pela tendência a confundir esta com o diálogo fluído e de abundantes palavras.

Aos principiantes no caminho da oração é-lhes de grande ajuda o que tenho chamado de “atos” ou expressões dos sentimentos de fé, mas não confundam a sua abundância ou variedade com o que é importante na oração: A riqueza do encontro não é proporcional à quantidade de sentimentos que eu possa exprimir a Deus, mas à minha abertura diante de Deus e a Sua vontade.

À mesma pessoa à que me referia anteriormente alertando-a contra o fingido sentimentalismo religioso, dizia-lhe também: *Há que evitar a ociosidade, mas também o se emaranhar com a abundância de atos. Para contentar a Deus, basta que você permaneça na sua santa presença* (Carta 126,11).

Se tudo queres dizer tu, não estranhes que Deus não interrompa o teu monólogo ou solilóquio.

*“Só se aprende a falar a Deus escutando-O;
pois saber falar a Deus e conversar com Ele,
só pode vir de Deus,
que tem a sua própria linguagem,
e que só o comunica aos seus amigos e confidentes,
a quem concede a dita
de conversar amiúde com Ele”* (Md 64,2).

20 “La oración cristiana: encuentro de dos libertades” 29-30. Congregação da Doutrina da Fé. Roma 1989.

Por isso, insisto-te em que a Palavra de Deus seja o veículo mais frequente da tua própria expressão no diálogo com Deus:

*Algumas passagens da Escritura Sagrada
são amiúde muito úteis para ajudar a alma a fazer
esse tipo de reflexões de poucas palavras;
tanto mais quanto que, sendo palavras de Deus,
segundo nos ensina a fé,
têm, em si mesmas, uma unção divina,
conduzem-nos, por si mesmas, a Deus,
e fazem-nos gostar de Deus,
ajudam-nos a manter o olhar em Deus e também
a conservar em nós o gosto de Deus”(EMO 143).*

O diálogo, no processo da oração, pode ser focado então, de forma simples, lendo ou escutando uma passagem da Palavra de Deus, e respondendo logo com alguma breve reflexão ou “eco” que surge em ti, sempre que seja *propício para mover o coração* (EMO 92); quer dizer, não se trata de ideias mas de sentimentos. Nesta dialética vai aumentando progressivamente o *silêncio interior*, um silêncio *carregado de presença*:

*“Deste modo, pela atenção a algum texto de fé,
unida a alguma reflexão,
poderá adquirir insensivelmente a facilidade
de se aplicar à presença de Deus
‘por simples atenção’” (EMO 96).*

Também aqui vemos a confluência entre o nosso guia e Santa Teresa de Jesus:

“Quando vem esta quietude, o que há de fazer a alma é proceder em tudo com suavidade e sem ruído. Chamo “ruído” a trabalhar com o entendimento procurando muitas palavras e considerações para dar graças por esse benefício e lembrar, e ajuntar pecados seus e faltas, para ver que não o merece.

Desperte a vontade com algum pensamento de quão melhorada se vê para avivar o amor, e faça alguns atos amorosos do que se quer fazer por Aquele a quem tanto deve, sem admitir ruído do entendimento para procurar grandes razões”.²¹

²¹ Santa Teresa, *Vida*, cap. 15,6-7.

Esta é a meta, à que poderás ir chegando num modo de fazer oração que se pode definir simplesmente como *aplicação da presença de Deus*, ou, no seu grau mais avançado, *‘por simples atenção’*,

*“consiste em estar perante Deus
por um simples olhar interior de fé
ao que Ele está presente”* (EMO 99).

Mas este caminho abre-se sobre a vida, não o esqueças. Não se trata de ficar ancorado em “a Montanha sagrada” da oração. O resultado final nos deixará centrados em Cristo e na sua obra salvadora. N’Ele é, em definitivo, onde se produz a nossa unificação com Deus. Aquele texto de Paulo (Gálatas 2,20), exprime perfeitamente a *interioridade* que, pouco a pouco, vai crescendo em nós:

*“Essas almas podem então dizer, como S. Paulo,
que **já não são elas que vivem,**
mas Cristo que vive nelas,
e que, por assim dizer, vivem a vida do mesmo Deus,
que consiste em pensar somente n’Ele
e naquilo que a Ele diz respeito,
e em agir só por Ele”* (EMO 102).

UM EXERCÍCIO DE ORAÇÃO

Deus está a passar pela minha vida

É este um exercício que podes fazer com frequência, e desde diversas situações de ânimo.

O objetivo: aprofundar a consciência de que Deus está presente na tua vida, é parte necessária da tua história, está a passar ao teu lado e te deixa sinais da Sua presença.

Até podes chamá-lo de *a oração do salmista*, porque este exercício é o que está no *pano de fundo* de muitos salmos, que serviu aos seus redatores para a sua composição:

- Um olhar ao próprio passado, ao da comunidade, ao do Povo eleito, para contemplar, admirar e agradecer a presença de Deus na nossa história, os fatos que manifestam a fidelidade de Deus, a sua misericórdia e o seu carinho, a sua paciência com as nossas infidelidades, sua constância em refazer o barro quebradiço da nossa debilidade, o seu empenho em recompor os laços que o nosso pecado rompeu... Segundo a situação que esteja a viver o salmista (que hoje és tu) no tempo presente, porá o acento numa ou noutra dessas perspetivas.
- Um olhar ao presente, desde a situação anímica que se está a viver; não para se ficar preso ou bloqueado por ela mas para olhar mais além, ainda que seja através dela, porque Deus está aqui, transformando esta oportunidade em tempo de graça e salvação, embora não conseguimos vê-lo à superfície. Apoiamo-nos no sentimento de fé que nos dá o olhar anterior. Peço ao Senhor que abra os meus olhos para reconhecer os seus sinais, que avive a minha sensibilidade para sentir a Sua passagem...; ou grito a minha incapacidade para O reconhecer.
- Um olhar ao futuro que está chegando: ponho a minha vida nas mãos do Senhor, reafirmo a minha atitude de procura, atualizo a minha oferta.

Para cada uma dessas fases, podes tomar como apoio alguma das passagens que aqui se propõem, ou outros salmos, ou nos profetas...

Deixa que o texto que recitas faça eco em ti, que ressoe esse sentimento no teu interior, sem pressas por passar a outro.

1. Porque tens estado presente na minha vida...

*Dai graças ao Senhor porque Ele é bom,
porque é eterna a sua misericórdia.
Só Ele fez grandes maravilhas...
Ele nos libertou dos nossos opressores. (S. 135)*

*Senhor, Tu tens sido o nosso refúgio
de geração em geração.
Dá-nos alegria, pelos dias em que nos afligiste.
Que os teus servos vejam a Tua ação,
e os seus filhos a Tua glória. (S. 89)*

*Deus é o nosso refúgio e a nossa força,
poderoso defensor no perigo.
O Senhor dos exércitos está connosco,
o nosso alcáçar é o Deus de Jacob. (S. 45)*

*Bendiz, ó minha alma, o Senhor!
Ele perdoa todas as tuas culpas
e cura todas as tuas enfermidades.
Ele resgata a tua vida da fossa
e te enche de graça e de ternura. (S. 102)*

2. ...E sei que hoje também o estás, embora me custe ver-Te.

*Protege-me, meu Deus, que eu me refugio em Ti;
eu digo ao Senhor: 'Tu és o meu bem'.
Os deuses e senhores da terra não me satisfazem. (S, 15)*

*Levanto os meus olhos para os montes:
de onde me virá o auxílio?
O auxílio me vem do Senhor,
que fez o céu e a terra. (S. 120)*

*O Senhor é a minha luz e salvação:
a quem hei de temer?*

*O Senhor é a defesa da minha vida:
quem me fará tremer? (S. 26)*

*Porque ficas longe, Senhor,
e Te escondes no momento da desgraça?
Senhor, Tu escutas os desejos dos humildes,
ouves os seus anseios e os animas;
Tu defendes o órfão e o desvalido. (S. 9)*

*O Senhor é minha força e minha energia,
Ele é a minha salvação! (S. 117)*

3. Eu continuarei a procurar-Te sempre.

*Ouçõ em meu coração: 'Buscai Meu rosto'.
Teu rosto buscarei, Senhor,
não me escondas Teu rosto. (S. 26)*

*Ó minha alma, recupera a tua calma,
que o Senhor foi bom contigo.
Caminharei na presença do Senhor,
no país da vida. (S. 114)*

*Ó Deus, restaura-nos;
que brilhe sobre nós o Teu rosto e nos salve! (S. 79)*

*Até quando, Senhor, continuarás a esquecer-me?
Até quando me ocultarás o Teu rosto? (S. 12)*

*Examina-me, Senhor, e vê o meu coração;
põe-me à prova para saber os meus pensamentos.
Vê se é errado o meu caminho
e guia-me pelo caminho eterno. (S. 138)*

5. Orar é... abrir-se à presença de Deus e celebrá-la!

UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA

Caminhando na presença de Deus

Para os lassalistas, “pôr-se na presença de Deus” é algo de “conatural”, poderíamos dizer “identitário”. É, desde logo, algo mais do que um exercício piedoso. E não é só a parte fundamental da oração segundo nela apresenta La Salle. É a atualização, em ocasiões concretas, desse *modo de vida* que herdámos do nosso pai na fé, Abraão, quem decidiu seguir o convite de Deus, que lhe tinha dito: “*Caminha na minha presença com lealdade*”. (Gn 17,1)

Essa é a atitude que leva a João Batista de La Salle a viver num exercício constante, atento aos sinais pelos que Deus lhe vai ‘assinalando’ o caminho. A sua experiência ajuda-nos a captar o sentido existencial que tem este “exercício” da presença de Deus.

João Batista é, como o profeta bíblico, o homem de *olhos abertos* para descobrir os sinais pelos que Deus lhe fala; é o homem de *ouvidos atentos* para escutar a voz de Deus que lhe comunica a Sua vontade. Na sua própria existência experimenta a força e ação transformadora de Deus. Tem sido chamado, com a sua comunidade, a *preparar o caminho do Senhor*²² nos corações das crianças e jovens através da educação cristã. Mas teve que realizar primeiramente o seu próprio caminho, pelo que Deus se encontrava com ele, em cada passo, para guiá-lo na missão que lhe tinha preparada.

Quando a obra da comunidade e das escolas está em andamento, João Batista faz uma releitura do que foi este caminhar, e constata, com gozo, que Deus estava presente como protagonista da aventura: é o Deus

²² Expressa-o nas Meditações 2 e 3, para o tempo do Advento.

da História da Salvação, quem chama e envia, quem conduz os homens e ao mesmo tempo respeita a sua liberdade... O Deus bíblico fica refletido na *Memória dos Começos*, onde La Salle lê a sua vida como *relato do Deus que salva* e, então, descobre-se a si próprio como instrumento responsável:

“Deus, que governa todas as coisas com sabedoria e suavidade, e que não costuma forçar a inclinação dos homens, querendo comprometer-me a que tomasse por inteiro o cuidado das escolas, fê-lo de maneira totalmente imperceptível e em muito tempo, de modo que, um compromisso me levava a outro sem tê-lo previsto nos inícios” (MC-Blain 1, 169).

O *exercício orante* da presença de Deus vai necessariamente unido a essa atitude vital de *caminhar na presença de Deus*. É um itinerário que leva sempre a uma mudança de lugar. La Salle convida-nos a orar *desde o fundo da alma*, quer dizer, desde o lugar da transparência, da raiz do ser, da abertura a Deus e ao Seu projeto sobre mim. Quando me esforço para procurar este “lugar” para orar, então, a minha vida se abre à presença de Deus; e Ele conduz-me, de experiência em experiência – *‘de compromisso em compromisso’* (para usar a sua própria expressão) – na direção de *um lugar radical*. Não encontrarei a presença de Deus se não estiver disposto a fazer esse percurso para onde Ele me conduz.

A CAMINHO COM O NOSSO GUIA

1. UM ESTILO DE ORAÇÃO: ABRIR-SE À PRESENÇA DE DEUS

Começarei por te dizer, acerca do *exercício da presença de Deus*,

*“que não há que se deter nele por pouco tempo,
porque a presença de Deus é precisamente
o que mais contribui a infundir o espírito de oração
e a aplicação interior que se pode ter nela;
senão que se há de procurar
que a mente se ocupe nela quanto lhe for possível
e não aplicá-la a outro assunto,
até que já não possa achar meio
de prestar atenção a este”* (EMO 121).

a) À procura do *limiar*

Proponho-te agora um modo de orar que vai da mão com um estilo e uma experiência de vida. Habitamo-nos a encontrar Deus na vida, na nossa tarefa educativa... nas crianças e jovens com quem nos relacionamos. O próprio Espírito nos urge a este estilo de oração, para que, logo a seguir, nos seja mais fácil reconhecer Deus na missão que Ele nos confia, naqueles aos quais nos envia e nos que nem sempre é fácil descobri-l’O.

Deus se tem mantido na nossa história e tem-Se encarnado no nosso mundo; manifesta-Se perante em nós com “presenças” concretas, com rostos identificáveis. Cada sinal situa-te perante a transcendência de um Deus que não se deixa dominar, mas que, ao mesmo tempo, aproxima-Se de ti de muitas maneiras. Cada sinal é um impulso que te empurra a afiançar-te na fé, a deixar-te influenciar pela presença de Deus.

Qual é o *limiar* que terás de ultrapassar para encontrar-te com Ele? Talvez seja melhor fazer a pergunta deste modo: qual o limiar no que Ele está a espera para Se encontrar contigo? É uma pergunta que deves fazer-te cada dia, e que só poderás responder se desenvolveres em ti o hábito de estar atento aos sinais pelos que Deus se faz presente em ti, para que tu possas fazer-te presente a Ele, lá onde Ele quer encontrar-te.

Pensa nos habitantes de Belém na altura em que Maria e José chegaram lá à procura de pousada. Com eles ia Jesus, na barriga de Maria. Mas aqueles belemitas não viram mais do que dois pobres caminhantes, e *não houve lugar para eles na albergaria* (Lc 2,7). Quem os viu no limiar da

sua casa, não reconheceu a Deus com eles, e Deus não pode passar por aquele *limiar*.

*“Há quanto tempo que Jesus
se apresenta diante de vós,
e bate à porta do vosso coração
para estabelecer nele a sua morada,
sem vocês quererem recebê-l’O?
E porquê?
Porque só se apresenta sob a figura de pobre,
de escravo, de varão de dores”*(Is 53,3).

(Md 85,1. Para a vigília de Natal).

Teremos de estar vigilantes para descobrir, em cada situação, como Ele se aproxima de nós, de que forma quer manifestar-Se a nós. Precisamos de nos abrir à presença de Deus, tornarmo-nos sensíveis aos seus sinais. Abrirmo-nos é equivalente a reconhecer a presença de Deus, pois Ele já está presente, antes de cairmos na conta disso.

Situa-te, portanto, nalgum dos limiares e avança por ele; aproveita as possibilidades que este sinal apresenta e os frutos que te oferece. Ajudar-te-á a manter-te em recolhimento e te dará facilidade para ocupar-te mais tempo e mais interiormente na presença de Deus.

Enquanto vais identificando-te com este modo de orar, verificarás que vai aumentando indefinidamente o número de limiares, ou de janelas, pelos que podes espreitar a presença de Deus na vida diária: observarás que Deus está na tua história, conduzindo-te de um compromisso a outro; Deus está nos teus irmãos, naquele marginalizado e naquele que apenas significa nada... Se és educador, pai-mãe, animador, catequista... poderás vê-lo em cada um dos teus alunos, filhos, animandos, catequizandos...

A abertura de coração, cultivada e pedida nos tempos fortes de oração, terá o seu “comprovativo” nos limiares mais humildes da encarnação, que costumam coincidir com os mais marginalizados, de entre aqueles com os que desenvolves a tua missão. Esses limiares pelos que Deus “espreita” e onde espera que tu te aproximes, não são fáceis de perceber se previamente não tiveres despertado em ti a sensibilidade que te permite identificá-los.

Assim, ir-se-á enraizando em ti a atitude de viver atento às manifestações de Deus no mundo. É uma graça de Deus que terás de pedir:

*“Ilumina-me, ó meu Deus, com a tua divina luz,
para que sempre Te veja e sempre Te reconheça
presente em todos os lugares...” (EMO 138,2)*

b) Mais além do limiar

A *procura do sinal*, a eleição ou a atração por um determinado limiar, é o primeiro passo para começar a tua abertura. Os sinais da presença de Deus motivam-nos para nos introduzir no que é verdadeiramente importante: *o diálogo familiar com Deus*, um diálogo promovido e animado pelo Espírito de Deus.

O *limiar* é só isso: há que o transpor e entrar na casa. Como Elias, uma vez chegado à montanha (1 Re 19,9-13), há que esperar de pé, diante da gruta da própria interioridade, e escutar atentamente a chegada da brisa suave: é Deus quem sai ao teu encontro e decide dialogar contigo na intimidade.

Deus quer um culto interior, *em espírito e em verdade*, segundo diz Jesus no seu diálogo com a Samaritana (Jo 4,24), quando ela Lhe apresenta a alternativa de que se deve adorar a Deus no templo de Jerusalém ou no monte Garizim. A resposta de Jesus aponta para *a interioridade da pessoa*, como lugar real no que devemos dar culto a Deus. O templo, a que nos referimos como “casa de Deus”, é apenas e só um sinal da Sua presença. *A relação da pessoa com Deus* é o que conta, para além dos sinais concretos.

Assim é como transpomos o limiar, ao passar do *sinal* à *relação* com Deus: *no íntimo do coração, no fundo da alma*, encontramos o mistério de Deus. Foi ali que nos conduziu o Espírito Santo e é lá que Ele ora. E ali se encarrega de fazer presente *o Sinal* por excelência de Deus, o principal *limiar* pelo que nós acedemos a Deus e Deus a nós: *Jesus Cristo*.

2. OS LIMIARES DA PRESENÇA DE DEUS

Quando estás retirado para orar, que tipo de *limiares* podem servir-te para te situares na presença de Deus? Sugiro-te alguns, a seguir.

a) Em qualquer lugar que estiveres, descobre a Deus presente em toda a parte.

Este é o limiar mais amplo, pois coincide com toda a criação. Deus suporta a sua Obra; Ele anima a vida e existência de todas as criaturas. Podes descobrir a presença de Deus no mundo, em todos os seres. Este sentimento de fé manifestava-se em Francisco de Assis daquela maneira exultante que plasmou no Cântico das Criaturas: *Louvado sejas, meu Senhor!* Podes partilhar os seus sentimentos, e avançar com eles neste limiar.

*Louvado sejas, meu Senhor, com todas as Tuas criaturas,
especialmente o senhor irmão Sol,
que clareia o dia e que, com a sua luz, nos ilumina.
Ele é belo e radiante, com grande esplendor;
de Ti, Altíssimo, é a imagem.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
pela irmã Lua e pelas estrelas,
que no céu formaste, claras, preciosas e belas.*

*Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Vento,
pelo ar agitado ou sereno;
e por todo o tempo
em que, às Tuas criaturas, dás sustento.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
pela irmã água, útil e humilde, preciosa e casta.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
pelo irmão fogo, com o qual iluminas a noite.
Ele é belo e alegre, vigoroso e forte.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa,
produz frutos diversos, flores e ervas ...*

E Deus é também o Senhor da história. Ele está por trás de cada acontecimento, sem ser “causa” deste, mas servindo-se dele, ainda que seja mau, para fazer avançar o seu plano de salvação.

Tenta sentir-te imerso na Sua presença, uma presença que te abraça e te convida a confiar n’Ele, a te apoiares fortemente n’Ele nas ocasiões de tentação e debilidade, ou quando a dificuldade apareça demasiado pesada para ti.

Deixa que ressoem em ti estas palavras do *salmo 138*, enquanto aprofundas este sentimento de confiança: *A qualquer parte onde eu vá, terei a sorte de estar sempre junto de Ti* (EMO 128,2).

*Onde é que eu poderia ocultar-me do Teu espírito?
Para onde poderia fugir da Tua presença?
Se subir aos céus, Tu lá estás;
se descer ao mundo dos mortos, ali te encontras.
Se voar nas asas da aurora
ou for morar nos confins do mar,
mesmo aí a Tua mão há de guiar-me
e a Tua direita me sustentará.*

Ou com a imagem do pastor que acompanha as suas ovelhas, diz-Lhe com o salmo 22:

*Ainda que atravesse vales tenebrosos,
de nenhum mal terei medo
porque Tu estás comigo.
A Tua vara e o Teu cajado dão-me confiança.*

Na espiritualidade céltica-cristã este limiar adquire uma grande intensidade e exprime-se com traços dinâmicos como os que utiliza *esta oração atribuída a S. Patrício*. A presença universal de Deus é uma força criadora que nos enche de energia e nos convida a pôr-nos “de pé” para sermos protagonistas do Reino de Deus. Alcança o seu ponto máximo na Encarnação, em Cristo, em quem se reconstrói “*a unidade de todas as coisas, as do céu e as da terra*” (Ef 1,10), pois “*tudo foi criado por Deus, em Cristo, por Cristo e para Cristo*” (Col 1,16). Eis a oração de S. Patrício (da Irlanda):

*“Hoje estou disposto:
graças à força de Deus que me conduz.
O olhar de Deus precede os meus passos;
a sabedoria de Deus guia-me;
o caminho de Deus estende-se diante de mim.*

*O escudo de Deus protege-me:
de tudo aquilo que puder fazer-me mal,
em qualquer parte e lugar,
na solidão e na multidão,
contra todo o poder cruel e impiedoso
que possa atentar contra meu corpo ou minha alma.*

*Cristo comigo, Cristo diante de mim,
Cristo atrás de mim, Cristo dentro de mim,
Cristo por baixo de mim, Cristo sobre mim,
Cristo à minha direita, Cristo à minha esquerda;*

*Cristo quando me deito, Cristo quando estou sentado,
Cristo quando me levanto, Cristo protege-me sempre.
Cristo no coração de todo aquele que pense em mim,
Cristo nos lábios de todo o que fale de mim”.*

b) Quando estiveres reunido com os teus irmãos para orar, Jesus está lá no meio.

Descobre a Cristo e recebe-O em comunidade, pois Ele está presente no meio dos que estão reunidos em Seu nome (Mt 18,20).

*“Está no meio deles para lhes dar Seu santo Espírito,
e para serem dirigidos por Ele
em todos os atos e em toda sua conduta” (EMO 26).*

Este limiar tem para mim ressonâncias especiais. Lembra-me uma mudança importante na minha vida, na altura em que troquei o Coro de cónegos da Catedral de Reims, por aquele grupo de mestres que seria mais tarde a Comunidade das Escolas Cristãs. Os primeiros eram um grupo de ministros sagrados, e resultava fácil pensar que Deus estava no meio de nós quando cantávamos os seus louvores no Coro... Os segundos eram um grupo de leigos dedicados a dar aulas. Estes não sabiam que Jesus estava com eles, e eu tive de Lho descobrir e depois fazer-lhes ver que era Ele mesmo quem os tinha chamado para os enviar a salvar aquelas pobres crianças que enchiam as suas aulas. E porque Jesus estava no meio deles, a comunidade ia, pouco a pouco, crescendo para dentro, enchendo-se de espírito e aumentando em fraternidade.

Jesus é quem edifica a comunidade e a conduz ao seu objetivo, a missão que Ele lhe confiou; e também é Ele quem promove a coesão entre os membros da comunidade e suscita em cada um o espírito do seu estado.

*“Está no meio deles para os unir,
cumprindo por Si mesmo
o que pediu por eles a Seu Pai antes da sua morte
com estas palavras de S. João:*

*‘Faz com que todos sejam uma mesma coisa em Nós
como Tu, Pai, e Eu somos um;
e para que sejam consumados na unidade’;
isto é, que todos sejam de tal modo um*

*e tão unidos entre si,
pela unidade de um mesmo Espírito
– que é o Espírito de Deus –
que jamais possam desunir-se” (EMO 27).*

Ele está no meio da comunidade, atraindo a todos para Si. Mas essa atração não é automática, pois depende de cada membro da comunidade se deixar atrair. Podemos compará-lo com *o sol*,

*“que não só comunica às plantas
a virtude de produzir, mas que
dá igualmente aos frutos a bondade e perfeição,
que é maior ou menor
segundo estejam mais ou menos expostos
aos raios do sol” (EMO 32).*

Realmente, é este um limiar que, ao mesmo tempo, nos enche de gozo e nos desafia. Ter Jesus no meio de nós é a melhor garantia para que a nossa comunidade possa crescer e dar fruto. Mas é um repto exigente; pois tanto a vida interna da comunidade como a sua projeção sobre a missão educativa, devem se deixar confrontar constantemente por Jesus e a sua mensagem:

*“É assim como os Irmãos fazem seus exercícios
e as ações próprias da sua vocação,
com maior ou menor perfeição,
em proporção da maior ou menor
relação, conformidade e união com Jesus Cristo” (EMO 32).*

Já terás observado que este modo de presença não te deixa num “aparte” com Jesus. Ao contrário, devolve-te à comunidade, com os teus irmãos, e te faz responsável por eles. Por isso, nesse diálogo com Jesus presente no meio dos irmãos, há de surgir a oração de petição por eles, a atitude de perdão, a promessa de pôr, da tua parte, os meios para continuar a construir a comunidade.

*Que sorte tenho, meu Deus,
de poder fazer oração com os meus queridos irmãos,
pois, segundo as Tuas palavras, temos a vantagem
de que assim Tu estás no meio de nós.*

*Estás presente, Jesus,
para derramar o Teu Espírito sobre nós,*

*como o derramaste sobre os teus apóstolos
e primeiros discípulos,
quando estavam reunidos e perseveravam na oração,
em íntima união de espírito e de coração no Cenáculo.*

*Concede-me também, pela Tua presença
no meio de nós reunidos para orar,
a graça de ter íntima união
de espírito e de coração com os meus irmãos,
e a de entrar nas mesmas disposições
em que estavam os santos apóstolos no Cenáculo,
para que, havendo recebido o Teu divino Espírito,
segundo a plenitude a que me destinaste,
me deixe dirigir por Ele
para cumprir os deveres do meu estado
e me faça participar do Teu zelo na instrução
daqueles que Te dignes confiar aos meus cuidados. (cf EMO 2,36-37).*

*Pede, Jesus, ao Pai,
– que é o Deus dos corações –
que do meu e do dos meus irmãos,
forme um só no Teu. (cf Md 39,3).*

c) E também, em qualquer lugar, contempla a Deus presente no teu interior.

Poderíamos chamar a este limiar “o dos olhos fechados”, porque é o que mais olha para dentro, para esse núcleo interior onde és mais tu mesmo. Aí, no centro do teu ser, descobres o Espírito de Deus. Ele é o dom que o Pai pôs em ti, que opera dentro de ti e constrói o teu ser interior.

Ele sustém e alimenta a tua vida. Como diz S. Paulo:

*“Deus não está longe de cada um de nós,
pois n’Ele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28).*

Nada de tipo estático: não é um santinho ou estampa pendurada nalgum cantinho. É pura energia vital. No centro do teu ser podes observar essa semente do Reino de Deus que está a germinar, que intenta deitar raízes, segundo diz Jesus: *O Reino de Deus está dentro de vós* (Lc 17,21). É o amor de Deus que quer prender em ti, e, através de ti, atingir muitos outros.

É o Deus Trindade que prometeu visitar a tua casa:

*“Quem me ama guardará a minha palavra,
e o Meu Pai amá-lo-á, e viremos a ele
e nele faremos a nossa morada” (Jo 14,23).*

Este limiar é também causa de satisfação e, ao mesmo tempo, de responsabilidade; porque te tornas consciente de que Deus mesmo reside em ti, e, em contrapartida, comprometes-te a deixá-l’O que tome posse do teu coração, que Ele seja o Senhor dos teus sentidos, das tuas paixões, dos teus impulsos vitais.

Olha para o teu próprio corpo como o que é realmente: o templo de Deus. Diz S. Paulo:

*“Não sabeis que os vossos membros
são templo do Espírito Santo, que habita em vós,
o qual tendes recebido de Deus,
e que deste modo já não vos pertenceis?” (1 Cor 7,19) (EMO 56).*

A experiência de Santo Agostinho perante este limiar da presença de Deus teve um grande impacto na sua espiritualidade. As suas próprias palavras podem servir-te para acrescentar a tua consciência de ter um tal hóspede na tua casa:

*Tarde Te amei!
Tarde Te amei, ó beleza tão antiga e tão nova!*

*Tarde Te amei!
Tu estavas dentro de mim; eu estava fora.
Lá por fora, eu procurava
e me lançava sobre o bem e a beleza
criados por Ti.*

*Tu estavas comigo
e eu não estava comigo nem contigo.
As coisas seguravam-me longe.*

*Não Te via nem Te sentia
nem notava a Tua ausência.
Mostraste o Teu resplendor
e puseste em fuga a minha cegueira.
Exalaste o Teu perfume e respirei
e agora suspiro por Ti.*

*Saboreei-Te e agora sinto fome e sede.
Tocaste-me com o Teu amor
e me abraço na Tua paz.*

*Tarde Te amei, tarde Te amei...
Por isso agora quero amar-Te
pelos tempos que perdi;
porque a quem ama muito,
muito se lhe perdoa,
meu Senhor e meu Deus!*

d) Se estiveres na capela, considera-a como a casa de Deus, sinal de quem pôs a sua tenda entre nós.

O templo de pedra, de tijolo ou de madeira, que costumamos chamar de “igreja”, é lugar de encontro dos que procuram e adoram a Deus. Por isso, referimo-nos a esse templo como “casa de Deus”, porque a Sua presença faz-se mais sensível através dos sinais referidos a Ele explicitamente, porque a assembleia dos fiéis celebra no templo a ação de Deus na nossa história, porque nele atualizamos, habitualmente, a oferenda de Cristo a Deus pela Eucaristia... Parece como que tudo, nesta casa, nos remete a Deus e à Sua Santidade.

O salmo 99 ajuda-te a dar forma a estes sentimentos de fé:

*“Entrai pelas suas portas dando graças,
pelos seus átrios com hinos,
dando graças e bendizendo o Seu nome.
O Senhor é bom,
a sua misericórdia é eterna,
a sua fidelidade por todas as idades” (Sl 99,4-5).*

Atravessa este limiar dando graças a Deus porque Ele se faz familiar na tua vida, porque te acolhe na sua casa, porque quis habitar no médio de nós. E podes dizê-lo também com o salmo 83:

“Ditosos os que vivem na tua casa louvando-Te sempre” (Sl 83,5).

E, ao mesmo tempo, sente-te urgido e animado a ser cada dia mais santo, já que o Senhor te presenteia com esta proximidade:

*“Dá-me, ó meu Deus, essa santidade
que é o sinal mais certo da união contigo,*

*e de que estou ao Teu serviço.
Para isso, purifica a minha alma, e fá-la, por este meio,
digna das graças que derramas com abundância
na Igreja sobre aqueles que se aproximam de Ti
com um coração puro e inteiramente desapegado
até do mais insignificante pecado” (EMO 73,3).*

e) Em especial, desfruta da presença de Cristo na Eucaristia.

Desfruta do sinal por excelência da presença de Deus entre nós pelo Seu Filho Jesus: o Sacramento da Eucaristia, onde Cristo apresenta-se como o grande Mediador do nosso encontro com o Pai. Junto d’Ele, deixa que ressoem em ti as palavras do Apocalipse:

*“Eis que Deus pôs a sua tenda
entre os homens.
Habitará com eles; eles serão o seu povo
e o mesmo Deus estará com eles” (Ap 21,3) (EMO 76).*

O que encontras neste limiar não é uma presença passiva ou um objeto de devoção. É Cristo que ora e Se oferece ao Pai. Que a tua atitude seja a de te unires a Ele no seu diálogo com o Pai, na oferenda da Sua vida, a ação de graças:

*“Uma vez que a sua mediação é eficaz
quando oferece as nossas súplicas ao Pai Eterno, e Deus escuta-O
sempre (como diz S. Paulo)
a causa do profundo respeito com que ora por nós,
devemos recorrer a Ele na igreja, e ter a certeza
de que se Nosso Senhor Jesus Cristo se dignar
fazer Sua a nossa causa,
obterá para nós, sem dúvida,
tudo quanto pedirmos pela Sua mediação,
e tudo quanto Ele pedir para nós ao Eterno Pai;
isto porque Jesus é nosso Deus,
que se consagrou totalmente à nossa salvação
e ao que se relaciona com o bem da nossa alma” (EMO 79).*

Diante da presença de Jesus na Eucaristia contempla a fonte de onde mana a vida, e sente a força da gravidade que, desde ela, nos atrai, como do centro mesmo do mistério de Cristo: é a Vida do Ressuscitado, é o Espírito de Jesus.

“Ele está conosco nesse Sacramento para nos dar, diz, a vida em abundância; e essa vida abundante consiste, segundo Jesus Cristo, no conhecimento e perfeito amor de Deus” (EMO 81).

O Dom que Jesus deixou à sua Igreja, o Espírito Santo, está em íntima relação com a Eucaristia, é o seu efeito mais imediato:

“A quem recebe, pois, o Corpo de Jesus Cristo cabe-lhe a sorte de participar na vida do Salvador (...) desde que conserve em si o Espírito de Jesus Cristo, que é o que o próprio Cristo deixa em nós” (Md 48,3).

f) Como instrumento na obra de Deus, reconhece a Sua presença agindo em ti.

A tua oração não está à margem da tua missão. Muito pelo contrário: de uma maneira ou de outra, como pano de fundo ou como motivo direito, a missão que o Senhor te encomendou estará sempre no teu coração, na tua mente e nas tuas mãos quando te apresentas ao Senhor para orar.

Olha para ti como o *instrumento* que o Senhor fez de ti para realizar a Sua obra salvadora. És portador da Sua presença e da sua Palavra para que aqueles aos que és enviado possam ver o Senhor e escutar a sua Palavra através da tua pessoa.

Volta com frequência à oração para te situares diante do *limiar* – que agora és tu mesmo – da presença de Deus para os outros; fá-lo com agradecimento, com humildade e com a responsabilidade de o ser de modo transparente, o qual é um dom que tens de pedir ao Senhor.

“Como sois os embaixadores e os ministros de Jesus Cristo no emprego que exerceis, tendes que o desempenhar como representando ao próprio Jesus Cristo. É Ele quem quer que os vossos discípulos olhem para vós como para Ele mesmo, e que recebam as vossas instruções como se fosse Ele próprio quem lhas desse,

*e devem estar persuadidos
de que é a verdade de Jesus Cristo
a que fala pela vossa boca,
que só em Seu nome é que ensinai,
que é Ele quem vos dá autoridade sobre eles;
que são eles mesmos a carta que Ele vos dita
e que escreveis cada dia nos seus corações,
não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo,
que atua em vós e por vós,
pela virtude de Jesus Cristo.
... Para cumprir este dever
com tanta perfeição e exatidão
como Deus exige de vós,
entregai-vos com frequência ao Espírito do Senhor,
a fim de não agir nisto a não ser por Ele,
de modo que o vosso próprio espírito
não tenha nisso protagonismo algum.
E que, desse modo,
difundindo-se sobre eles o Espírito Santo,
possam possuir plenamente o espírito do cristianismo” (Md 195,2).*

3. EU SOU PRESENÇA DE DEUS!

A celebração da presença de Deus não se esgota num tempo mais ou menos longo, que é o dedicado à oração. A sua meta alcança-se quando se integra num itinerário de vida. Irá crescendo em ti este sentimento de fé que é a base teológica do ministério: *Eu sou presença de Deus no mundo!* Não é um olhar narcisista para a própria pessoa, mas o reconhecimento agradecido de que a vida de Deus decorre através de ti para o mundo, para aqueles a quem Ele te envia.

É uma experiência íntima que podes ver expressada paradigmaticamente em Maria. Ela viveu-a ao longo da sua vida. Tu deves tentar vivê-la, ao teu nível, desde a vocação e as graças que recibes:

*Maria “...humilhou-se profundamente
no íntimo da sua alma,
reconhecendo que tudo devia a Deus;
e interiormente ficava maravilhada por tudo quanto Deus tinha*

*operado n'Ela, dizendo-se a si mesma
o que mais tarde proclamou no seu cântico:
'Deus operou em mim coisas grandes...'*

*E olhando para si mesma,
e contemplando a Deus n'Ela,
profundamente admirada
pela generosidade de Deus para a Sua criatura,
ficou persuadida e ainda penetrada
de que tudo n'Ela devia tributar honra a Deus,
e proclamar continuamente com David
que até os seus ossos eram tão devedores a Deus
que não podiam deixar de exclamar:
'Quem é como Deus?'.
Se Maria recebeu tal abundância de graças,
foi para as partilhar
com os homens que a Ela acudissem''.*

(Md 163,3. Para a Natividade de Maria)

UM EXERCÍCIO DE ORAÇÃO

Celebrar a presença de Deus

Quando vás a orar hás de te dizer a ti mesmo: *Vou celebrar a presença de Deus na minha vida*. Porque é isso mesmo que tem de ser cada tempo que dediques à oração.

Acolhe e celebra a presença de Deus como um presente que te é dado, não como o resultado do esforço pessoal. Esta celebração prepara-se desde a vida; mas, desde a oração, volta a projetar-se na vida.

A celebração propriamente dita refere-se a períodos concretos e limitados no tempo; são o alimento da vida de fé. Prepara-se com a *oração do coração* que brota ao longo do dia, fazendo com que eleves o teu olhar a Deus. É o que costumamos fazer quando utilizamos esta invocação lassalista: *“Lembremo-nos de que estamos na santa presença de Deus”*. Porém, a seguir precisará de esses tempos tranquilos, no *retiro*, onde dedicas todo o teu ser a *celebrar* que *Deus está contigo*.

O sentimento de fé, ou essa consciência íntima de estar diante de Deus, dilata-se então, no teu interior, numa onda expansiva que vai “segurando” todo o teu ser, mas que, a seguir, vai simplificando-se até ficar *num simples olhar interior de fé em que Ele está presente* (EMO 99).

Aplica a alma a Deus: Neste sentido, “aplicar-se” é “entregar-se por inteiro”, “tender” para Deus, “unir-se” fortemente a Ele... E isso há de ser feito com a *mente* e o *coração*, unidos no *sentimento de fé*. O acento não o deves pôr em “pensar” ou “raciocinar”, senão em *sentir*.

E este sentimento transforma-se em afetos, não em ideias ou raciocínios teológicos, pois trata-se (em expressão de Santa Teresa) de *“um diálogo de amizade”*²³ com o *Tu* de Deus.

Um ritmo “dialogal”

Para celebrar a presença de Deus não precisas de seguir um esquema preestabelecido. Se há um “mestre de cerimónias” para este ritual, esse é o Espírito Santo, e ninguém é mais livre do que Ele. Tenta escutá-Lo

23 É a expressão de Santa Teresa.

e deixa-te levar por seus impulsos. Por isso, o plano que te proponho a seguir toma-o, antes como uma série de *sinais de pista* para não te perderes no caminho do que como uma “armadura” que tenhas de vestir. Possivelmente ajudar-te-á, no início, a centrar a oração, não em ti mesmo, mas em Deus; ou, mais exatamente, em Cristo.

É qualquer coisa como um ritmo que começa desenvolvendo-se em *três tempos*. Mas, à medida que a tua vida vai se submergindo nesse ambiente celebrativo da presença de Deus, o ritmo da oração deve ir *simplificando-se*. A celebração faz-se mais simples quanto mais *funda* é.

1º. O encontro gozoso com Deus.

Situa-te perante um dos limiares aos que nos temos referido, ao que te sentires mais atraído. Ocupa e motiva a tua mente com alguma das imagens ou frases bíblicas que iluminam esse limiar.

Unifica toda a tua pessoa diante do Senhor e leva essa motivação ao teu coração.

Admira a sua presença, goza-te de estares ante Ele; só Ele é que conta.

Promove no teu interior sentimentos de fé na sua presença, de adoração, de gratidão, de amor e louvor... Através deles, reconhece as maravilhas que Deus fez em ti e por ti: Ele te salva, te faz livre, te ama com amor imenso, Ele guia os teus passos.

É uma *saída de ti* mesmo para *te centrares em Deus*.

2º. O olhar humilde sobre si mesmo.

Volta agora o olhar sobre ti, mas circunscrito a esse mesmo *limiar*. Isto é, olha para ti diante de Deus, e reconhece como és indigno d’Ele.

Essas atitudes que tão frequentemente encontramos expressas nos salmos – como são a humildade, a consciência de não merecer estar na presença de Deus, o arrependimento de ser barro quebradiço,...– devem surgir agora em ti e serem expressas com alguma palavra ou algum gesto corporal, ou com alguma *frase bíblica* que tenhas memorizado.

3º. O impulso para Cristo no Espírito.

O terceiro tempo, te devolve a Jesus, de quem nos vem a salvação. Jesus é o único que nos pode apresentar diante do Pai,

porque é Ele quem nos purificou pelo seu sangue e nos permite reconhecemo-nos como filhos de Deus. Por isso, apesar de essa indignidade que exprimiste anteriormente, apresentas-te agora ao Pai com a confiança de ser seu filho, unido a Jesus.

Não te esqueças de pedir o dom do Seu Espírito, para que seja Ele quem ore em ti; assim, a tua oração será agradável ao Pai.

É este, portanto, um ritmo de celebração que promoverá uma transformação na tua pessoa: começas *celebrando a presença de Deus* e terminas *celebrando a tua união com Deus em Jesus*. Ou, dito de outro modo: *Celebras a tua participação no mistério de Deus, no seu plano de aliança com a humanidade, graças ao Espírito Santo que ora em ti.*

Não é tanto uma mudança quanto um aprofundamento de níveis: vais adquirindo um olhar capaz de atravessar a materialidade das coisas ou a aparência das pessoas, para ver o que está *mais além* do imediato e do visível. Vivendo e celebrando esta união com Deus, não podemos fazer outra coisa do que olhar tudo dessa maneira sacramental que converte as coisas, os acontecimentos, as pessoas, a própria vida... em “transparências” de Deus.

6. Orar é... entrar no mistério de Cristo e deixar-se evangelizar por Ele

UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA

Portadores da salvação

Uma oração centrada no “mistério de Cristo”: esta é a proposta do nosso guia, e é necessário esclarecermo-la porque, de início, parece uma proposta bastante “misteriosa”. Será que se refere à pessoa histórica de Jesus? Ao que os evangelhos descrevem de Jesus? Ao que diz o Novo Testamento acerca de Jesus? ... E, em todo o caso, onde é que fica a minha vida, a experiência que estou a viver...? Será que esta experiência não poderá ser o centro da minha oração? Afinal, não é nessa experiência onde Deus Se revela a mim?

Recorramos, mais uma vez, à experiência de João Batista de La Salle, e talvez encontremos luz para responder a essas perguntas.

O episódio que vamos referir culminou na renúncia de João Batista à ‘conezia’ e à sua fortuna (1682-1684). Isso supôs uma mudança radical no modo de planear a sua vida; possivelmente deu, não apenas uma ‘volta de parafuso’, mas uma outra perspetiva à sua vida cristã. E a nós, ofereceu-nos a chave para compreender o que ele quer dizer com *o mistério de Cristo*, no qual temos de centrar a nossa oração.

Há já alguns meses que João Batista está a viver na mesma casa que aqueles *mestres*... que ainda não se chamam “irmãos” nem pensam em formar uma comunidade fraterna. Animados talvez por essa proximidade e a confiança da convivência diária, eles se atrevem a recriminar – ou lançar em rosto – ao seu “superior” a segurança económica de que goza pela sua fortuna pessoal e a sua conezia, em contraste com a precariedade que eles experimentam. Se as Escolas fracassam, eles ficariam na rua sem meios para viver, e as palavras de

ânimo da parte de João Batista parecem-lhes *desencarnadas*, muito fáceis na sua boca porque ele “está seguro”.

Começa então um longo discernimento, no qual consultará, entre outros, ao Pe. Nicolau Barré. E este ajudar-lhe-á a “ler aquela situação” à luz do Evangelho. E faz-lhe ver que aqueles pobres mestres, tão carentes de formas religiosas, com tão pouca confiança na Providência, estão a ser, sem o saber, instrumentos de Cristo que, por eles, está a salvar as crianças que assistem às suas escolas. Eles, os mestres, são “*o Filho do Homem que não tem onde encostar a cabeça*”.

A Palavra de Deus ganha, então, força e realismo. Iluminado por ela, João Batista adquire uma das suas convicções mais profundas, a que está na origem das opções que, logo a seguir, vai tomar: o *mistério da salvação* que o Filho do Homem encarnou na sua vida *está-se a cumprir já* na existência destes mestres dedicados às crianças pobres. É certo que os mestres ainda não são conscientes de que eles são *portadores dessa salvação*. Porém, em diante, João Batista dedicará o melhor da sua vida e das suas energias a aprofundar essa consciência naquele grupo de mestres, que muito em breve hão de se chamar *Irmãos*.

João Batista vai, aos poucos, experimentando que, através da sua própria pessoa e dos mestres com os que se tem unido, Deus ama *os filhos dos artesãos e dos pobres* e quer salvá-los; e por isso *iluminou os corações dos que Ele escolheu para anunciar a sua palavra às crianças* (cf Md 193,1).

A oração e a experiência da vida vão unidas. Assim aprendem a relacionar a pessoa de Jesus e as suas próprias pessoas no único mistério de Cristo que encarna o plano de Deus, o Plano que se faz história de salvação, onde Jesus ocupa o centro, e cada um de nós entra no seu “campo gravitacional” na medida em que O aceita, e assim contribui a que o Reino de Deus se faça realidade. Desde a oração, La Salle e os seus Irmãos, encontram o pleno sentido de quanto estão a viver, sentem-se instrumentos junto de Cristo na Obra de Deus. E isso transforma as suas vidas e motiva-os para viver mais profundamente o seu “ministério”.

À medida que vai aumentando neles a consciência de serem mediadores de Cristo, La Salle e os Irmãos, sentem-se urgidos a adotar uma vida cujos traços evangélicos, e entre eles a pobreza, permitem-lhes

aparecerem como sinais visíveis de Jesus Cristo e serem reconhecidos como *salvadores* dos pobres.

Nas *Meditações* que escreve para os Irmãos, La Salle ajuda-lhes a que *façam consciente esse caminho*. É um *processo de personalização* que encontramos muito marcado na meditação que escreve para o dia do Natal (Md 86).

A meditação começa com a referência à pessoa histórica de Jesus, sob essa imagem tão popular e tão familiar a todos os cristãos nessas datas do ano: *o menino deitado numa manjedoura*. No entanto, e ainda que isso seja o mais frequente, não o apresenta como objeto de devoção ou apelo à ternura piedosa, mas como sinal do que eles hão de ser, dedicados à educação dos pobres. Não é, portanto, a figura histórica de Jesus mas o seu *mistério* – que a eles lhes atinge – o que está a pôr diante dos seus olhos.

Perante esse *pobre menino* convida-os a assumir a pobreza nele representada, e diz:

*É assim como há que nascer à vida espiritual:
despojado e despido de tudo.*

Mas, porque é preciso colocar-se nesta disposição? Simplesmente para se parecer mais com Jesus?... A resposta encontramos-la ao olhar para os pobres pastores que vêm ver e adorar esse menino desconhecido e desamparado por todos:

Além desses pobres pastores, ninguém pensa em Jesus quando Ele nasce.

Só eles souberam reconhecer o sinal que o Pai lhes envia:

*Ao vê-l’O, reconheceram, por uma luz interior
com que Deus os tinha iluminado,
que aquele menino era realmente seu Salvador,
e que era a Ele a quem deviam acudir
para que os tirasse da miséria dos seus pecados.*

Não podemos ficar a contemplar a cena: La Salle convida-nos a entrar nela e ver-nos a nós mesmos como atores no relato. Não é um salto no tempo; trata-se, porém, de entrar no *mistério de Cristo* e atualizá-lo nas nossas próprias pessoas. Do mesmo modo que “*esse menino pobre e desvalido*”, também nós hoje:

*Somos pobres Irmãos,
esquecidos e pouco considerados pela gente do mundo.
Só os pobres vêm procurar-nos....*

E como hão de nos conhecer *esses pobres* que precisam de nós e a quem temos de salvar? - Só si formos sinais autênticos de um Messias pobre, sem poder:

*Tende a certeza de que, na medida
em que estejais unidos de coração à pobreza
e a todo o que pode vos humilhar,
produzireis frutos nas almas...*

Então, da mesma maneira que os anjos deram a conhecer aos pastores o sinal de um menino ter nascido numa manjedoura como Salvador, também hoje

*os anjos de Deus hão de nos dar a conhecer,
e inspirarão aos pais e às mães
que vos enviem os seus filhos,
para que os instruais.*

Assim, o que poderia ter ficado numa evocação piedosa de uma cena evangélica longínqua no tempo, atualiza-se, prende-nos e se prolonga em nós como *mediadores da salvação de Deus*. Essa será a motivação última para “nos aproximarmos” de Jesus e nos identificarmos com Ele.

Aqueles, para os que tu representas a Cristo, para os que estás *agindo e realizando* o “plano de salvação” de Deus, descubrem-te o sentido autêntico do teu ser de cristão e de consagrado. Por eles, te descobres a ti mesmo *instrumento* livre, fiel e criativo na realização do plano de Deus, na construção do Seu Reino.

A CAMINHO COM O NOSSO GUIA

1. A ORAÇÃO NO MISTÉRIO DE CRISTO

Nos passos anteriores, deste caminho de oração que estamos a fazer juntos, pusemos o acento na PRESENÇA de Deus: oramos na Sua presença, celebramos a Sua presença, internamo-nos nalguma das formas da Sua presença... celebramos a Sua presença.

Deixa que te mostre outra perspetiva para completar a anterior, embora, de facto, já estava iniciada com ela, pois não existe uma sem a outra; é apenas questão de acento. Nos passos seguintes, convido-te a centrar a oração na AÇÃO de Deus, no Seu plano de salvação. Essa ação salvadora de Deus ficou personalizada em Jesus Cristo, a Palavra de Deus feita carne. É *o mistério ou plano secreto revelado por Deus em Jesus Cristo* (Ef 3,12).

Toda a oração cristã tem o seu centro em Cristo. Aspiramos a nos encher de Ele e queremos unir-nos interiormente a Ele. A máxima realização deste caminho é o que S. Paulo exprime como experiência própria: *Já não sou eu que vivo; mas é Cristo que vive em mim* (Gl 2,20). Parece uma expressão tão mística que talvez te pareça infinitamente longe da tua realidade. Mas tem uma leitura muito próxima. Basta que te vejas a ti mesmo como uma parte importante – porque o és – do *mistério salvador de Cristo*. Olha para ti como o instrumento através do qual chega a outras pessoas a vida de Cristo, o seu amor misericordioso. E dar-te-ás conta de que podes fazer tua a frase de S. Paulo, não apenas como um horizonte muito longínquo embora desejável, senão como um reflexo do que já estás a viver, ainda que seja de forma muito imperfeita. Estás a vivê-lo *no caminho*.

Certamente terás de ficar *corado* muitas vezes e te envergonharás de ti mesmo ao verificares que o que transparece ou se filtra através de ti é, com frequência, como esses raios de luz que, a muito custo, atravessam uma vidraça suja e cheia de pó e teias de aranha. Ainda assim, há de pesar mais a consciência de que a luz chega a ti e quer passar através de ti... Agradece-o e dispõe-te a limpar os vidros, a ser melhor instrumento, sem que a evidência da tua debilidade e pobreza consigam fazer que percas a alegria de saber que o Senhor está empenhado em *fazer obras grandes por ti*, e o cantes assim, com Maria, no seu *Magnificat*.

Mas há uma outra coisa, muito específica da oração cristã, e é que a nossa relação com Jesus introduz-nos na relação em que Ele mesmo está situado: com o Pai e o Espírito. E nessa relação trinitária, a nossa oração não se faz mais complicada senão mais rica:

- Escutarás, com Jesus, a voz do Pai sobre ti: *Tu és o meu filho amado; em ti ponho o meu enlevo* (Lc 3,22).
- E com Jesus serás capaz de Lhe dizer ao Pai: *Não se faça o que eu quero, mas o que queiras Tu* (Mt 26,39).
- Unido a Jesus, sentirás o Espírito contigo: *O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me consagrou para levar aos pobres a Boa-Nova da salvação* (Lc 4,18).
- E o Espírito Santo te encherá de alegria como a Jesus, para dizeres ao Pai: *Dou-Te graças porque revelaste estas coisas aos simples* (Lc 10,21).

Vamos reparar agora, com mais cuidado, nalgumas facetas do acontecimento “Jesus” fazendo-Se vida e oração em ti. Não é uma soma de coisas para memorizar. É como uma linda e rica paisagem que vais observar numa grande panorâmica, mas que só o desfrutarás realmente quando te introduzires nela e vás visitando calmamente: essa fonte, aquela floresta, este jardim... Ou, com uma comparação mais exata, é como sair, para uma aventura, com um amigo a quem decidiste aceitar incondicionalmente, e a quem dizes ao princípio, simplesmente: “Conduz-me tu”. E ele vai surpreender-te no dia a dia, em cada momento, com outras novidades, novos encontros, novas descobertas...

2. JESUS, O “LIMIAR” PARA IR AO PAI

Sem dúvida, o primeiro encontro que Jesus nos vai propiciar é com o seu Pai. Como a Maria Madalena após a Ressurreição, dir-nos-á: *Vou ao meu Pai e vosso Pai, ao meu Deus e vosso Deus...* (Jo 20,17).

Já nos referimos anteriormente aos diversos *limiars* pelos que poderemos chegar ao encontro de Deus. Através de todos eles há como que uma *corrente* que te leva a situar-te diante de Cristo, como o único *Limiar seguro e certo: Ninguém vai ao Pai senão por Mim* (Jo 14,6):

“Dado que Jesus Cristo é o vosso Mediador e que não podeis ir a Deus senão por meio d’Ele, suplicai-Lhe que esteja sempre na vossa alma, para que ore nela a Deus e a leve a Ele” (Md 62,3).

Notarás que existe um certo paradoxo em toda esta maneira de falar, já que se, por um lado, nos referimos a Jesus como o limiar que atravessamos para chegarmos ao Pai, também dizemos que é Ele, Jesus, quem se encarrega de “nos passar”, ou transpor, e levar para o Pai.

A realidade é que, quando nos abrimos à ação de Jesus e nos tornamos disponíveis, Ele assume toda a iniciativa na construção da nossa identidade e da comunidade. Como numa ladainha podemos proclamar:

Tu nos chamas,
nos consagras ao Pai,
nos reúnes em comunidade pelo Espírito,
nos iluminas no caminho do Evangelho,
nos dás a vida e nos atraís para Ti,
nos orientas ao cumprimento da vontade do Pai,
nos fazes frutificar
e nos concedes o Teu Espírito para que realizemos
com zelo a missão que nos confiaste.

3. JESUS, CENTRO E MOTOR DA NOSSA ORAÇÃO

Os que tivemos a sorte de conhecer Jesus e acreditar n’Ele sabemos que a História da Salvação atinge n’Ele o seu cume mais alto. N’Ele já tocámos o ser de Deus, que é *Amor*. N’Ele fez-se definitiva e segura a aliança, tantas vezes quebrada, entre Deus e a humanidade. Por Ele foi-nos concedido o Espírito Santo que é a mesma vida de Deus. E Ele é Caminho, Verdade e Vida. Será que precisamos de mais motivos para explicar porque é que Jesus é o centro da nossa oração?

Quando oramos fazemo-lo como membros de Jesus Cristo, unidos a Ele:

*“Unindo-nos
às Suas disposições interiores quando orava,
e pedindo-Lhe que Ele próprio ore em nós,*

e apresente as nossas necessidades a Seu Pai, considerando-nos como coisa que lhe pertence e como os seus próprios membros, que não têm nem podem ter vida interior, movimento e ação senão n'Ele, já que estas coisas não se acham naqueles que são d'Ele senão na medida em que Ele os anima” (EMO 167).

Estes são *sentimentos de fé* que convém explicitar na nossa oração. Assim, fazemos possível que seja o Espírito de Jesus Cristo quem ore no íntimo do nosso coração. Descentramo-nos de nós mesmos para nos centrarmos em Jesus, e pedimos-Lhe

“que nos dê o Seu Espírito para fazermos a nossa oração só sob a Sua direção” (EMO 170)

4. QUEM ORA EM NÓS É JESUS

Como é a oração de Jesus em nós?

Ela pode manifestar-se de muitas formas, mas os três *traços*, que vêm a seguir, caracterizam-na bem e permitem reconhecê-la facilmente. Quando a tua oração revestir estes traços, tens a garantia de que é Jesus quem está a orar em ti:

a) A oração do filho

A oração de Jesus em nós é, antes de mais, oração filial, a qual não consiste simplesmente em determinadas palavras, mas, sobretudo, em certas atitudes: abandono confiado no Pai, escuta atenta da Sua Palavra, dependência filial de Sua vontade, intenção de Lhe agradar em tudo, disposição de se entregar à Sua obra...

Pergunta-te, na oração, se essas atitudes são as que caracterizam a tua relação com Deus. Mas não penses que com o teu esforço vais consegui-las. Serão um dom ou presente de Deus que Ele dá a quem Lhas pede com simplicidade e abertura de coração, como *o filho que pede pão ao seu pai*. O que tu precisas para orar com Jesus é “espírito de filho”:

“Concede-me, Senhor, o teu espírito de filiação, que me dê a confiança de clamar a Deus, unido a Ti: Abbá, Pai!” (EMO 232,7).

b) A oração do irmão

A oração de Jesus, no capítulo 17 de S. João, exprime muito bem este traço: Jesus ora pelos seus para que se mantenham unidos, e está no meio deles para produzir essa unidade: *Peço-Te, Pai, que todos vivam unidos, como Tu estás em Mim e Eu em Ti, que também eles estejam unidos a nós... Eu neles e Tu em Mim para que cheguem à união perfeita* (Jo 17,21-22).

A oração fraterna de Jesus, de igual modo que a filial, provoca em nós a disposição necessária para construir a comunidade:

*“Concede-me igualmente, pela Tua presença
no meio de nós, reunidos para orar,
a graça de ter íntima união
de espírito e de coração com os meus irmãos”*(EMO 37,3).

c) A oração ministerial

Este terceiro traço da oração está também expresso na oração de Jesus no capítulo 17 de S. João: *Por eles Eu me consagro a Ti...* (Jo 17,19). Na nossa oração situamo-nos diante do Senhor como enviados e mediadores Seus, relativamente àqueles que Ele nos confiou: alunos, pessoas com quem nos relacionamos e que de algum modo dependem de nós. E oramos como *representantes de Deus e embaixadores de Cristo*, como *Seus ministros*, que têm ao seu cuidado umas almas de cuja salvação são responsáveis, e das que darão conta tanto como da própria (cf. Md 205,2).

Do mesmo modo que o nosso ministério é participação no ministério de Cristo, o Bom Pastor que dá a Sua vida pelas ovelhas, igualmente a nossa oração participa na oração ministerial de Cristo, da qual é um sinal privilegiado a Sua presença na Eucaristia, na qual está *como o nosso Mediador e intercessor perante o Pai* (EMO 78).

Esta atividade ministerial que vemos em Cristo há de se refletir em nós. Na oração contemplamos a ação salvadora do Filho de Deus enviado à humanidade, e, como resposta, entregamo-nos à nossa ação ministerial em favor daqueles a quem fomos enviados.²⁴

²⁴ O Papa Francisco, na sua Exortação *Evangelii gaudium*, dá uma força especial a esta oração que se enche de nomes: “Há uma forma de oração que nos estimula particularmente à entrega evangelizadora e nos motiva para procurar o bem dos outros: é a intercessão. Olhemos por uns instantes o interior de um grande evangelizador como S. Paulo, para percebermos como era a sua oração. Essa oração estava cheia de seres humanos: “Em todas as minhas orações peço sempre com alegria por todos vós [...] porque vos levo dentro do

5. O OBJETO DA NOSSA ORAÇÃO É JESUS

Anteriormente propunha-te um pequeno plano para não te perderes no caminho, quando falámos da *celebração da presença de Deus*. E lá insistia em que se tratava de uma ajuda, não de uma couraça para seguir à letra, e nessa ordem. A mesma coisa vou fazer agora, e com o mesmo cuidado, para te ajudar a celebrar e orar o *mistério de Jesus*. O importante é não perder nunca a força de atração que te arrasta para a meta: a tua participação *nele*. Todo o mais são pistas para te ajudar a fazer o teu *caminho de oração*.

Certamente já tens claro que o tal mistério desenvolve-se nos Evangelhos e também através da história, na Igreja, nos santos, em nós próprios. É sempre a Pessoa de Jesus, mas não como objeto de lembrança. As suas ações, e também suas atitudes e palavras, atualizam-se hoje na nossa vida e na missão que realizamos, porque nós somos o Corpo de Cristo.

Para começar, decide primeiro qual vai ser o objeto particular ou tema da tua oração:

- Talvez seja essa a situação que estás a viver, um sentimento, uma preocupação, uma experiência... e queiras trazê-la diante do Senhor para a descobrir e a assumir como parte da ação de Deus na tua vida.
- Ou te sintas motivado por uma cena evangélica, umas palavras de Jesus ou outro texto bíblico... A Palavra de Deus que nos oferece a *liturgia diária* é um bom guia para essa escolha.
- Ou, então, queiras servir-te de uma reflexão ou comentário que tenhas lido, ou um exemplo de vida de algum santo ou outra testemunha da fé.

Começa, pois, fixando a tua mente sobre o motivo da oração. E, logo de seguida, desce da mente para o coração e submerge-te numa relação interpessoal com Cristo. Deixa-te levar por estes impulsos, ou por algum deles:

meu coração” (Fl 1,4.7). Assim descobrimos que interceder não nos afasta da verdadeira contemplação, pois a contemplação que deixa de fora os outros é um erro.

“Esta atitude converte-se também em agradecimento a Deus pelos outros: “Por cima de tudo, dou graças ao meu Deus, por meio de Jesus Cristo, por todos vós” (Rm 1,8). [...] Dessa maneira, quando um evangelizador sai da oração, o coração mudou para mais generoso, libertou-se da consciência isolada, e está com grandes desejos de fazer o bem e de partilhar a vida com os outros”.(EG 281-282).

1º. Celebra o mistério

Sente-te alcançado pela Sua salvação, expressa-o por *um sentimento de fé*, esperançado e gozoso, ou cheio de interrogantes e de angústia... Contempla a Jesus que passa à tua beira como o fez pelo caminho onde pedia esmola o cego Bartimeu, e te diz como a ele: *Que queres que Eu faça por ti?...* Ou escuta-O dizendo-te como a Zaqueu, subido na árvore: *Desce depressa, que Eu quero ficar na tua casa!...* Ou, como à mulher com hemorragia que tocou na sua capa para ser curada, sente o olhar de Jesus sobre ti, porque tem estabelecido contigo uma relação especial.

A ação salvadora de Jesus entra na tua vida: adora, agradece; e tenta dizê-lo com expressões de amor, confiança, reconhecimento... Ou simplesmente, como Maria, a irmã de Marta, fica aos pés de Jesus em silêncio, contente de poderes estar na Sua presença, e dando sentido à tua vida com a Sua palavra.

2º. Deixa que a tua vida seja evangelizada

Permite que *o mistério de Cristo*, as suas atitudes, as suas palavras, confrontem e interroguem a tua existência. Quando te situas diante de Cristo e deixas que Ele olhe para o teu coração, o normal é que se avive em ti o desejo de conversão, de uma maior identificação com Ele, depois de constatar o afastamento entre a tua vida e a Sua mensagem.

Reconhece a tua fragilidade, a tua infidelidade. Pede forças para sair da tua situação de comodidade, talvez de pecado; abre-te à misericórdia de Deus, ao seu perdão, e ao seu amor, que tudo pode.

3º. Entra no espírito do mistério

E então já, aceitando serenamente a tua própria debilidade e que só podes recebê-lo como um presente de Deus, pede a Jesus que te permita unir-te a Ele, e que as Suas palavras se façam carne na tua vida.

Unido a Jesus desde a fé, põe-te nas mãos do Pai para que Ele te faça melhor imagem do seu Filho, e que possas ser também melhor instrumento na sua obra salvadora para aqueles aos que te envia.

E, por que não!, é também uma ocasião propícia para acudir a Maria, quem soube contemplar e encarnar a Palavra e o mistério de Jesus como nenhum outro ser humano. Encomenda-te a Ela neste empenho.

6. O MISTÉRIO DE CRISTO É O NOSSO MISTÉRIO

Não foi este um tema fácil; não é verdade? Mas é central em nosso caminho de oração. Vou tentar recolher, a seguir, ainda que pareça repetitivo, algumas das pistas que te apresentei para *orar em e com o mistério de Cristo*.

Quando fazes objeto da tua oração um *texto ou passagem evangélica*, a tua preocupação não deve ser tanto reconstruir fielmente com a imaginação a cena que apresenta esse texto evangélico, quanto *tentar conectar com o acontecimento “Jesus” na tua vida, aqui e agora*.

Porquê? Simplesmente porque não oramos sobre sucessos passados, mas acerca do Plano de Deus que estava alentando naqueles acontecimentos e hoje está na tua vida. Oramos acerca do único *mistério de salvação*, que foi revelado em Jesus Cristo, o qual desborda e supera a pessoa humana de Jesus e atinge a humanidade inteira. Toma carne em nós, os seus seguidores e também seus ministros; atualiza-se em nós, e através de nós chega a outros homens e mulheres. Somos uma *presença real* de Cristo Salvador na terra hoje.

Se isto fosse apenas um *enunciado teológico*, pouco valor teria. Teremos de o converter num *impulso* para viver: tem de ser a força interna que dê vida ao nosso ministério. Mas é uma força que se alimenta na oração e é fruto da presença de Jesus na comunidade ministerial.

*“Que haja um movimento contínuo
de nossas ações para Cristo e de Cristo para nós,
pois é Ele quem lhes dá o espírito de vida” (EMO 34).*

Não te perguntes, então, acerca de qual há de ser, preferentemente, o tema da tua oração, se é o *mistério de Jesus* ou então a tua vida e teu ministério. Porque um deles há de conduzir ao outro e vice-versa. Se iniciares a tua oração sobre os evangelhos, acerca de alguma das ações que se narram de Jesus e seus ensinamentos, a oração há

de levar-te a vê-l'O na tua própria vida: verás Jesus atuando em ti, encarnando em ti a boa nova do amor de Deus. E se iniciares a tua oração sobre alguma situação ou algum acontecimento da tua vida ou do teu ministério, a oração te levará a perguntar-te como é que estás a fazer em ti transparente a Jesus, como é que encarnas o Seu Evangelho, como é que estás a ser o Seu mediador para que Ele possa ser hoje reconhecido.

Em definitivo, a oração é o laço com que ligas estas duas forças, fazendo delas uma só: contemplas a ação salvadora do Filho de Deus sobre a tua vida; e contemplas, como resposta, a tua ação como ministro Seu, que salva aqueles a quem foste enviado por Ele.

Essa união de forças na oração tem o seu reflexo na vida: assim serás capaz de assumir que és um simples ser humano, com as tuas limitações e fraquezas, e, ao mesmo tempo, poderás desenvolver *a consciência de mediador*, de estares a viver o mistério de Jesus Cristo na tua pessoa e servir-Lhe de instrumento na sua obra salvadora.

UM EXERCÍCIO DE ORAÇÃO

O mistério de Jesus, Mestre e Salvador, atualiza-se hoje em mim

Tenta fazer oração com o que te propomos neste capítulo 6.

Em particular, torna a ler este último capítulo 6 e, à sua luz, deixa-te inspirar pelo seguinte texto da *meditação 195,3* de João Batista de La Salle:

*“Todos os vossos cuidados com as crianças
que vos estão confiadas seriam inúteis
se o mesmo Jesus Cristo não lhes comunicasse
a virtude, a força e a eficácia
que necessitam para chegarem a ser gente de proveito;
tal como o sarmento não pode dar fruto por si só
– diz Nosso Senhor –
se não estiver unido à videira,
assim também vós não podereis dá-lo
se não permanecerdes em Mim (Jo 15,4).*

*A glória de meu Pai consiste
em que produzais muito fruto
e que sejais meus discípulos (Jo 15,8).*

*O que disse Jesus a seus santos apóstolos,
vo-lo diz também a vós, para vos dar a entender
que todo o fruto
que possais produzir no vosso emprego,
a respeito daqueles que vos estão confiados,
não será nem verdadeiro nem eficaz
senão na medida em que Jesus Cristo o abençoe
e vós permaneçais n’Ele;
tal como o sarmento, que não pode produzir fruto
enquanto não permanecer unido à cepa,
da qual obtém a seiva e o vigor,
e é isso que origina também
toda a bondade do fruto.*

*Com esta comparação,
Jesus Cristo quer dar-vos a entender
que, quanto mais “revigorado” estiver por Ele
aquilo que realizais pelo bem dos vossos discípulos,
e quanto mais tire, d’Ele, a sua virtude,
tanto mais fruto produzirá também neles.*

*Por isso, tendes que Lhe pedir muito
que todas as instruções que lhes deis,
estejam animadas PELO Seu Espírito,
e que recebam d’Ele toda a força;
para que assim como é Ele quem ilumina
a todo o homem que vem ao mundo (Jo 1,9),
seja também quem ilumine seu espírito,
e lhes anime a amar e praticar
o bem que lhes ensineis”.*

Depois, tenta orar seguindo o esquema dinâmico que te é proposto na parte 5 (desse mesmo cap. 6, pág. 106...):

- *Celebra o mistério (1º)*
- *Deixa que se evangelize a tua vida (2º)*
- *Entra no espírito do mistério (3º).*

Podes servir-te das expressões a seguir; tenta acomodá-las, desenvolvê-las, e dar forma aos teus próprios *sentimentos de fé*:

Jesus,

*Tu és a videira; eu, uma vara tua
que só tem vida enquanto está unida a Ti;
e só posso dar vida a outros se Tu me comunicas.*

*Obrigado, por teres reparado em mim,
e me teres enviado,
para que seja entre as crianças e jovens um sinal Teu,
para lhes ajudar a encontrar o sentido das suas vidas.*

Jesus,

*Não é fácil a tarefa que me encomendaste.
Com frequência sinto a tentação de abandoná-la,
ou reduzi-la a um simples movimento mecânico,
que menos me compromete.*

Tu sabes das minhas dificuldades, medos, desânimos.

*Conheces a minha tendência ao comodismo,
ou a procurar aquilo que for mais rentável para mim,
em vez de o que pode ser
mais proveitoso para os meus alunos.*

*A verdade é que, no meu trabalho, conto pouco contigo,
esqueço-me facilmente
de que sou apenas um instrumento Teu.*

Jesus:

*Que sejas Tu o Mestre, e eu, apenas e só o Teu discípulo.
Que o Teu Espírito atue em mim, e eu me deixe mover por Ele.
Que os meus alunos possam chegar a ver-Te
através da minha pessoa.*

*Dá-me a Tua luz, a Tua graça e a Tua força,
para agir em todo o momento como Teu “ministro”.*

*Ilumina-me, sobretudo nessas situações... [exponho alguma]
ou com esses alunos de maiores dificuldades... [nomeio-os].*

Tu és quem move os corações.

Confio em Ti e me abandono à Tua graça.

*E tu, Maria, a Mãe de Jesus, e sua educadora:
abre o meu coração à Sua Palavra, ao Seu Espírito,
e acompanha-me sempre no meu trabalho.*

7. Orar é... deixar ao Espírito que ore em meu interior

UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA

O mais importante... é o Espírito

Dador de vida: assim confessamos a nossa fé a respeito do Espírito Santo, no Credo. João Batista de La Salle caminha nesta *experiência de fé* através de toda a sua vida. E à medida que se aproxima o fim dos seus dias, vai se transformando em algo tão evidente e de tão vitais consequências que não duvida em fazer dela a sua mensagem conclusiva, quase à maneira de *testamento*. Nessa mensagem refere-se, por um lado, ao *espírito* (com minúscula) que deve animar a Comunidade e cada um dos seus membros; e por outro, ao *Espírito* (com maiúscula) que é a fonte e nascente a onde há que acorrer para ter o primeiro (espírito).

“O mais importante e o que mais atenção exige numa Comunidade é que todos os que a integram tenham o espírito que lhe é peculiar. Apliquem-se os noviços a adquiri-lo. Os que já vivem em Comunidade empenhem-se, acima de tudo, em conservá-lo e aumentá-lo em si. Porque é este espírito que deve animar-lhes as obras e impulsionar-lhes o agir...” (Regra de 1718, 2,1).

João Batista foi verificando-o diretamente à medida que ia desenvolvendo-se o projeto das Escolas Cristãs: nem as tarefas da missão nem as estruturas da comunidade valem nada nem produzem fruto sem o protagonismo do Espírito.

“É este mesmo Espírito Santo quem anima as nossas ações e é nelas um Espírito de vida, e faz com que não sejam em nós ações mortas, não só enquanto ações cristãs,

*mas também enquanto ações
próprias do nosso estado e da nossa profissão,
que pedem uma perfeição particular” (EMO 36).*

É como uma corrente de vida, uma Presença ativa; ou – como a liturgia diz – *Fogo, Vento, Luz,...* Esse é o autêntico dinamismo que forja a nossa identidade.

- Sem essa Presença, até a vida de fé converte-se em cumprimento vazio, de preceitos, ou numa voluntariosa fidelidade a esquemas rotineiros de piedade...
Com ela, porém, é uma relação interpessoal, que nos predispõe para fazer tudo *guiados por Deus, movidos por seu espírito e com intenção de Lhe agradar (RC 2,6).*
- Sem ela, o projeto da missão reduz-se a um conjunto de tarefas e, no melhor dos casos, uma oferta de respostas, mais ou menos eficazes, às necessidades estruturais.
Com ela, a missão consiste em sair ao encontro das pessoas para as anunciar a Boa Nova, que é outra Pessoa. E é sinal de outro encontro, a aliança entre Deus e a humanidade.
- Sem ela, a comunidade identifica-se com uma série de estruturas para estar juntos, para o intercâmbio e a mútua proteção...
Com ela, a comunidade é concebida como uma comunhão entre pessoas, e as estruturas estabelecem-se para facilitar os laços internos entre as pessoas.

O Espírito é *renovador de vida*. João Batista sabe o que é receber nova vida do Espírito. Ele pôde comprová-lo na sua própria pessoa; por exemplo, naquela altura em que Lhe chegou *uma Carta* escrita pelos *principais Irmãos* de Paris, o domingo de Páscoa de 1714. Após longos anos de noite escura, pôde constatar que o Espírito está presente na Comunidade por ele fundada, e é convidado, através dos seus Irmãos, a relembrar as maravilhas que o Senhor fez por seu intermédio, e a reavivar assim a chama que parecia extinta:

“...Todos estamos convictos de que Deus Lhe deu e Lhe dá as graças e os talentos necessários para governar esta nova Companhia, que é de tanta utilidade para a Igreja; e é de justiça testemunhar agora que o senhor a tem guiado sempre com muito sucesso e edificação...”

Os dons que João Batista de La Salle pôs ao serviço da Igreja são testemunhas do carisma que recebeu e que fez dele um instrumento eficaz para a ação do Espírito. O facto de o reconhecer não será motivo de vaidade, mas de confiança e docilidade perante a presença ativa do Espírito na pessoa do Seu ministro. Desde a sua própria experiência, João Batista anima-nos, na *meditação* sobre S. Martinho, a reconhecer *essa “capa”* de que o Espírito nos dotou para partilharmos:

“Rogai, pois, ao Espírito de Deus que vos dê a conhecer os dons que Deus vos concedeu, [...] para que os anunciéis àqueles que tendes a obrigação de instruir, não com as palavras que utiliza a sabedoria humana, senão com aquelas que o Espírito de Deus inspira aos seus ministros” (Md 189,1).

Essa consciência de ser instrumento apoia-se sobre duas atitudes básicas: *fidelidade e criatividade*. Com elas ficarão superadas, em cada situação, as normas, os costumes, os regulamentos, os métodos... para colocar, por cima de tudo, a iniciativa do Espírito. Mas haverá que estar atento a essa iniciativa; e essa é a intenção de João Batista quando se propõe no seu ‘projeto pessoal’:

“Consultar-Lhe-ei muito acerca do que eu deva fazer...”.

Logo, acrescenta:

“Devo esperar as ordens da Providência para agir, mas sem as deixar passar quando as tiver conhecido”
(Regras Pessoais 9).

Este é, portanto, um critério fundamental – a atenção ao Espírito – que João Batista de La Salle, desde a sua própria experiência, nos anima a inserir no nosso modo de nos conduzir na vida, tal como no nosso modo de orar:

“(Na vossa profissão) deveis, ainda, agir pela graça, e pôr de manifesto que os conduzis pelo impulso do Espírito de Deus” (Md 45,3).

A CAMINHO COM O NOSSO GUIA

1. UM DOM QUE SE HÁ DE PEDIR

Desde que comecei a acompanhar-te no caminho da oração, tenho-me referido com frequência à ação do Espírito Santo e ao Seu protagonismo neste caminho. Será que és consciente da sua necessidade? Habitua-te a invocá-l'O e pedir o dom da Sua presença, tal como o dom da tua abertura e docilidade ao seu labor na tua pessoa.

Se quiseres ser instrumento útil na Obra de Deus, precisas de estar *cheio do Espírito Santo* (At 2,4), porque é Ele quem constrói a Igreja e é Ele também o verdadeiro protagonista da evangelização. Sem Ele, o teu trabalho e os teus esforços ficarão infecundos.

Se és educador/a estás comprometido na geração de uma nova humanidade, e isso é uma tarefa que ultrapassa absolutamente as tuas forças. Só conseguirás fazê-lo com o poder do Espírito. Essa convicção há de a transformar frequentemente em oração:

“Repeti-Lhe amiúde, com a Igreja, estas santas palavras: Envia-nos o Teu Espírito Santo para nos dar nova vida, e renovarás a face da terra” (Md 42,3).

É toda a comunidade que precisa ter dentro de si o Espírito, quer para permanecer unida quer para poder cumprir a sua missão. Não é só cada um dos seus membros como indivíduo:

“Pedi-Lhe que conserve sempre o Seu Espírito Santo na vossa comunidade, e dizei-Lhe amiúde com David: Não nos deixes sair da Tua presença nem retires de nós o Teu Santo Espírito” (Md 77,3).

E a petição tem de ir acompanhada de uma atitude de disponibilidade para ser fiéis às inspirações do Espírito.

“Qualquer um deve considerar-se ditoso quando Deus o visita com as Suas inspirações. Sejamos fiéis a elas, pois normalmente, Deus une a esta fidelidade numerosas graças, que outorga

*apenas na medida em que se cumpra
o que Ele deseja daqueles a quem lhas dá.
Deus não nos envia as suas santas inspirações
senão para nos dispor a levá-las à prática, no intuito de cumprir
exatamente a Sua santa vontade” (Md 141,1).*

O que te estou propondo foi uma chave decisiva que orientou a minha vida. O meu desejo de ser fiel às inspirações de Deus fez possível que Ele me fosse conduzindo, *de um compromisso a outro*, até carregar com a responsabilidade das escolas cristãs, sem eu ter podido prevê-lo desde o princípio.

2. O ESPÍRITO DE DEUS É QUEM ORA EM NÓS

O Espírito é o autêntico mestre e guia para quem quiser percorrer com sucesso o caminho da oração. Ele é quem sabe como orar, o que necessitamos, o que devemos pedir a Deus. Assim no-lo diz S. Paulo: *Somos débeis, mas o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois não sabemos o que havemos de pedir, para rezarmos como deve ser; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis.* (Rm 8, 26).

Se desejas que seja o Espírito quem te conduza, Ele estará presente em cada vez que te ponhas em oração. Recorre a Ele, abre-te às Suas inspirações, e pede-Lhe a disponibilidade que precisas para Ele poder agir e orar em ti.

*“Parece que também é conveniente
pedir a Nosso Senhor que nos dê o seu Espírito
para fazer oração unicamente sob a sua direção.
E para poder encher-nos d’Ele,
é preciso renunciar
ao espírito próprio e aos próprios pensamentos,
para não admitir em nós, durante a oração,
senão aqueles que o Espírito Santo se digne
inspirar-nos e comunicar-nos durante este tempo.
De modo que se possa pôr em prática o que diz S. Paulo, isto é, que
o Espírito de Deus é quem ora em nós, porque, por nós próprios,
não podemos ter nenhum bom pensamento como de nós mesmos”
(EMO 170).*

Encher-se de Deus..., ou seja, o que tenho proposto desde o início como meta da oração, é mais o resultado de se deixar penetrar pela presença do Espírito Santo que do esforço pessoal ou do método seguido no exercício da oração. De igual modo, se queres permanecer unido a Deus, isso não dependerá só da tua vontade mas da ação do Espírito:

*“Esse mesmo Espírito será
quem faça subir a minha oração até Ti,
como incenso de muito agradável odor,
e quem possa logo conservar em mim
o espírito de oração,
e manter o fogo que Tu tiveres acendido em mim
durante todo esse tempo,
servindo-me das Tuas divinas palavras”* (EMO 171,3).

Tenho-me referido também muitas vezes a que a oração há de ser feita *desde o fundo da alma* ou *do coração*. É essa precisamente a oração que faz o Espírito no nosso interior, nesse “lugar” que representa a raiz e o núcleo vital da pessoa: *E Deus, que sonda e penetra o mais profundo do ser, conhece quais são as aspirações desse Espírito que intercede pelos crentes em plena harmonia com a divina vontade* (Rm 8,27).

Pede ao Espírito e permite-Lhe que seja Ele *o coração da tua oração*. Cada um dos Seus latidos será, de uma forma ou de outra, *o sentimento de fé de estar na presença de Deus e de participar no mistério de Cristo*. Toda a valia do método que utilizares reside na sua capacidade de te fazer sintonizar com essas pulsações e mover-te ao seu ritmo e compasso; isto é, da abertura ao Espírito que promove em ti. É o que S. Paulo nos adverte (1 Cor 12,3):

“Ninguém pode dizer ‘Amém’, de um modo digno de Deus, se não é movido pelo Espírito Santo” (EMO 171,2).

UM EXERCÍCIO DE ORAÇÃO

O Espírito Santo habita e ora em mim

Relê a parte 2 deste capítulo.

Ou, então, toma esta parte da meditação 62 de João Batista de La Salle. Vais lê-la e escutar as suas interrogações; que ressoe no teu interior; deixa-te contagiar pelos sentimentos de fé que La Salle expressou nela.

Uma observação para te ajudar na sua leitura: La Salle, desde a antropologia da sua época fala aqui de “corpo”. Está-se referindo à pessoa inteira, que desenvolve a sua existência ao longo do dia em diferentes ocupações. A pessoa, graças à presença do Espírito Santo, converte-se em lugar de culto e oração, uma “oração extensiva” que se prolonga durante toda a jornada. E é toda a pessoa que constitui o objeto da oferenda que aqui é mencionada.

*“Não só vivis em casa de oração:
mas os vossos próprios corpos são casas de oração.
Com efeito, “Não sabeis – diz S. Paulo –
que os vossos corpos são templos do Espírito Santo,
que habita em vós, que esses corpos
foram-vos dados por Deus,
e que já não vos pertenceis a vós mesmos,
pois fostes comprados por um alto preço?”.
De onde conclui S. Paulo: “Glorificai, pois,
e levai Deus em vossos corpos” (1 Cor 6,19-20),
já que os vossos corpos são casas de oração.
Com este mesmo espírito e com este sentimento,
o mesmo S. Paulo intima-vos, num outro lugar,
pela misericórdia de Deus, a que Lhe ofereçais
os vossos corpos como hóstia viva, santa
e agradável a Seus olhos (Rm 12,1).
Pensais alguma vez na ventura
que supõe para vós
que o Espírito Santo resida nos vossos corpos
como no seu templo,
e que seja Ele que ora em vós e por vós? (Rm 8,26).
Abandonados totalmente a este divino Espírito
para que peça a Deus, por vós,*

*todo aquilo que vos convém para o bem da vossa alma
e das almas daqueles de que estais encarregados,
e para que não ajais senão por Ele” (Md 62,2).*

Desenvolve a seguir em oração, em diálogo com o Senhor, o teu sentimento de fé. Podes servir-te das expressões seguintes, que te propõe La Salle:

*Como é grande a tua bondade, meu Deus,
ao dares-me o Teu divino Espírito.
Sei que é para me guiares e me dirigires nas minhas ações.*

E este é o Teu desejo:

*que tudo quanto faça, seja movido pelo Teu Espírito,
que os meus sentimentos estejam inspirados por Ele,
que os meus afetos estejam de acordo com os Teus;
que o Teu divino Espírito tome posse do meu interior,
de tal modo que não haja lugar para o estranho;
pois o Teu Espírito faz-nos ver, nas criaturas,
como elas Te refletem a Ti,
e assim desaparece em nós qualquer ideia delas
que nos impeça aproximarmo-nos e encher-nos de Ti.
Vem, pois, Espírito Santo, tomar posse do meu coração
e animar de tal modo as minhas ações,
que se possa dizer que as produzes Tu mais do que eu,
e que já não tenha vida, nem movimento, nem ação,
senão na medida em que Tu mesmo nos dá.
Ditoso aquele que já não vive nem age
senão pelo Espírito de Deus:
desse tal se pode dizer
que já não vive ele senão que Cristo,
ou melhor, o Espírito Santo,
vive nele. (Cfr. EMO 62).*

8.

Orar é... agradecer e oferecer, como instrumento da obra de Deus

UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA

Senhor: a Tua Obra!

No centro do projeto de vida de João Batista de La Salle, no “centro” da sua atenção, do seu interesse, das suas motivações, encontra-se, com toda a clareza, *a Obra de Deus*. É como o tesouro escondido pelo que vendeu toda a sua herança e ao que dedica todas as suas energias. E a parcela, que o Senhor lhe encomendou na Sua Obra, coincide com o *estabelecimento e guia da Comunidade* que nasceu pela sua mediação para atender *as escolas* ao serviço dos *pobres*:

“Considerarei sempre a obra da minha salvação e do estabelecimento e guia da nossa Comunidade como a obra de Deus: por isso, deixar-Lhe-ei a Ele o cuidado da mesma, para não fazer o que nela me corresponda, a não ser por ordem Sua; e Lhe consultarei em tudo acerca do que deva fazer, tanto numa coisa como na outra; e Lhe direi frequentemente estas palavras do profeta Habacuc: “Domine, opus tuum”” (Regras Pessoais 8).

Quando esse “centro” estiver tão solidamente estabelecido como na vida de La Salle, então a história pessoal funde-se com a História da Salvação. E o resultado é que, em todo o que acontece, nas relações vividas, no itinerário pessoal que se tece e entrelaça com o dos seus Irmãos, *na comunhão para uma missão*, reconhece que é Deus quem salva, que é Deus quem realiza a Sua obra, e por isso se entrega nas Suas mãos.

Já não haverá outro ponto de referência. Tudo fica unificado sob essa única perspectiva. E desde o momento que reconheceu a obra das escolas e a direção dos mestres como a missão recebida de Deus, polariza toda

a sua existência em volta da realização do tal projeto. É esse o lugar em que se encontra com Deus e em que Deus quer salvá-lo a ele. Desde essa convicção, fundamentada na fé, tomará como critério de vida para si o que logo a seguir proporá também aos seus Irmãos:

“É boa norma de conduta não fazer distinção entre os assuntos próprios do seu estado e o negócio da salvação e perfeição próprias, e convencer-se de que nunca se assegura melhor a própria salvação nem se adquire maior perfeição como cumprindo os deveres do próprio cargo, desde que se cumpram com o olhar posto na vontade de Deus. Tentarei ter isto sempre presente” (RP 3).

Mas La Salle não se contenta com levá-lo no seu coração, na sua intenção, ou como critério de discernimento. Sente a necessidade de o exprimir, de dizê-lo a Deus e a si mesmo cada dia da sua vida. E nada melhor que a sua *consagração à Santíssima Trindade para definir a unidade da sua vida*

*em função da glória de Deus,
em comunhão com estes Irmãos,
para a obra das escolas.*

Cada dia, portanto, de forma explícita, “reunifica a sua vida”, num sentido radical, desde essas três dimensões que a fazem crescer em volume e densidade.

“Procurarei, todos os dias, o melhor momento para o quarto de hora que devo dedicar para renovar a consagração de mim mesmo à Santíssima Trindade” (RP 2).

Aos Irmãos, tenta transmitir esse mesmo sentido de unidade e *integração de vida* em função da Obra de Deus. Ele sabe muito bem que, na prática, a unidade não é passividade, mas exige uma tensão constante, e nem sempre é fácil conseguir o equilíbrio; mas há que intentá-lo, como lhe recorda ao Ir. Roberto com estas duas observações expressas numa mesma carta, com critérios claros:

“É preferível omitir algum exercício (de piedade) para se ocupar de algo que for indispensável, antes que dispor, para isso, do tempo dedicado à escola, pois o tempo de escola não deve encurtar-se nem um momento... E não se distraia com pensamentos da escola durante a oração; cada coisa a seu tempo” (Carta 56,5.7).

A CAMINHO COM O NOSSO GUIA

1. VIVER À PROCURA DA RAIZ

Chegaste desde a vida à oração. Agora trata-se de voltar desde a oração à vida.

A oração integra-se na vida, forma unidade com ela e dá-lhe profundidade. A unidade de vida não é uma questão de aritmética: só pelo facto de repetires o tempo dedicado a cada coisa não a vais conseguir. É, sobretudo, *uma atitude interior*, um processo de radicalidade evangélica, *uma procura incansável da raiz da vida cristã*.

Da mesma maneira que Cristo faz da sua vida uma oferenda ao Pai para cumprir a sua vontade, assim estamos chamados a viver nessa atitude, que não se limita ao “sim” dado numa determinada circunstância da vida, na consagração do nosso batismo, e, para alguns, também na sua consagração religiosa:

“No deveis contentar-vos com o facto de ter-vos oferecido a Ele uma vez. Tendes que renovar esta oferenda cada dia, e consagrar-Lhe todas as vossas ações, não as fazendo senão por Ele” (Md 104,2).

O motivo da oferenda não é algo de abstracto, nem qualquer coisa tão geral que não compromete a nada. A obra de Deus à que nos consagramos e que pode nos exigir inclusive o sacrifício da própria vida (de facto no lo exige no dia a dia) explicita-se, no nosso caso, na educação cristã dos nossos discípulos:

“O zelo ardente que tendes de salvar as almas dos que haveis de instruir, é o que deve ter-vos levado a vos sacrificardes, e consumir toda a vossa vida para lhes dar educação cristã, e para lhes procurar, neste mundo, a vida da graça, e, no outro, a vida eterna” (Md 201,3).

A oferenda vai junto da gratidão: porque todo o que damos temo-lo recebido previamente de Deus, já que Ele quis contar connosco, e porque,

através de nós, Ele continua a fazer obras grandes entre aqueles a quem nos envia.

2. DO AGRADECIMENTO À OFERENDA

Agradecimento e oferecimento são a coroação natural de um exercício de oração, e também o elo de união da oração com a vida de cada dia.

O *agradecimento* é pelo que acabas de experimentar:

*“pelos favores que recebeste d’Ele na oração,
pelos bons sentimentos
que nela nos transmitiu,
e pelos efeitos que em nós produziu”* (EMO 335).

O *oferecimento* abre-se em leque desde esse tempo de oração que já termina, passando pelas tuas disposições e a tua pessoa *agora*, até ao que vais viver *neste dia*: é a oferenda dessa pequena parte da existência que é o “hoje”, pois este é *o tempo da salvação* (cf. 2 Cor 6,2).

É como pôr *data e assinatura* à tua oração, para testemunhar que o que tens feito e vivido nela compromete-te para o resto do dia.

Agradecer e oferecer são como as duas faces de uma mesma medalha. São os dois sentimentos que surgem de modo natural, um atrás do outro, enquanto estás a contemplar as tuas mãos abertas: nelas recebeste o dom de Deus e nelas colocas simbolicamente a tua oferenda a Deus. E com as tuas mãos abertas confessas: *Tudo me vem de Deus e tudo há de voltar para Ele*. O que tenho e o que sou foi-me dado por Deus para participar na sua obra, e nela deve ser empregue. O ponto de partida é *a iniciativa de Deus*, o que d’Ele tenho recebido; e não do meu esforço e generosidade.

E nesse *atribuir tudo a Deus* não se excetuam nem sequer os sentimentos e afetos que surgiram na minha oração, ou os meus desejos de fazer o bem, pois se surgem em mim é pela ação do Espírito no meu interior. Assim no-lo recorda S. Paulo: *É Deus mesmo quem realiza em vós o querer e o fazer, para além da vossa boa disposição* (Fl 2,13).

Terás caído na conta de que já foram muitas as vezes, neste caminho, que te fui convidando a *dar graças*: pela *presença de Deus*, pela tua

participação no *mistério de Cristo*, e, já no final da oração, pelo *encontro tido com Deus*.

Porém, mais importante e significativa que essa repetição, é a atitude que se vai promovendo no teu interior: a atitude de quem está virado para Deus porque sabe que tudo o recebe d'Ele. É o *reconhecimento* que há de surgir continuamente, e que vai dispondo a tua pessoa, impelindo-a a dar-se totalmente a Deus. A *atenção a Deus* leva-te à *intenção para Deus*.

3. UMA VIDA UNIFICADA NA OFERENDA

A **oferenda** é igualmente a expressão da união com Deus à que nos tem conduzido a oração. E era a meta que procurávamos: *unirmo-nos interiormente a Ele*.

A oração se iniciava com o *recolhimento*, quer dizer, com a *reunificação da pessoa na presença de Deus*. E desemboca de forma natural na vida com o *oferecimento* a Deus de toda a existência.

Na oferenda está significada a integridade da pessoa, das suas energias e qualidades, e das suas limitações e debilidades, em função da obra de Deus. Todavia, não é primariamente um exercício da vontade, mas o fruto da oração, isto é, do encontro com Deus, da abertura da nossa pessoa que se produziu perante Deus.

A oferenda situa-nos na perspectiva do espírito de fé: *Fazê-lo tudo com o olhar posto em Deus*.

É, ao mesmo tempo, um compromisso de responsabilidade, para corresponder aos desígnios de Deus e aos dons que Ele nos concedeu. Esse mesmo compromisso há de te impulsionar a adotar *resoluções* concretas de mudança e conversão quando for necessário.

Poderás exprimi-lo de muitos modos, com este espírito:

*Aceita e fortalece, Senhor, o desejo que tenho
de Te agradecer por cima de tudo;
de Te glorificar, sendo um bom instrumento*

*na Tua obra de salvação,
e de fazer sempre a Tua santa vontade* (cf. EMO 338,4).

Agradar-Te: Tu és o Senhor da minha vida, o valor e o critério definitivo para as minhas decisões. Rejeito todos os ídolos, todos os outros “senhores” que tentam conquistar a minha vida.

Glorificar-Te: Porque a isso fui consagrado pelo Batismo. E a Tua glória consiste em realizar a obra que me encomendaste para que o teu Reino se faça cada vez mais presente no nosso mundo.

Fazer a Tua vontade: Pois nunca poderei dar maior unidade à minha vida do que centrando-a na procura e realização da Tua vontade, Pai!

*“Aplicai-vos, a exemplo de Jesus Cristo,
o vosso divino Mestre,
a não querer senão o que Deus quer,
quando o quer
e como o quer”* (Md 24,1).

UM EXERCÍCIO DE ORAÇÃO

Com o ícone da Trindade

Para este exercício servir-nos-emos do ícone da Trindade de *Andrei Rublev* (ano 1411).

O quadro representa três personagens (“anjos”, a julgar pelas asas) sentados em volta de uma mesa, com uma taça no meio. Refere-se à visita daqueles três “anjos” à Abraão, junto dos carvalhos de Mambré (Gn 18,1-15). Partindo daquela cena bíblica, o artista oferece-nos uma representação das três divinas Pessoas, isto é, a Trindade divina.

Deixamo-nos impressionar pelo ícone

Vamos primeiro contemplar o quadro: o que é que nos sugere?; ou, melhor, o que é que nos faz sentir?

Podemos identificar facilmente as personagens:

- A personagem da esquerda parece ter a autoridade; representa o Pai. As outras duas olham para Ele, que veste o seu manto como quem está em casa: Ele é quem recebe e envia. Os outros dois levam o manto como de saída para o caminho ou como quem acaba de chegar e concluiu um caminho.
- A personagem da direita veste o manto cor verde, símbolo da vida, de quem tem o encargo de “recriar a terra”. Representa o Espírito Santo.
- A personagem central leva a túnica de cor vermelho-sangue, com uma estola sobre o ombro direito, que proclama a sua vitória sobre a morte. Representa o Filho.

Antes de escutar a mensagem das três Pessoas, notemos que não é uma representação “celeste”, mas que está situada em relação à história humana, segundo proclamam os três símbolos na parte superior do ícone: *a casa, a árvore, o monte*, lembram a presença e a atuação de Deus no meio do seu povo, numa história em que Deus se empenha em conseguir uma Aliança estável com a humanidade.

- À esquerda, sobre a figura do Pai, a casa, ou melhor, o templo: Deus está perto do seu povo; pôs a sua tenda entre nós; o povo já tem um lugar para se encontrar com Deus.
- No centro, sobre a figura do Filho, uma árvore. O que é que evoca para nós?
 - o carvalho de Mambré, que lembra a aliança de Deus com Abraão;
 - a árvore do Paraíso, onde ficou quebrada, pela primeira vez, a harmonia ou aliança entre Deus e o homem;
 - a árvore da Cruz, onde a Aliança fica definitivamente restaurada.
- À direita, sobre a figura do Espírito, um monte. Faz-nos pensar em:
 - o monte Moriá: sacrifício de Isaac e aliança de Deus com Abraão;
 - monte Sinai: a lei da Antiga aliança;
 - o monte das Bem-aventuranças, a lei da Nova Aliança;
 - o monte Gólgota, a morte de Jesus.

Encontramos, portanto, a Trindade situada no contexto da Aliança, e da História da Salvação.

Voltando às três personagens:

Notemos a sensação de harmonia que nos transmitem: é a comunhão perfeita entre as três Pessoas, realizada pelo “*círculo*” que formam as três juntas (o contorno externo das três figuras). Não é uma comunhão estática ou passiva, mas dinâmica; há um movimento circular impulsionado pelos olhares das personagens e as mãos. Não é um círculo fechado e excludente, mas que atrai o espectador para o seu interior.

E ao entrarmos no interior do círculo, vemos, ao centro, a *taça* ou cálice, e os olhares das personagens, que nos falam do plano que estiveram a projetar no seu diálogo: a mão direita do Pai parece estar assinalando a taça; a cabeça do Filho que se inclina perante a decisão do Pai. O braço direito do Filho em direção da taça, a cor da túnica prolonga-se no vermelho-sangue do interior dessa taça, e a sua mão direita parece abençoá-la e aceitá-la. A atitude do Pai é de preocupação: Ele está a entregar o seu Filho, e entre a sua figura e a

do Espírito (reparar no contorno interno das duas figuras) compõem uma *taça maior* que contém o Filho.

Esta é a mensagem central, Deus que se entrega no Filho. É o *mistério de comunhão* ou *plano de salvação*, que vem como iniciativa de Deus; é a sua Aliança com a humanidade.

Há uma animação das figuras, de dentro para fora do *círculo*: vemo-lo nos *bordões*, que nos indicam a sua disposição para começar um longo caminho; nos pés das personagens; na maneira de estarem sentadas as duas personagens (do centro e da direita); os seus mantos de caminhantes... O plano de salvação que têm traçado, o *mistério de comunhão* representado pela taça, há de ser comunicado à humanidade. É a *missão*. 'Uma comunhão para a missão'.

Oramos, identificados com o Servo de Javé

O que estamos a relembrar nesta contemplação do ícone de *Rublev*, podemos transformá-lo em afetos de fé, em diálogo com o Pai, com o Espírito, com Jesus, sentindo-nos convidados a entrar no *círculo* das três Pessoas para sermos parte do seu plano de salvação.

Podemos também enriquecer e motivar este diálogo com uma personagem bíblica. Servir-nos-emos aqui de um dos cânticos do *Servo de Javé* que encontramos no livro de Isaías, 49,1-6. Este e os outros cânticos do *Servo* foram utilizados pelos primeiros cristãos para compreenderem melhor o significado de Jesus e a sua identidade messiânica.

Com o olhar na figura de Jesus e na taça que Ele tem diante de Si e aceita tomar, faço minhas as palavras do *Servo*, cujo *mistério* alcança o seu cume em Jesus e se prolonga em todos os que seguimos Jesus. Começo com este ato de fé que é o sentimento profundo de pertencer a Deus, e deixo que o seu eco ressoe amplamente no meu interior:

*O Senhor me chamou desde o seio materno,
desde as entranhas da minha mãe pronunciou o meu nome.*

A figura do *Servo* está nesse encontro pessoal com o seu Deus. D'Ele é a iniciativa, muito antes de que o homem pudesse sequer pensá-lo. A influência de Deus na vida do profeta acontece de maneira

“avassaladora”(?). É Ele quem vai trabalhando o profeta e estabelece com ele uma intimidade especial.

Com esta atitude, consigo descansar nas mãos do Senhor, aceito ser instrumento para a Sua obra:

*Converteu a minha boca em espada afiada,
escondeu-me no aconchego da Sua mão;
transformou-me em seta afiada
e me guardou na sua aljava.*

E oiço a palavra de confiança que me dirige o Pai:

*Ele disse-me: “Tu és o meu servo, Israel,
e estou orgulhoso de ti”.*

O Servo experimenta a sua pobreza e a sua debilidade; e isso acontece-me a olhar para mim e considerar as minhas forças e a experiência do meu passado. Apresentam-se as situações de desânimo, a tentação de abandonar. Quantas vezes o experimentei até agora? No entanto, quando a experiência de Deus tomou posse do coração do profeta, uma secreta confiança Lhe serve de fundamento; e é essa confiança que agora eu quero afiançar:

*Ainda que eu pensasse que me tinha cansado em vão,
e que tinha gasto as minhas forças para nada;
contudo, o Senhor defendia a minha causa,
Deus guardava a minha recompensa.*

A minha força, tal como a do Servo, só pode residir na segurança de que Deus me chamou e enviou. Deixo de olhar para a minha fraqueza. Olho para o Senhor, que confia em mim para que Lhe traga tantas crianças e jovens que, talvez, sem mim não Lhe encontrariam.

*Escutai o que diz o Senhor,
que já no seio me formou como Seu servo,
para que Lhe trouxesse Jacob
e Lhe congregasse Israel.*

Assim é a experiência de Deus para o profeta. Longe de se ficar por uma reflexão intelectual, agarra a pessoa por dentro, impulsa-a como fogo, influencia nas suas decisões, unifica a sua vida...; não Lhe tira o medo, mas dá-lhe uma humilde confiança na força que o impulsiona:

*Eu sou precioso aos olhos do Senhor,
e em Deus se acha a minha força.*

E assim, repito-o uma e outra vez, como um *eco* que faz vibrar o meu interior, dá-lhe profundidade e o enche de serenidade.

Toda a minha vida fica convertida em sinal de Deus que salva, toda a minha vida fica orientada por esta finalidade:

*“Ele diz-me: Vou-te converter em luz das nações,
para que a Minha salvação
chegue até aos confins da terra”.*

Entro nesse “jogo de olhares” que se mostra no *ícone*: Com Jesus olho para o Pai, e sinto à minha beira o Espírito que recria a minha vida e me dá o alento que preciso.

E a minha oração *resolve-se* em gratidão e oferenda.

E já no fim...

Uma espécie de pequeno “*vade-mécum*” que recolha o essencial das pistas que fomos descobrindo.

Como terás observado, já utilizámos diversos nomes para nos referirmos à mesma realidade: *oração mental ou oração pessoal, oração do coração ou oração interior*.

Ao nos adentrarmos nesta realidade, temos ido experimentando a sua riqueza. Atrevemo-nos agora a descrevê-la brevemente com estes traços:

1. O ambiente: *um modo de vida, a pessoa interior que, como Abraão, caminha na presença de Deus.*

- Descobre, cada dia, a tua vida como *história de salvação*.
- E contempla nela a Deus, *que tudo conduz com sabedoria e suavidade* e te vai levando *de um compromisso a outro*.

2. O lugar: *o íntimo do coração, o fundo da alma.*

- No núcleo central da pessoa, lá onde te sentes tu mesmo.
- Quando vás orar, recolhe e unifica a tua pessoa diante de Deus para estares todo inteiro na Sua presença, com Ele. Entra no íntimo do coração pois é lá que ora o Espírito.

3. O horizonte: *encher-se de Deus e se unir interiormente a Ele.*

- A oração é um exercício de amor, não uma reflexão intelectual.
- Aspira à máxima realização: Já não sou eu quem vive; é Cristo quem vive em mim (Gl 2,20).

4. A procura: o caminho da oração é também *o caminho da procura de Deus*, ou, mais exatamente, *da vontade de Deus*, daquilo que Deus espera de ti.

- É o Deus da história, o Deus a quem se encontra e se reconhece atuando nessa história.
- A nossa dificuldade real na oração consiste em não perceber a ação de Deus.
- Não te habitues ao silêncio de Deus: procura a Sua voz e a Sua presença através da sua Palavra. Graças a esta, nunca chega

a dissolver-se esse laço de encontro, embora, por vezes, seja ténue.

5. A comunicação: *pelo sentimento de fé apoiado na Palavra de Deus.*

- É o impulso do interior da pessoa para Deus.
- É a expressão do querer (da vontade e do amor) que Deus suscita no coração.
- Pode se exprimir com afetos ou com o simples olhar interior da fé.
- A Palavra de Deus, que move o coração, é a fonte da oração.

6. O conteúdo: *é Deus mesmo que está presente e age segundo o Seu plano de salvação. É o mistério ou plano secreto que Deus nos revelou em Cristo (cf. Ef 3,1-12).*

Desenvolve-se em dois momentos que acabam por se fundir num só, pois *Presença* e *Mistério* são duas perspetivas da mesma realidade de Deus, que se fez carne entre nós.

- O primeiro momento é “aplicar-se à presença de Deus”. Ela é, precisamente, o que mais contribui à infusão do espírito de oração.

A presença de Deus “surpreende-nos”, faz-nos sair de nós mesmos, abre-nos à sua Palavra, põe-nos em alerta para O descobrir no nosso mundo, e especialmente nos Seus preferidos, os pequenos e os pobres.

- E a seguir, celebramos a ação de Deus e entramos no espírito do mistério que se revela em Jesus. Ele é o verdadeiro centro da nossa oração. Sentimo-nos alcançados pela sua salvação:
 - deixamos que esse *mistério de amor* evangelize a nossa vida;
 - fazemo-nos os seus portadores para os jovens, especialmente os pobres;
 - e, animados pelo Espírito de Jesus, unimo-nos à sua oração: *Abbá, Pai!*

7. O ritmo para caminhar: *o ritmo dos três olhares* te pode ajudar em cada exercício de oração:

- Começa sempre olhando a Deus: a sua presença ou a sua ação

salvadora. O sentimento de fé espalha-se em adoração e ação de graças, louvor e bênção, amor e confiança...

- Depois, olha a tua própria pessoa, mas sempre em relação a Deus, e reconhece a tua situação de pecado, de vazio, de pobreza ou de infidelidade... Pede perdão, invoca a misericórdia de Deus, exprime o teu arrependimento e desejo de conversão e compromisso...
- E volta novamente o olhar para Deus, unido a Jesus. Procura o apoio do Espírito Santo. Expressa a tua disposição para colaborar com Jesus e o seu Evangelho, para ser mediador do seu Amor e sua Salvação.

À medida que avances no caminho, deixa que o ritmo vá simplificando-se.

8. O Protagonista: há de ser cada vez mais *o Espírito de Jesus*.

- Porque nós não sabemos como orar nem o que pedir (Rm 8,26).
- Não fales muito na oração. Reduz as tuas palavras para prestar mais atenção à Sua Palavra.
- E pede ao Espírito que seja Ele o coração da tua oração.

9. Integrada na vida: A oração integra-se na vida, numa atitude de procura da raiz da vida cristã, que se condensa neste anseio: *Senhor, a tua obra!*

- No fim da oração, agradece e oferece. Dois sentimentos que se complementam para exprimir este ato de fé: tudo me vem de Deus e tudo há de voltar para Ele.
- Em atitude de atenção a Deus e intenção para Deus.

ÍNDICE

Como utilizar este livro?	5
A quem é que vai dirigido?.....	6
Pistas para o Caminho	7
À beira do caminho	9
Isto já é oração.....	10
Não apenas pedir. Mas também comunicar-me.....	11
A interrogação: um estímulo para iniciar o caminho.....	11
Ai, a minha vertigem!	13
Se alguém me abrir... ..	13
Uma história interminável.....	14
Está na hora de <i>dar um salto</i>	15
Quando começa a aventura?	16
Antes que tudo, uma maneira de viver	17
Mas, logo a seguir, os tempos fortes	17
Começemos pegando no balde para tirar água do poço.....	19
E uma vez começado, sempre há uma página a seguir... ..	20
Ponhamo-nos a caminho.....	21
Um guia com experiência: João Batista de La Salle.....	22
A proposta do nosso guia	24
<hr/>	
1. Inicia-se a aventura: olhamos para o mapa	27
1. A tarefa: uma longa viagem	27
2. Uma “ocupação interior”	28
3. O horizonte que nos orienta	30
4. Em que consiste o “aqui e agora” da oração?	31
5. A presença e o mistério.....	32
6. Tenho de esforçar-me? Ou deixo-me levar?.....	34
7. O passo a passo do caminho.....	35
8. Um ritmo para caminhar.....	36

2. Orar é... um tempo de retiro39

UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA

Um ecossistema chamado “interioridade” 39

Um meio para cultivar a interioridade: o retiro 40

A CAMINHO COM O NOSSO GUIA

1. Reunificar a pessoa diante de Deus..... 42

2. O Espírito convoca-nos..... 44

3. Em harmonia com a criação..... 45

UM EXERCÍCIO DE ORAÇÃO

A parábola do surdo-mudo 47

3. Orar é... uma relação de amor51

UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA

O dom de “mover os corações” 51

A CAMINHO COM O NOSSO GUIA

1. A oração do coração 54

2. Uma oração que seja de todo o meu ser 54

3. Uma oração que seja do Espírito 57

4. O fruto: uma relação de amor 59

UM EXERCÍCIO DE ORAÇÃO

Betânia: o coração nas mãos 61

4. Orar é... esperar que Ele passe, ainda que se demore63

UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA

Atento a Deus que passa 63

A CAMINHO COM O NOSSO GUIA

1. Como o reconhecerei? 65

2. Procura humana ou iniciativa de Deus? 66

3. E quando Deus está ausente? 67

4. A ausência do diálogo..... 71

UM EXERCÍCIO DE ORAÇÃO

Deus está a passar pela minha vida..... 74

5. Orar é... abrir-se à presença de Deus e celebrá-la! 77

UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA

Caminhando na presença de Deus 77

A CAMINHO COM O NOSSO GUIA

1. Um estilo de oração: abrir-se à presença de Deus..... 79

a) *À procura do limiar* 79

b) *Mais além do limiar* 81

2. Os limiares da presença de Deus 81

a) *Em qualquer lugar que estiveres,
descobre a Deus presente em toda a parte* 81

b) *Quando estiveres reunido com os teus irmãos para orar,
Jesus está lá no meio* 84

c) *E também, em qualquer lugar,
contempla a Deus presente no teu interior*..... 86

d) *Se estiveres na capela, considera-a como a casa de Deus,
sinal de Quem pôs a sua tenda entre nós* 88

e) *Em especial, desfruta da presença de Cristo na Eucaristia. ..* 89

f) *Como instrumento na obra de Deus,
reconhece a Sua presença agindo em ti* 90

3. Eu sou presença de Deus! 91

UM EXERCÍCIO DE ORAÇÃO

Celebrar a presença de Deus..... 93

6. Orar é... entrar no mistério de Cristo e deixar-se evangelizar por Ele 97

UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA

Portadores da salvação 97

A CAMINHO COM O NOSSO GUIA

1. A oração no mistério de Cristo 101

2. Jesus, o “limiar” para ir ao Pai.....	102
3. Jesus, centro e motor da nossa oração	103
4. Quem ora em nós é Jesus	104
5. O objeto da nossa oração é Jesus	106
6. O mistério de Cristo é o nosso mistério.....	108
UM EXERCÍCIO DE ORAÇÃO	
<i>O mistério de Jesus, Mestre e Salvador,</i> <i>atualiza-se hoje em mim.</i>	110

7. Orar é... deixar ao Espírito que ore em meu interior..... 113

UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA	
<i>O mais importante... é o Espírito.....</i>	113
A CAMINHO COM O NOSSO GUIA	
1. Um dom que se há de pedir.....	116
2. O Espírito de Deus é quem ora em nós	117
UM EXERCÍCIO DE ORAÇÃO	
<i>O Espírito Santo habita e ora em mim.....</i>	119

8. Orar é... agradecer e oferecer, como instrumento da obra de Deus 121

UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA	
<i>Senhor: a Tua Obra!.....</i>	121
A CAMINHO COM O NOSSO GUIA	
1. Viver à procura da raiz.....	123
2. Do agradecimento à oferenda	124
3. Uma vida unificada na oferenda.....	125
UM EXERCÍCIO DE ORAÇÃO	
<i>Com o ícone da Trindade</i>	127

E já no fim..... 133

<i>Um pequeno vade-mecum</i>	133
------------------------------------	-----



PISTAS PARA O CAMINHO

À beira do caminho.

Está na hora de dar o salto!

Ponhamo-nos a caminho!

1. Começa a aventura: uma olhada ao mapa.
2. Orar é... um tempo de retiro.
3. Orar é... uma relação de amor.
4. Orar é... esperar a passagem d'Ele, embora se demore.
5. Orar é... abrir-se à presença de Deus, e celebrá-la!
6. Orar é... entrar no mistério de Cristo e se deixar evangelizar por Ele.
7. Orar é... deixar que o Espírito ore no meu interior.
8. Orar é... agradecer e oferecer, sentindo-se instrumento da Obra de Deus.